UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MODERNAS – ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

THAÍS CRISTINA CASSON

AGÊNCIAS DE TRADUÇÃO, SEUS PROFISSIONAIS E PROCEDIMENTOS: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MELHOR CONSCIENTIZAÇÃO DO TRADUTOR EM FORMAÇÃO

São Paulo

2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MODERNAS
ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

THAÍS CRISTINA CASSON

AGÊNCIAS DE TRADUÇÃO, SEUS PROFISSIONAIS E PROCEDIMENTOS: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MELHOR CONSCIENTIZAÇÃO DO TRADUTOR EM FORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lenita M. Rimoli Esteves

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: CASSON, Thaís Cristina

Título: Agências de tradução, seus profissionais e procedimentos: contribuições para uma melhor conscientização do tradutor em formação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Drª. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Drª. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Drª. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

É difícil colocar no papel a importância da ajuda e colaboração de muitas pessoas para este trabalho (mesmo indiretamente), por receio de esquecer nomes, pois uma vez escrito e publicado, não há mais como acrescentar ninguém. Por isso, para este agradecimento, muitos rascunhos foram escritos na tentativa de não deixar ninguém de fora.

A meus pais, Teresinha e Barjon, pelo incentivo ao estudo e à leitura desde muito cedo. Sem esse incentivo, eu nunca teria chegado a escrever esta dissertação.

A meus irmãos, Marco e Ricardo, por serem meus amigos, protetores e críticos também. Vocês foram meus primeiros professores.

A meus amigos. Alguns acompanharam o processo mais de perto, outros nem tanto, mas todos souberam respeitar minhas ausências e aprenderam a ouvir um frequente “não posso ir, tenho que estudar” de minha parte, sem nunca me cobrarem nem reclamarem por isso. Um agradecimento especial à minha amiga Aline, por me mostrar o caminho até o mestrado, desde o primeiro prospecto com cursos e orientadores, até o incentivo e os conselhos de como me preparar para o ingresso no programa. Sem sua ajuda tudo teria sido muito mais difícil, ou talvez nem ao menos tivesse acontecido.

Ao *worldwide famous* GTG (definição roubada de um de seus membros), o grupo de pós-graduandos mais divertido de toda a USP, em especial à Lara, por compartilhar comigo as angústias e os momentos mais tensos na finalização deste trabalho.

Aos coordenadores dos cursos de Tradução e aos professores da FMU, da Universidade Anhanguera, Metodista e Mackenzie que permitiram que eu aplicasse meus questionários durante as aulas.

Aos alunos que cederam um pouco de seu tempo para responder meus questionários.

Aos tradutores entrevistados que, mesmo dentro da atribulada rotina de uma agência, aceitaram responder a minhas perguntas e dividir comigo um pouco de suas valiosas experiências.

E por fim, mas não menos importante, à minha orientadora, professora Lenita. Agradeço por acreditar em mim desde o começo, por arriscar-se a orientar um

trabalho com um tema tão diferente, e principalmente, por ter muita paciência com sua orientanda um tanto relapsa.

RESUMO

Este trabalho pretende contribuir para a diminuição de um vão que se observa entre a formação acadêmica dos graduandos dos cursos de Tradução e a realidade do profissional após ingressar no mercado, explorando como as agências de tradução, parte significativa do mercado de trabalho na área, são vistas pelos tradutores em formação da cidade de São Paulo. Para isso, foram aplicados questionários a alunos de diferentes semestres de algumas faculdades de Tradução de São Paulo; além disso, tradutores profissionais de agências foram também entrevistados. Acima de tudo, a grande questão que este trabalho procura investigar é se os alunos estão sendo bem preparados para o mercado de trabalho de tradução.

Palavras-chave: Graduação em tradução; Tradução e mercado de trabalho; Agências de tradução.

ABSTRACT

This work aims at bridging a gap observed between the education of undergraduates in translation courses and the reality faced by the professional after graduating, exploring how translation agencies, a significant part of the translation industry, are considered by these students. With this purpose, questionnaires were applied to undergraduates in different stages of some translation schools in São Paulo City. Professional translators working for agencies were also interviewed. The main issue raised by this dissertation is whether students are being well prepared to face the market after graduation.

Keywords: Translation courses; Translation and labor market; Translation agencies.

SUMÁRIO

Introdução.....10
O tradutor visto pelo público geral em geral.....11
Tema e Justificativa.....13
Objetivos.....13
Metodologia.....14
Capítulo I Agências de Tradução, seus Profissionais e sua Ética.....15
1.1 O conceito de “agência” de tradução.....15
1.2 Como funciona.....18
1.3 Para quem se traduz?.....19
1.4 Prazo x Qualidade x Quantidade.....20
1.5 Agências de Tradução no Exterior: O Caso da União Europeia.....24
1.6 Tradução e Ética.....25
1.6.1 Sobre a Ética do Tradutor.....26
1.6.2 Os Princípios de Pym para a Ética do Tradutor.....27
1.6.3 Andrew Chesterman e os modelos de ética na tradução.....29
1.6.3.1 Na prática.....30
1.6.3.2 O Juramento do Tradutor, proposto por Andrew Chesterman.....34
1.7 O profissional tradutor.....35
1.8 Remuneração.....36
1.9 Dificuldades e dúvidas.....37
Capítulo II Graduação em Tradução.....40
2.1 O tradutor em formação.....43
2.2 Qual é a função da Graduação em Tradução (treinar x educar).....45
Capítulo III Pesquisa nos Cursos de Graduação.....48
3.1 Metodologia da Pesquisa com a Graduação.....48
3.2 Considerações anteriores ao projeto piloto.....48
3.3 Projeto Piloto.....49
3.3.1 Resultados do Projeto Piloto.....52
3.3.2 Áreas de Interesse.....56
3.3.3 O que é uma Lauda?.....57
3.4 Conclusão do projeto piloto.....58
3.5 Pesquisa nas Universidades.....60

3.6 Universidades visitadas.....62
3.7 Número de alunos que responderam ao questionário em cada universidade.....63
3.8 Análise Quantitativa.....63
3.9 Análise Qualitativa.....63
3.9.1 O que é uma agência de tradução?.....63
3.9.2 Pergunta 7 – Onde ou para quem você preferiria trabalhar como tradutor?.....65
3.9.3 Áreas de Interesse.....68
3.10 Conclusão.....69
Capítulo IV Entrevistas com os Tradutores de Agências.....71
4.1 Metodologia da Pesquisa com os Tradutores.....71
4.2 Considerações sobre as entrevistas e perfis dos tradutores.....75
Capítulo V Proposta de Exercício Prática em Sala de Aula.....79
5.1 Ferramentas.....79
5.2 Prioridades no ensino de tradução.....80
5.3 Exercício.....80
5.3.1 Primeiro texto.....82
5.3.2 Segundo texto.....85
Considerações Finais.....87
Apêndice A Levantamento das Agências de São Paulo.....89
Apêndice B Entrevistas com os Tradutores (transcrições e respostas enviadas por *e-mail*.....96
Bibliografia.....158

INTRODUÇÃO

Tradução é um ofício talvez quase tão ou mais antigo que a própria escrita, porém seu estudo e teorização são bem mais recentes. Atualmente, muitas universidades e profissionais no mundo inteiro dedicam suas pesquisas e seu tempo ao estudo de tradução como produto, como processo e aos profissionais responsáveis pela intermediação entre as línguas.

A ideia inicial para o que se transformaria nesta dissertação aconteceu durante as aulas de uma disciplina de pós-graduação do programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, intitulada *Panorama Teórico da Tradução* – que cursei como ouvinte em 2009, na USP. Nessa época, ainda não sabia qual seria o tema do mestrado que pretendia fazer. E como já estava formada havia 2 anos, busquei uma forma de voltar a estudar sobre um assunto que me fascina, desafia e assombra diariamente – a tradução. Já como uma tradutora profissional e atuante no mercado de trabalho, buscava enriquecer meus conhecimentos através dos textos e das discussões com outros colegas tradutores e pesquisadores. Naquela época, eu atuava no mercado de tradução junto a editoras e, principalmente, a agências. Para os dois tipos de instituições eu prestava serviços como *free-lancer*, nunca tendo sido contratada como funcionária efetiva.

Ao longo daquele semestre, em meio a discussões sobre os textos e sobre diversas questões ligadas à tradução como processo, como produto e a seus profissionais, nós tradutores, o que logo me chamou a atenção foi que apenas eu e mais uma colega trabalhávamos com agências; depois de um tempo, o que foi ainda mais surpreendente para mim foi a curiosidade dos colegas em relação ao nosso trabalho e às nossas “histórias” com as agências, pois nenhum outro colega sabia como funcionava esse relacionamento profissional e o que acontecia dentro dessas empresas e com os tradutores que trabalhavam nelas. E nossas “histórias” ora divertiam, ora chocavam, mas aquilo tudo, que era tão familiar para mim, era desconhecido dos outros, embora eu imaginasse o contrário. E foi aí que surgiu a ideia inicial para meu tema.

Outro fator determinante para que eu definisse qual seria o assunto que passaria alguns anos pesquisando foi o livro *Can Theory Help Translators?* –, de Emma Wagner e Andrew Chesterman. Os seminários que discutiram cada capítulo dessa obra na disciplina mencionada acima funcionaram basicamente como uma

representação “ao vivo” do diálogo presente nesse livro – de um lado a academia, na figura do professor e estudioso da Universidade de Helsinki, Andrew Chesterman, e do outro o ambiente profissional na figura da tradutora “prática”, Emma Wagner, que foi coordenadora do escritório de tradução de língua inglesa da União Europeia por 30 anos. Esse livro, do qual alguns tópicos serão utilizados neste trabalho, trazia na forma escrita uma versão do diálogo que tínhamos em sala, pois ao mesmo tempo em que estudávamos as diferentes teorias da tradução, percebíamos que muitas questões práticas ainda não estavam claras para todos os tradutores, principalmente no que não tangia à tradução literária. Foi aí que percebi que a experiência que eu tinha com agências e a experiência de tantos outros tradutores que trabalham com ou dentro delas poderiam ser utilizadas como estudo.[1]

O tradutor visto pelo público em geral

> [...] Esta abordagem jornalística ao trabalho do tradutor não é muito habitual, dado que o tradutor fica quase sempre na penumbra quando se trata de analisar um livro estrangeiro. [...] Sempre admirei o trabalho de tradutor. Trabalha quase sempre na sombra do nome do escritor, mas é um elemento essencial para o sucesso e reconhecimento crítico de uma determinada obra. Mas não é, certamente, um trabalho fácil. Existe aquela célebre máxima de raiz latina - que muito atormenta os intelectuais - que diz **"tradutore, traidore" [sic]**. Ou seja, a tradução é uma traição (à língua original da obra). Pode ser e pode não ser. Se já é difícil traduzir ficção tão complexa como a de **James Joyce, Kafka** ou **Musil**, como será com a poesia? Portugal tem grandes tradutores de várias línguas: **Vasco Graça Moura, Miguel Serras Pereira** e **Frederico Lourenço** (que traduziu "Homero") são apenas alguns nomes cujos trabalhos já mereceram prêmios. A tradução é um trabalho que exige um extraordinário conhecimento cultural das línguas com que se trabalha. É um trabalho tecnicamente árduo, de grande rigor intelectual e desgastante fisicamente. Conheci uma vez um tradutor português que traduzia autores alemães para português, e dizia que era um trabalho gratificante, mas apenas até certo ponto. Exige muita disciplina e empenho intelectual e nem sempre é reconhecido pelos leitores e pelas editoras, que geralmente pagam mal. E são poucos os tradutores portugueses que conseguem viver apenas deste trabalho [...]. (AFONSO, 2008)

---

[1] Neste trabalho farei referências aos termos *tradução literária* e *tradução técnica*, o primeiro referindo-se à tradução de romances, clássicos da literatura etc, e o segundo abrangendo documentos, contratos, manuais técnicos etc. Nem todos os tradutores utilizam ou concordam com essa diferenciação, que em uma análise mais criteriosa é terminologicamente insuficiente; porém, para os objetivos deste trabalho, essa diferenciação é adequada, já que o foco não é o estudo das diferentes áreas em que um profissional pode traduzir. Embora seja às vezes contestada, essa diferenciação é comum tanto entre os profissionais da área, quanto no meio acadêmico. Portanto, a utilização dos dois termos aqui pode ser justificada pelo uso.

Essa passagem, retirada de um depoimento na Internet, é um exemplo de como alguém do público leigo vê a profissão de tradução: parcialmente, ou seja, enxergando apenas um de seus campos, a tradução literária.

Dentro da teoria de tradução, encontramos diversas metáforas sobre a figura do tradutor: o traidor, o canibal, a amante... mas todas essas figuras "secundárias" são tradutores dos clássicos da literatura, profissionais cujos nomes são conhecidos, citados, e estudados – seja sob uma visão positiva ou não.

Se para muitos o autor de um texto vem em primeiro lugar numa hierarquia, e o tradutor de seu texto "trabalha quase sempre em sua sombra", onde fica um tradutor de agência então? Sua função é a mesma – traduzir um texto – mas seu nome não é conhecido, pois não existe espaço na tradução para ele (às vezes nem mesmo para o nome do autor do texto original, no caso de um manual de uma empresa, por exemplo). Sua identidade não é revelada, seu trabalho é pouco conhecido, e portanto, seus métodos, qualidades e dificuldades são pouco estudadas.

O fato de um tradutor literário ser considerado menos importante do que um autor/escritor incomoda muitos profissionais da área, que escreveram – e ainda escrevem – repelindo essa "imagem" (um dos muitos artigos onde isso fica bastante claro é o da tradutora literária Beatriz Zeller, "On Translation and Authorship", 2000); mas podemos verificar uma hierarquização desse tipo dentro da própria área de tradução: tradutores literários – (re)conhecidos, cujos trabalhos são objeto de estudo, os chamados "tradutores profissionais"; e os tradutores que trabalham com as áreas chamadas técnicas – aqueles que trabalham em agências de tradução, ou *free-lancers* que lidam com manuais, bulas, panfletos e qualquer outro material que não é literatura. Adaptando uma definição da tradutora Ivone C. Benedetti, podemos chamá-los de tradutores-meio. No prefácio do livro *Conversa com Tradutores* (2003), Benedetti estabelece uma distinção entre dois tipos de traduções: traduções-meio e traduções-fim. As primeiras constituem o grupo de traduções feitas para outros fins que não a compra pelo usuário final, o que incluiria todos os exemplos citados acima (manuais etc.). Traduções-fim seriam aquelas feitas para serem vendidas como produtos finais, como é o caso do mercado editorial. No caso das agências, que podem trabalhar com ambos os grupos, é muito mais comum a atuação com traduções-meio, o que torna seus profissionais tradutores-meio. A professora Benedetti não inclui o trabalho nas agências nessas definições, fazendo um

pequeno adendo sobre elas ao fim de seus comentários sobre esses novos termos mas, pelas definições, parece apropriado enquadrar os tradutores de agências na definição de profissionais que trabalham com traduções-meio.

Os nomes dos tradutores-meio nunca são divulgados, e consequentemente, eles ficam marginalizados (o tradutor mais “invisível” de todos). Essa marginalização acaba sendo reforçada pelos próprios tradutores-meio, que também não escrevem sobre seus métodos, não publicam artigos para que seu trabalho e seus nomes sejam mais conhecidos.

Se a academia volta seu olhar e sua pesquisa para a tradução-fim, tradutores-meio aparentemente também pouco se interessam pelas pesquisas feitas pela academia.

Tema e Justificativa

As agências de tradução e os profissionais que para elas trabalham estão numa espécie de ‘limbo da tradução’: as teorias atuais não abrangem muitos dos assuntos traduzidos nas agências (já que grande parte dos estudos da tradução é dedicada à área literária, na qual as agências não atuam), agências em geral são criticadas – alguns dos termos repetidos sobre elas são: “mal-pagadoras”, “exploradoras” etc –, e a forma como funciona o trabalho dentro delas é desconhecida (quais os assuntos mais traduzidos, como eles são atribuídos aos tradutores, quais são as etapas do processo de tradução, e até mesmo quais são os preços praticados). Por outro lado, o número de agências em São Paulo e o número de tradutores que trabalham para elas é cada vez maior, e elas são uma parte importante do mercado de trabalho da tradução, tanto pelo fluxo de tradução que movimentam quanto pelo fato de elas, com bastante frequência, contratarem alunos dos cursos de Graduação em Tradução (graduandos e recém-formados). Porém, nos cursos de Tradução, os alunos pouco ou nada sabem sobre a rotina de trabalho dessas empresas, e consequentemente não são preparados para trabalhar com elas, o que cria um vão muito grande entre o que eles aprendem e a prática da tradução como profissão.

Objetivos

Por meio de um estudo das agências de tradução, seu funcionamento e seu relacionamento com os tradutores, este trabalho tem como objetivo principal trazer

uma contribuição para os tradutores em formação. O trabalho explora como essas empresas funcionam, quais aspectos são importantes quando se trabalha para elas, como é o processo seletivo para a contratação de profissionais. Além disso, o trabalho oferece, a título de sugestão, um exercício simples e prático que pode ser aplicado em sala de aula; o exercício se propõe como uma espécie de vivência do ambiente de trabalho de um tradutor de agência, no qual os alunos utilizariam ferramentas de tradução, teriam contato com áreas bem diferentes e um curto prazo para traduzir. O exercício poderia dar uma ideia mais exata do trabalho desenvolvido por tradutores nesse tipo de empresa.

Metodologia

Para obter dados que respondessem a meus questionamentos acerca da profissão e principalmente da formação de tradutores, duas ferramentas das Ciências Sociais foram utilizadas: questionários e entrevistas.

Os questionários foram aplicados em 3 faculdades diferentes da cidade de São Paulo (Faculdades Metropolitanas Unidas, Universidade Anhanguera e Instituto Presbiteriano Mackenzie), para semestres variados.

As entrevistas foram feitas com 8 tradutores, de diferentes agências, diferentes perfis e até funções. Os entrevistados foram selecionados aleatoriamente, a partir de um levantamento das agências de tradução de São Paulo (Apêndice A).

Uma explanação mais detalhada da metodologia usada nas entrevistas e na formulação dos questionários será feita logo antes da apresentação dos resultados, nos Capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO I
AGÊNCIAS DE TRADUÇÃO, SEUS PROFISSIONAIS E SUA ÉTICA

Este capítulo traz um panorama das agências de tradução, tanto no Brasil como em outros países do mundo. Os dados para esse panorama foram obtidos em entrevistas que realizei, em dados colhidos na Internet e na minha própria observação pessoal em interações com agências. Além disso, foram consultados alguns textos sobre o funcionamento das agências em outros países do mundo. O capítulo também discute o perfil do profissional que trabalha nesse tipo de instituição e a ética praticada em seu ambiente de trabalho. Para a discussão sobre ética profissional, fez-se necessária uma discussão da ética na tradução em termos mais gerais.

1.1 O conceito de "agência" de tradução

Agências, escritórios, empresas de tradução... muitos são os nomes utilizados para definir uma empresa com profissionais que traduzem textos para clientes. Além disso, o formato dessas empresas pode variar bastante, já que um único tradutor pode constituir uma agência.

> [...] The translation industry has very low barriers to entry – any freelance translator can become an "agency" by setting up a web site and taking orders. In fact, many of the larger translation firms competing today were started by freelance translators who gradually expanded their businesses to include a greater number of language pairs. (YUNKER, 2010, p. 21)

Algumas são constituídas por dois tradutores, outras têm mais de 50 profissionais (entre tradutores, revisores, coordenadores etc). Esse tipo de empresa é um fenômeno mundial. Yunker estimou em 2010 que havia no mundo entre 3.000 e 6.000 agências (YUNKER, 2010, p.21), sendo elas desde empresas muito pequenas até gigantes do setor.

Só no estado de São Paulo, existem mais de 100 agências, de micro até grande porte, de acordo com meu levantamento feito entre os anos de 2010 e 2012 (Apêndice A). Dessas 100 agências, nem todas possuem endereço fixo (mais de 60

possuem)[2]. Mas quem são os profissionais que trabalham com elas e dentro delas? Agências também são uma opção para os tradutores na graduação (pois muitas contratam estudantes como estagiários) e para recém-formados, o que nos leva a outras perguntas: esses alunos têm conhecimento sobre essa possibilidade no mercado de trabalho durante o curso? E estão tendo treinamento adequado para exercer a função em uma agência? As universidades têm preparado seus alunos para o trabalho em agências, ou elas reproduzem o "velho" ciclo, treinando seus alunos para o mercado editorial apenas? Qual é a formação dos profissionais das agências? Quais são seus métodos de trabalho? E, ainda mais importante, os tradutores das agências que vêm dos cursos de graduação estão aplicando as teorias da tradução em seu trabalho diário? Se sim, de que forma? O que eles aprenderam foi relevante para trabalhar com uma agência?

Agências de tradução são empresas relativamente recentes[3] no Brasil se as compararmos com outros serviços, mas seu número tem crescido e, consequentemente, os profissionais que exercem a função de tradutores dentro delas, ou para elas, também.

Outro aspecto a ser levado em consideração quando falamos de agências é a emissão de nota fiscal para os clientes por parte dos tradutores. Alguns clientes (empresas, principalmente) exigem a emissão de NF para os serviços prestados a eles, o que inclui serviços de tradução. Para emitir NF o tradutor precisa ser pessoa jurídica, ou seja, ter empresa aberta.

> Eu trabalhava para algumas agências, algumas poucas agências, que não me exigiam nota, e alguns clientes para os quais eu passava RPA, e recolhia carnê leão; fazia minha contabilidade toda como autônoma. Só que muitos clientes passaram a não querer, e principalmente quando eu passei a ser intérprete, RPA era uma coisa muito complicada para eles. Eles não querem um recibo de autônomo, por várias questões, inclusive legais, principalmente legais. Se você tem uma constância – no caso de tradutor: eu tinha um cliente para o qual eu fazia atualizações, eu fazia atualização do

[2] Na verdade esse também é um dado difícil de afirmar, já que algumas agências utilizam o endereço residencial de algum de seus sócios, ou mantêm em seu *web site* o endereço antigo quando na verdade já não possuem uma sede, e seus tradutores trabalham em suas próprias casas. Foi considerado o número de agências com endereços fixos baseado naquelas que possuem endereço divulgado em seus *sites*. As outras agências não colocam endereço no *site*, apenas telefones para contatos, e algumas nem isso, apenas um e-mail para contato, ou uma caixa de mensagens no próprio *site* para que o leitor/cliente preencha. A lista de todas essas agências pode ser encontrada no Apêndice A.

[3] Dentro de meu levantamento, a mais antiga é de 1975.

> site, todas as atualizações, então eu tinha um trabalho mensal, era como uma conta – todo mês eu passava RPA pra eles. Isso, dependendo do caso, configura... habituidade [sic]... não, não é isso, mas é uma palavra parecida com isso, é um problema trabalhista, aquela pessoa pode exigir direito trabalhista como empregado, e não está empregado... eu poderia reivindicar vínculo empregatício, já que eu passava RPA mensalmente para aquela determinada empresa. Lógico que eu não ia fazer isso, mas um monte de empresas não quer isso, porque elas querem se precaver desse problema. E eu não era uma empregada, eu não tinha... mesmo para reivindicar isso daria trabalho, porque existem outras coisas para caracterizar vínculo empregatício que é a habituidade [sic], pontualidade e o local. Eu trabalhava na minha casa, na hora que eu queria, não respondia... ah, e insubordinação! Não tinha insubordinação [sic] a ninguém... então, nada mais caracterizava, mas eu passava recibos mensalmente para as empresas. E para a interpretação, como o valor costuma ser mais alto, é pior ainda, aí ninguém quer mesmo. E eu sempre quis fazer as coisas certinhas; eu não ia pedir nota emprestada, que era o que muita gente fazia na época, pra passar nota para um determinado trabalho. Ou então tem um monte de outras coisas... tem gente que tem a empresa de marcenaria do pai, e passa uma nota fiscal para um trabalho de interpretação?! Não faz sentido... aí por isso eu acabei abrindo a empresa. [...]
>
> Basicamente a abertura da primeira empresa era para resolver um problema legal/fiscal. Só que aí você [tradutor] vai criando um outro problema – você abre a empresa, ela começa a crescer. Primeiro você precisa ter um parceiro, porque empresa você [sic] não pode ser sozinho no Brasil. Agora até tem uma figura legal que permite você ter uma empresa de uma pessoa só, mas bom, quando eu abri, não era possível. Você só pode ter uma empresa se tivesse uma sociedade, então tinha que ter sócio. [...] Isso era uma coisa que também era comum na época: todas as empresas eram a pessoa e o marido ou a esposa. Porque você era obrigado, para poder abrir a empresa. Então na verdade você tem um monte de empresas de uma pessoa só! (informação verbal)[4]

Na União Europeia, por exemplo, existem 9 escritórios de tradução ligados às instituições, sendo o maior deles aquele que pode ser considerado a maior agência de tradução do mundo, que pertence à Comissão Europeia e localiza-se em Luxemburgo e Bruxelas (BAKER, 1998, p. 144)[5]. Artigos e livros escritos por alguns de seus profissionais (como Emma Wagner, Svend Bech e Kaisa Koskinen) revelam como funciona o processo de seleção de tradutores, como é o funcionamento e

---

[4] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 6 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.
Os nomes dos tradutores entrevistados não serão revelados. O roteiro de perguntas encontra-se no final do Capítulo 3 e as entrevistas transcritas completas no Apêndice B.

[5] De acordo com o Dr. Klaus Meyer Koeken, chefe do departamento de língua inglesa na Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia, em palestra dada em 2011 no III Colóquio de Tradução e Terminologia na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, a comissão contava com 1750 tradutores internos.

organização da agência, quais são os problemas relacionados a ela etc. Alguns desses trabalhos têm mostrado a grande distância que existe entre o estudo teórico e a prática, e que muito da teoria existente não se aplica ao ambiente da tradução na prática. Por isso a importância de esses profissionais da própria agência escreverem sobre suas rotinas, suas dúvidas e observações, para, além de divulgar todas essas características de seu trabalho, despertarem a atenção de estudiosos para um campo além do literário, e também contribuir para a formação de novos tradutores[6].

Só no Reino Unido estima-se que existam mais de 9000 agências de tradução (UK TRANSLATION COMPANIES, 2012)[7]. No Brasil, pouco se sabe sobre o trabalho dentro das agências de tradução. Números de empresas existentes, rotinas e qualquer outro dado são muito difíceis de conseguir devido à falta de fontes para pesquisa. A tradução e os tradutores relacionados a elas são pouco estudados.

Por outro lado, o crescimento da produção de empresas de tradução tem aumentado diariamente, e as agências estão se tornando uma opção de estágio, por exemplo, para alunos dos cursos de graduação de Tradução, como atesta esta reportagem:

> *O retrato da tradução no mundo*
>
> Apesar de a crise ter afetado negócios ao redor do planeta, o ramo da tradução segue com perspectivas otimistas. A previsão é que o mercado mundial de traduções cresça 67% até 2013 e arrecade US$ 25 bilhões. Em entrevista à agência EFE, Thiana Donato, presidente da empresa de tradução All Tasks, disse que embora a crise tenha levado as empresas a deixar de contratar serviços de tradução, o setor de traduções técnicas passa por um momento sem igual em toda a sua história. Na América do Sul, a chamada indústria de serviços multilíngues vem ganhando cada vez mais espaço. A tendência é fruto da expansão da Internet, que despertou a necessidade de divulgação de ideias e produtos em outros idiomas, gerando oportunidades para empresas de tradução. (*REVISTA LINGUA PORTUGUESA,* 2009, p. 09)

1.2 Como funciona?

Em três grandes agências visitadas, a estrutura era basicamente a mesma: como a de uma redação de jornal, dois ou mais grandes espaços com cubículos, e em cada um deles um tradutor e/ou revisor trabalhando em seu computador. As

---

[6] Os escritos desses profissionais formam uma importante base para este trabalho.

[7] Dado retirado de http://www.uktranslationcompanies.co.uk, que contradiz a informação anterior sobre o número de 6000 agências no mundo.

agências de grande porte possuem algumas divisões que separam os departamentos (financeiro, controle de qualidade, atendimento ao cliente etc) e os tradutores em geral ficam todos juntos, no mesmo espaço.

1.3 Para quem se traduz?

Diferentemente de um tradutor que trabalha com um livro, um tradutor de agência muitas vezes não tem ideia de quem lerá sua tradução[8] – sabe-se no máximo para qual empresa/cliente se está traduzindo, mas se o material será usado em uma reunião, em um treinamento, ou simplesmente para que um único funcionário possa ler e entender o texto, isso não lhe é informado. Portanto, a ideia de público-alvo é praticamente eliminada aqui. O foco é a terminologia específica do assunto que está sendo traduzido, que pode variar bastante.

> What do we translate? Almost anything, it seems at times. Once we tried to think of a subject we had not dealt with in a translation. Knitting? (No – clothing manufacture.) Football? (No – free movement of footballers.) Sex? (No – sexually transmitted diseases, harmonization of condom size, employment status of prostitutes, pornographic content of television without frontiers, etc.) (BECH; MARTÍNEZ; WAGNER, 2002, p.98)

Algumas agências limitam os assuntos com os quais trabalham – são especializadas em determinadas áreas (como é o caso da agência Brasil Traduções, que em seu *site* se define como 'uma agência especializada', e trabalha com as áreas jurídica, médica, financeira etc), ou trabalham apenas com patentes (C & S Inter Patents, de São Paulo), ou possuem duas ou três áreas com as quais trabalham. Mas muitas aceitam qualquer tipo de trabalho, e com o texto em mãos, buscam tradutores, dentro ou fora da agência (*free-lancers*) que possam lidar com o material. Para testar isso, entrei em contato com duas agências de São Paulo, para encomendar um trabalho. O assunto que escolhi foi, propositalmente, de uma área bem diferente: uma lista de termos de dança. A primeira agência contatada respondeu que não tinha profissionais para traduzir aquele tipo de texto. A segunda

---

[8] Mesmo que essa percepção não fique totalmente clara para um tradutor de editora, é possível que o tradutor tenha essa ideia de público-alvo mais clara para si só pelo tema/história do próprio livro e pelo conhecimento de outras obras publicadas pela mesma editora. A série americana *Head First*, por exemplo, que no Brasil tornou-se *Use a Cabeça*, possui livros que em geral são voltados para áreas como: programação, controle de projeto etc, ou seja, o público-alvo é formado de estudantes e profissionais dessas áreas, o que faz com que o tradutor tome decisões específicas relacionadas à terminologia apropriada.

agência aceitou o trabalho, que consistia de 3 páginas, com 361 palavras no total. Não estipulei nenhum prazo. A agência me apresentou o orçamento (R$ 20 por página), dizendo que depois que eu fizesse o depósito, me entregaria a tradução feita no dia seguinte. Atrasou 2 dias, mas entregou o trabalho, e pediu desculpas, dizendo que aquele trabalho fora um dos mais difíceis que eles já haviam feito em termos de terminologia.

Pode-se dizer que, nas agências que trabalham com qualquer tipo de texto, praticamente não existe o tradutor especialista em uma ou duas áreas de atuação. Isso pode ser constatado nos depoimentos dos tradutores que responderam aos questionários fechados. A pergunta tinha o objetivo de saber em quantas áreas o tradutor atua, sendo que, a anterior perguntava se o tradutor tinha especialização em alguma área específica. Todos os tradutores que responderam ao questionário assinalaram a opção “Mais de 3” na pergunta “Em quantas áreas traduz?”, o que indica que eles traduzem textos de áreas nas quais não possuem formação.

Muitos tradutores traduzem uma enorme variedade de assuntos diferentes, sendo a pesquisa seu grande instrumento de trabalho, como se vê neste depoimento.

> [...] Hoje você tem mais ou menos áreas em que você tem uma afinidade, não que você saiba a terminologia técnica, não que você conheça sobre tudo, mas tem áreas em que você tem mais afinidade e se existem trabalhos nessa área eles passam para você, mas nem sempre tem trabalho na sua área, tudo ideal... gente, é fato: tem horas que você aceita coisas que você não sabe porque o tradutor adquire um conhecimento geral, pesquisa em tradução, e tem a memória de tradução, o Trados, tem dicionário, outras pessoas que podem te ajudar, então você acaba aceitando de tempos em tempos o desafio, até para você expandir. [...] (informação verbal) [9]

Para um tradutor de agência, a pesquisa é a principal ferramenta, o que faz com que, mesmo não sendo especializado em uma determinada área, ele possa aceitar traduzi-la e fazê-la com qualidade e dentro do prazo estipulado.

1.4 Prazo x Qualidade x Quantidade

Pode parecer bastante óbvio dizer que uma tradução deve ter qualidade. Apresentar um trabalho com qualidade é função de qualquer profissional, tanto do

[9] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 1 [2011]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

tradutor, quanto do revisor, e consequentemente, da agência. Esse é um dos compromissos que a agência estabelece com seu cliente, e é um ponto bastante destacado no *marketing* não só de agências de tradução, mas de qualquer empresa. Mas outro ponto, até mais importante em relação às agências, é o cumprimento de prazos, em geral bastante curtos.

É ponto comum entre as agências que os prazos são muito curtos

> Olha, [para ser um tradutor de agência] tem que ter muita, mas muita paciência, porque é corrido, os clientes não estão nem aí, tem o prazo deles e ponto, e... ser rápido. Tem que ter mesmo habilidade com as ferramentas, digitar rápido, raciocínio rápido, por exemplo, você está com uma dúvida, às vezes é mais fácil você pular aquilo e ir para uma parte que você está conseguindo levar bem, depois voltar no problema, porque você tem que fazer, tem que seguir o ritmo, e é puxado. (informação verbal)[10]

> [...] trabalhava para a outra agência, que tinha muito trabalho nesse esquema, nesse ritmo maluco aí. Tinha que fazer pelo menos 20 laudas por dia. Até que um dia a gente achou... estava meio que se sentindo explorado, né? Porque a gente não tinha sábado, domingo, era direto. Aí chega uma hora que você cansa. [...] (informação verbal)[11]

O texto sobre qualquer assunto traduzido em um prazo ínfimo. Aqui o chavão "o cliente é quem manda" nunca foi tão verdadeiro. Se a agência trabalhar com a área do documento requerido, em geral qualquer prazo pode ser cumprido. No caso de ser um documento muito grande, ele é dividido entre vários tradutores, mas o prazo é determinado pelo cliente. O prazo até pode ser negociado, mas o cumprimento de prazos muito apertados é uma das vantagens oferecidas pelas agências, já que seus profissionais estão acostumados a trabalhar com prazos mais curtos, e pela possibilidade de realizar trabalhos em grupo. Nos *sites* de algumas agências é possível pedir um orçamento, digitando dados como área, quantidade de laudas/palavras, e prazo. Com esses dados, o cliente recebe um orçamento. Também encontramos as chamadas "taxas de urgência" – o cliente paga pelo cumprimento de um prazo exíguo, mas o importante é que a agência cumpra o prazo. Em São Paulo existe um grupo de tradutores que formam o chamado Pronto-

---

[10] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 2 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

[11] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 7 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

Socorro de Traduções, que faz traduções juramentadas urgentes, disponível 24 horas por dia[12].

Nas entrevistas que realizei com os tradutores, o prazo sempre é um ponto bastante destacado. Nos cursos de tradução da Graduação, o foco está apenas na qualidade, pois os alunos possuem longos prazos para realizar pequenas traduções, com discussões subsequentes sobre os porquês das escolhas de determinadas palavras/construções dentro do texto, o que não apresenta aos alunos a realidade de uma agência, e não lhes permite experienciar esse processo de conciliar qualidade com um curto espaço de tempo. Outros pontos e discussões de sala de aula também não correspondem a questões reais do mercado de trabalho.

> Eles [os alunos da graduação] não fazem ideia do que é o mercado de trabalho de tradução. Não fazem! Eles acham que o mercado de tradução é literário, e não é. A menor parte do mercado é literário. E eles acham várias coisas, de como seria a postura, o papel do tradutor no processo de tradução. Eles acham que na área literária há um poder de decisão maior do que há na verdade, porque na [tradução] técnica tem um poder de decisão maior. No máximo, é na juramentada, que seu nome vai lá embaixo, com seu carimbo, então é totalmente autoral, você tem total direito sobre o que está escrito em valor de lei, daquilo que está escrito. Valor de tabelião. (informação verbal)[13]

Por outro lado, a questão do que é um texto bem traduzido é uma discussão antiga e recorrente na área de tradução. Atestar qualidade não é fácil, e o próprio conceito do que é uma “boa tradução” é bem subjetivo. Para “garantir” um bom produto, diferentes soluções têm sido utilizadas no caso da tradução, como por exemplo uma certificação – a ABNT NBR ISO 9001 – que algumas agências de tradução possuem. Embora ela não faça referência nenhuma à qualidade “da tradução”, é uma forma de mostrar ao cliente que seu trabalho terá um controle de qualidade.

> A referência à ABNT NBR ISO 9001 indica que o fornecedor tem um Sistema de Gestão da Qualidade que atende aos requisitos desta Norma. Ele dará ao cliente confiança na capacidade do seu fornecedor [agência] de fornecer bens e serviços conformes, de forma consistente, com o que o cliente especificou. A ISO 9001 requer que o fornecedor monitore os níveis de satisfação de seus

[12] http://tradutor24horas.sites.uol.com.br

[13] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 3 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

> clientes e realimente o seu Sistema de Gestão da Qualidade com essa informação, a fim de aumentar a sua eficácia. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS)

A União Europeia, em contrapartida, possui um padrão de qualidade específico para traduções, aprovado em 2006, o *BS EN-15038 European Quality Standard*, que "offers both translation service providers and their clients a description and definition of the entire service. At the same time it is designed to provide translation service providers with a set of procedures and requirements to meet market needs".

> Any translation service under EN-15038 must include as a minimum, translation and review.
> Translation and checking. A translator with the appropriate competences translates the documents and after finalising the initial translation, checks his/her own work.
> Review. A person other than the translator reviews the translation. The standard defines review as "examining a translation for its suitability for the agreed purpose, and respect for the conventions of the domain to which it belongs and recommending corrective measures".
> Translators who take part in translation projects under EN-15038:2006 must demonstrate the professional competences specified in the standard by meeting at least one of the three requirements.
> Advanced translation studies (recognised qualification)
> Equivalent qualification in another specialisation plus a minimum of two years documented experience in translation.
> At least five years of documented professional experience in translation.
> In addition to complying with one of the above three requirements, reviewers must have translation experience of the subject in question.
> The client may also contract other services as part of the translation process such as revision, proofreading, also contemplated in the standard and other added value services such as sworn translation, terminology database creation and management, desktop publishing, etc. (European Quality Standard for Translation Service Providers, 2006)

Em Portugal, existe a APET – Associação Portuguesa de Empresas de Tradução -, com 15 empresas membros (até Abril de 2012), que

> visa fomentar e dignificar a actividade das empresas de tradução portuguesas, contribuindo para a sua divulgação e para a defesa dos seus interesses, tanto a nível nacional como internacional. (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EMPRESAS DE TRADUÇÃO)

Entre outros benefícios, a APET oferece treinamento e consultoria sobre ferramentas e serviços para as empresas membro.

No Brasil não há nenhuma Associação de Empresas de Tradução, mas sim uma associação de tradutores, a Abrates, e um sindicato, o Sintra. Para filiar-se à Abrates, o tradutor precisa passar por uma prova onde terá que traduzir textos em áreas diferentes, e nas duas direções, ou seja, de uma língua estrangeira para o português e vice-versa. Esses textos são avaliados por uma comissão de tradutores e, se as traduções forem consideradas satisfatórias, o tradutor é aprovado. Para filiar-se ao Sintra, há uma série de pré-requisitos, mas não há uma prova. Além disso, o membro deve pagar um valor anual. As agências não exigem que seus tradutores se filiem a nenhum dos dois órgãos.

O Sintra possui uma tabela com valores praticados no mercado de tradução. Porém, nessa tabela só é possível checar o valor praticado para Tradução Literária. Sobre o porquê de a tabela não incluir valores para tradução técnica (conjunto de áreas com as quais as agências trabalham), a Associação explicou em mensagem que

> Os valores disponíveis no site do SINTRA servem apenas como referência, tendo em vista que o profissional de tradução ainda não possui uma regulamentação de sua atividade. Sendo assim, não existe um piso salarial. Portanto os valores dos serviços prestados são acordados diretamente com o cliente.[15]

1.5 Agências de Tradução no Exterior: O Caso da União Europeia

Emma Wagner, Svend Bech e Jesús M. Martínez – tradutores do escritório de tradução da Comissão Europeia – descrevem em seu livro *Translating For the European Union Institutions* como funciona o trabalho da Comissão e de outros escritórios da UE.

O processo de seleção de tradutores internos (a Comissão também contrata muitos *free-lancers*, dependendo do idioma) é unificado entre alguns dos escritórios[16], e consiste em 4 exames escritos e um exame oral, processo que leva ao todo de 8 a 10 meses em geral.

---

[15] Resposta enviada por e-mail pelo SINTRA, em resposta ao porquê de não haver preço tabelado para a tradução técnica.

[16] O Conselho da União Europeia (Council of the European Union) e a Corte de Justiça Europeia (European Court of Justice) organizam seus próprios processos de seleção devido às diferentes exigências inerentes ao tipo de trabalho executado dentro delas.

Nos testes escritos, o candidato passa por um exame eliminatório de tradução e por outro com questões de múltipla escolha de conhecimentos gerais e assuntos ligados à União Europeia como um todo. Os outros 2 testes são de tradução para duas línguas oficiais estrangeiras.

Para tornar-se tradutor de um desses escritórios, além de passar pelo rigoroso processo de seleção, o candidato deve ter a nacionalidade do país da língua para a qual irá traduzir, ser no mínimo bacharel em Letras ou em outra área com a qual possa trabalhar traduzindo, como Economia, e ser proficiente em pelo menos 2 outros idiomas oficiais além da língua materna.

Na Comissão, os profissionais são classificados como “tradutor assistente” e “tradutor”. Os primeiros não possuem muita experiência e são recém-formados, e os últimos possuem vários anos de trabalho, além do diploma.

No Brasil – e em qualquer outro país – não há uma agência com o tamanho do escritório da Comissão Europeia, que é um órgão público. Porém, independentemente do tamanho da agência, dois pontos em comum entre o enorme escritório da UE e muitas das agências daqui podem ser destacados: prazos exíguos e volume de trabalho. A relação prazos/volume de trabalho e agências é praticamente indissociável. Portanto, analisar os métodos de trabalho e de seleção de tradutores adotados pela Comissão, pode nos ajudar a entender o funcionamento de agências de qualquer lugar (embora haja diferenças notáveis). Essas informações sobre a Comissão Europeia foram acrescentadas aqui porque é muito pouco o que se sabe sobre as agências e seus tradutores aqui no Brasil.

1.6 Tradução e Ética

Embora exista um enorme número de profissionais trabalhando com Tradução atualmente, a profissão ainda não possui um órgão que estabeleça os deveres e direitos dos Tradutores. Um tradutor profissional nem ao menos precisa de um Diploma para ser Tradutor. Mas, na qualidade de profissional exercendo a função de tradução, formado ou não, como cobrar um cliente que não pagou? Ou o contrário, como cobrar um tradutor que não entregou uma tradução no prazo? A quem reclamar se o texto não foi totalmente traduzido, conforme acordado com o profissional? Não existe um órgão único que dê conta desse tipo de problema, caso ocorram (e os tradutores sabem que eles acontecem). A relação tradutor/cliente é basicamente uma relação de confiança. O cliente lhe entrega um texto (que pode ser

de sua própria autoria ou de terceiros, um documento confidencial da empresa, um manual de circulação interna etc), confia-lhe este material, e o tradutor, por sua vez, dedica seu tempo e trabalho para traduzi-lo, confiando que receberá o valor acordado dentro de um prazo estipulado. Existem modos de tornar isso mais formalizado, como um contrato, por exemplo, mas muitas vezes o contrato é apenas verbal (em minha experiência como cliente, descrita anteriormente, este foi o caso. Não houve nenhum contrato, nem ao menos um contato pessoal. Tudo foi feito por e-mail).

Portanto o ponto em comum e fundamental nessa transação é a ética profissional (de ambos os lados). O tradutor entrega uma obra traduzida dentro do prazo e o cliente paga o valor combinado dentro do prazo também. A definição de ética parece até simples quando exposta desta forma, mas muitos acadêmicos já mostraram que Ética em Tradução é um assunto bem extenso e difícil de definir.

1.6.1 Sobre a Ética do Tradutor

Um autor que abordou a questão da ética foi Anthony Pym. Em seu livro *On Translator Ethics: Principles for Mediation Between Cultures*, Pym afirma

> Yes, translation pays. Yet quantitative capitals are not the only measures of value. If translators pay for their work with their lives or their freedom, the stakes of their activities can sometimes be considerably higher than what can be enumerated. […] (2012, p.7)
>
> […] When Berman proposed that one should “receive the Other as an Other,” the consequence was roughly that one should translate literally so that the reader understands that the source text comes from a different culture. The advice is practical and practicable, but the basic principle is irredeemably abstracit purports to apply to all foreign texts, independent of specific contents. In fact, the founding assumption turns out to be remarkably the same as the ethics of content. (2012, p.10)

Como pensar nessas questões sob a perspectiva de um tradutor de agência? Obviamente Pym refere-se a tradutores e intérpretes de zonas de guerra, no primeiro caso, e à tradução literária no segundo. Mas neste último, a ideia de Berman de receber o Outro como Outro – embora o autor provavelmente não tenha pensado nisso – parece ser a prática comum quando se trata de um texto técnico. Traduzir literalmente e sem grandes alterações ao texto original é o método mais

praticado nas agências, sem grandes exceções (a não ser que seja alguma alteração/acréscimo/omissão requisitada pelo cliente, por exemplo).

> […] if we know *why* we translate, then we can deduce *how* we should translate and perhaps even *what* we should translate in each situation. We might thus seek to answer the fundamental question that Berman asked many years ago: if you know why, you can probably figure out how.
> But it is not really that simple. (PYM, 2012, p.12)

Como o próprio Pym pontua, e discute posteriormente em seu livro, nada é assim tão simples. Primeiramente porque a pergunta "por quê?" não é a pergunta fundamental no caso das agências; a pergunta mais importante seria "Para quando traduzo?" e logo em seguida, "Como traduzo?", na qual estão contidas outras como "Quais ferramentas irei usar?", "O cliente já possui uma memória de tradução ou glossário que devo seguir?", "Tenho algum glossário já pronto desta área?".

1.6.2 Os Princípios de Pym para a Ética do Tradutor

Por fim, Pym propõe 5 princípios éticos para o tradutor.

> ***First principle:*** *Translators are responsible for their product as soon as they accept to produce it.* The key question is not *how* to translate but *whether* you should translate, here, at this very time, from this very text, for this or that person, with or without sufficient umbrellas. If you can say *why* you should translate (rather than do something else), the strategies and methods should follow from there.
>
> ***Second principle:*** *Translators are responsible for the probable effects of their translations.* This is more difficult. The negative import is easy: the translator is not *directly* responsible for the matter translated, since authors are responsible for that, and translators are not authors (at least not while they are translating). The positive side is not quite so clear: as soon as they accept to translate, translators are responsible for the effects of their decision. They are responsible for the costs or savings of translation as opposed to alternative communication schemas; they are responsible for the relative ease or difficulty of the translation, for its orientation toward this or that purpose, and for its probable impact on the overall cooperation. A bad calculation in this regard is unfortunate, but not necessarily unethical.
>
> ***Third principle:*** *Translator ethics need not involve deciding between two cultures*. I thus try to avoid all the essentialist dualism that would pit one language against another, one society against another, or even, under the cover of critique of commerce, one social class against another. Although some choices may indeed involve deciding between two sides, and no matter how much the translation form sets

> up that fundamental binary opposition, the ethical thought that I am seeking should be strictly intercultural. Decisions for or against any communication participant should be based on an intercultural view of cooperation.
>
> ***Fourth principle:*** *Transaction costs should not exceed the total benefits ensuing from the corresponding cooperative interaction.* This fundamental economic principle assumes key importance in our age of relatively efficient translation technologies and the growing importance of volunteer and collaborative translation practices. Low-cost translations can be virtuous; they can widen the range of cooperative situations. At the same time, however, total transaction costs also include the work needed for receivers to turn cheap translations into knowledge-use, not to mention the social labor ensuing from situations where translators lose trust. Cheap translations may thus involve quite onerous total transaction costs.
>
> ***Fifth principle:*** *Translators, insofar as they are more than simple messengers, are responsible for the capacity of their work to contribute to long-term stable, cross-cultural cooperation.* As I have tried to show, this general aim incorporates versions of the more classical ethical aims of “trust”, “respect for the other”, and “minimization of communicative suffering”. The search of cooperation should thus generate general criteria for cross-cultural relationships that are both fair and alive.

Em relação a um tradutor de agência, o primeiro princípio é bem adequado quanto à aceitação do trabalho pelo profissional – consciente de seu prazo e quantidade de laudas. O que pode acontecer com tradutores inexperientes é de aceitarem um trabalho sem calcular corretamente o número de laudas x prazo. Ou pior, não saberem quanto conseguem produzir para fazer esse cálculo.

A partir do momento que um tradutor aceita um trabalho, conhecendo seu prazo, seu domínio e seu tamanho, é de sua inteira responsabilidade entregar uma boa tradução dentro do prazo estipulado.

O segundo princípio aborda a questão do tema da tradução. Cada tradutor possui um “limite pessoal”, podendo não aceitar traduzir textos cujos assuntos não concorde ou que, por algum motivo, contrariem algum princípio ético pessoal (violência contra animais, apologia ao crime, por exemplo). Isso parece estar mais relacionado a textos literários do que a textos técnicos, mas como trata-se de um valor pessoal, pode ser aplicado a qualquer profissional, inclusive a um tradutor de agências. O tradutor tem o direito de recusar um trabalho, seja pelo motivo que for, inclusive por motivos pessoais; a atitude ética aqui é analisar o texto – ou pelo menos informar-se sobre o tema – antes de aceita-lo, para não atrapalhar o

processo, caso aceite traduzi-lo, mas depois de um tempo resolva devolvê-lo à agência.

Os demais princípios de Pym estão muito mais relacionados à área literária, e até à interpretação, do que às agências.

1.6.3 Andrew Chesterman e os modelos de ética na tradução

Em seu artigo *Proposal for a Hieronymic Oath*, Andrew Chesterman propõe quatro modelos de ética em tradução (que organizei e traduzi na tabela abaixo para melhor visualização). O próprio Chesterman, após descrever os modelos, aponta os problemas de cada um deles devido, entre outras coisas, às suas limitações de abrangência.

	Ética da representação	**Ética de serviço**	**Ética de comunicação**	**Ética com base em normas**
Descrição	Representa o texto fonte, ou seu autor, sem nenhum acréscimo ou omissão do tradutor. O objetivo do tradutor deve ser representar o original 'como um bom espelho'.	A tradução deve estar de acordo com as instruções dadas pelo cliente. Além disso, o tradutor ético deve cumprir o prazo.	O objetivo é a comunicação interlinguística e intercultural. O tradutor é o facilitador dessa comunicação.	Traduzir segundo determinadas normas (que representam as expectativas da cultura que recebe a tradução), sem surpreender o leitor ou cliente.
Exemplos	Interpretação; textos sagrados.	Tradução comercial	_____	_____
Palavras-chave	Estrangeirização; fidelidade; texto-fonte.	Lealdade; cliente; eficiência.	Intermediação; tradutor.	Previsibilidade; conformidade; aceitação; cultura-alvo.
Problemas	Impossibilidade de uma representação totalmente verdadeira do texto fonte.	A invisibilidade do tradutor e a diminuição de sua autonomia.	Atribuição de responsabilidade total ao tradutor sobre o que está sendo comunicado.	Abordagem tão conservadora que poderia prejudicar as intenções do autor de surpreender o leitor.

Tabela 1. Os modelos de ética em tradução propostos por Andrew Chesterman

O trabalho nas agências de tradução pode ser enquadrado dentro dos segundo e quarto modelos (com algumas ressalvas e adaptações), pois tratam, respectivamente, da tradução comercial, feita para um cliente, e da tradução feita dentro de determinadas normas explícitas (que podem ser as cláusulas do contrato e as instruções do cliente para realizar o trabalho). Portanto, os outros dois modelos não serão discutidos neste trabalho.

Embora os autores que falam sobre ética – novamente – não tenham feito referências especificamente ao trabalho com agências, podemos encontrar alguns pontos de discussão importantes e coerentes com a função do tradutor em geral, inclusive para agências. Minha intenção é simplesmente falar sobre o profissionalismo do tradutor em termos "menos" filosóficos, destacando alguns pontos teóricos, mas principalmente, explorar como poderiam ser entendidos na prática de um tradutor de agência.

1.6.3.1 Na prática

Ética de Serviço

Parece bastante lógico que um tradutor seja ético em relação a seu cliente, seja ele quem for. A partir do momento em que o profissional aceita fazer determinado tipo de tradução – literária ou técnica – seu compromisso é entregar esse trabalho (bem) feito para seu cliente. Para uma agência, um dos pontos mais importantes sobre ética profissional é o cumprimento do prazo, pois caso ele não seja cumprido, isso atrasaria o trabalho de outros profissionais, como o do revisor, por exemplo, e até a entrega para o cliente final. Mais do que responder à pergunta básica "que todos os tradutores fazem, Como devo traduzir?" (PYM, 2012; p.12), em uma agência, a pergunta fundamental é, "Para quando devo traduzir?". Na realidade, muitos tradutores de agência não têm nem ideia de quem é o cliente, ou seu público-alvo, já que o contato inicial (pelo menos em agências de médio e grande porte) não é feito diretamente com o tradutor. Nessas agências, existem departamentos responsáveis pelo contato com o cliente; também existe o coordenador de traduções, responsável, entre outras coisas, pela atribuição dos trabalhos – para qual tradutor o trabalho será passado, considerando a área de atuação, experiência, disponibilidade etc. Com isso, o tradutor recebe o trabalho das mãos do coordenador, que pode fornecer detalhes sobre quem encomendou o trabalho ou não. A ética do serviço é então em relação à agência que o contratou – ela deixa de ser o intermediador entre o tradutor e o cliente, e passa a cumprir o papel de cliente, pois é a ela que o tradutor presta contas, entrega a tradução e é dela que recebe seu pagamento (que é um valor menor do que aquele pago pelo cliente final para a agência). Em alguns casos o tradutor sabe quem é o cliente final porque recebe juntamente com o trabalho a ser traduzido um glossário fornecido pela empresa (cliente final), pois muitas empresas exigem que as agências sigam uma

terminologia própria, e portanto fornecem um glossário para auxiliar no trabalho e na uniformização dos termos entre vários documentos.

Mas mesmo conhecendo o cliente final, dificilmente o tradutor tem acesso direto a ele – a agência é a intermediadora, e em caso de dúvidas, é a ela que o tradutor deve se dirigir.

Chesterman também destaca na descrição de sua ética de serviço a questão da invisibilidade

> They [the translators] are also efficient (they do not waste time or money – especially the client's), and perhaps also as invisible as possible. (CHESTERMAN, 2001, p.140)

Um tradutor de agência sabe que seu nome não será divulgado em nenhum dos trabalhos para o cliente final; em alguns casos, o nome da agência é que aparece; em outros, nem mesmo o autor do texto é conhecido, e sim a empresa para a qual o texto foi criado. Embora isso possa ser considerado um extremo da invisibilidade, podemos analisar isso por outra perspectiva: a visibilidade do tradutor está ligada à agência para o qual ele presta serviços – quanto mais seu nome for lembrado dentro dela (pela sua habilidade em fazer boas traduções e cumprir seus prazos), maior será seu reconhecimento e mais traduções serão passadas a ele (isso é fundamental para tradutores *free-lancers*, que dependem dessa visibilidade para garantir um bom fluxo de trabalho, e consequentemente terem uma boa remuneração garantida). Portanto, embora o tradutor de agência seja "invisível" para o público geral, ele pode receber (grande) reconhecimento e notoriedade de seu contratante – a agência.

> [...] E um dia, ela [a dona da agência] chegou para mim e falou assim, “olha, aquele trabalho que você fez, nossa, o cliente elogiou!”. É, ela ficou toda feliz e falou “vou te passar mais serviço daqui pra frente”, e foi assim que eu comecei. (informação verbal)[19]

Agências trabalham com a mais variada gama de assuntos. Nelas, podem ser traduzidos textos médicos, jurídicos, de informática, marketing, finanças, e muitos outros assuntos. Como já mencionado anteriormente, nem todas as agências trabalham com todos; algumas são especializadas, mas muitas aceitam qualquer

[19] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 7 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

tipo de texto, prazo, além dos mais variados idiomas. A ética de um tradutor de agência está muito mais ligada a sua postura no momento em que lhe é proposto um determinado trabalho, pois o tradutor é informado sobre o prazo, quantidade de texto e área que o texto aborda. Cabe a ele decidir se conseguirá cumprir o prazo e se tem conhecimento (ou até mesmo interesse) para traduzir um texto de determinada área. Após aceitar o trabalho, deve-se cumprir o prazo e prezar pela qualidade do texto. Seria antiético, por exemplo, um tradutor mentir a respeito das áreas sobre as quais possui conhecimento para traduzir, ou aceitar um trabalho sabendo que a quantidade de texto está muito acima de sua capacidade de produção diária, o que causará, consequentemente, um atraso e/ou queda da qualidade no trabalho final. Essa ética, pelo menos no caso das agências, é mais apropriada para o primeiro contato entre tradutor/agência, pois é neste momento que o tradutor aceita o trabalho ou não, considerando o tempo e o volume de texto. É muito mais ético da parte do profissional rejeitar um trabalho que não conseguirá cumprir, do que aceitar e depois descumprir o prazo já no meio do processo. E por parte da agência, a ética está em passar os dados corretos ao tradutor: número de laudas/palavras e área correta de atuação, pois também acontece de uma agência, no primeiro contato com o tradutor, passar um número de laudas menor do que o verdadeiro, e/ou afirmar que o texto é de uma área bem diferente do que é realmente. Algumas agências permitem que o tradutor veja o texto antes de aceitar traduzi-lo, ou ainda tem uma prática de dividir um trabalho, portanto o tradutor pode não aceitar fazer tudo, mas escolhe quantas laudas consegue fazer, e o trabalho é dividido com outro(s) tradutor(es).

Ética baseada em normas

As primeiras normas, ou regras, nas agências são determinadas pelo contrato com o tradutor. Assim que é contratado, o tradutor recebe um documento com cláusulas que estabelecem seus direitos e deveres. A agência X[20], para o qual eu prestei serviços de revisão e de tradução por 3 anos aproximadamente como *free-lancer*, possuía um contrato com 11 cláusulas, que incluíam remuneração, obrigações do tradutor, obrigações da agência, confidencialidade etc. Além desse contrato assinado, quando o profissional recebia cada trabalho, este vinha

[20] O nome da agência foi omitido por questões de confidencialidade.

acompanhado de um documento com instruções específicas para aquele determinado texto e como o tradutor deveria proceder, o que incluía o número de laudas a ser traduzido, orientações do cliente – tais como “manter formatação original”, “traduzir apenas o texto das tabelas”, ou “não traduzir o texto das tabelas”, “utilizar Trados” (memória de tradução), etc –, prazos de recebimento e de entrega do material. Assim que recebesse esse documento, o tradutor deveria conferir cada detalhe, e comunicar imediatamente seu coordenador de tradução caso houvesse alguma informação que não estivesse de acordo com o trabalho recebido (número de laudas diferente, por exemplo).

Entre as cláusulas do contrato inicial, assinado entre a agência X e eu, estavam as seguintes regras:

> Obrigações da contratada
> c) guardar sigilo absoluto sobre todos os assuntos que, em decorrência dos serviços que devam executar, forem-lhes confiados;
> d) ler o documento que acompanha o trabalho a ser traduzido e seguir todas as orientações nele contidas;
> e) entregar os trabalhos no prazo indicado no documento;
> f) traduzir ou verter todas as palavras no texto enviado.

Resumidamente, o tradutor deve ser sigiloso, atento, e responsável quanto ao prazo e à quantidade de texto. Nada pode ser divulgado nem esquecido na tradução. Caso alguma dessas normas seja descumprida, outra cláusula prevê descontos no pagamento do tradutor.

Em seu texto, Chesterman apresenta exemplos de juramentos profissionais, e propõe a criação de um juramento do tradutor, afirmando primeiramente

> When submitting a translation, a translator in effect makes a promise: I hereby promise that this text represents the original in some relevant way. (Let us not get bogged down here in arguments about definitions of equivalence. The translator claims that the translation is, in some way, equivalent; in fact, he or she implicitly promises this. If the client and readers trust the translation, the claim is believed). (p. 149)

Essa representação do original de uma forma relevante é o que poderíamos entender da norma f) da cláusula da agência X. O tradutor compromete-se a traduzir o texto inteiro, sem omitir nada, a não ser que a agência determine, para um trabalho específico, que apenas um trecho deva ser traduzido (na agência X, isso viria escrito no documento que acompanha o original a ser traduzido). Ao finalizar o

trabalho, o tradutor deve verificar o número de parágrafos ao menos, para garantir que nenhuma passagem foi esquecida. Caso algo deixe de ser traduzido, e o revisor ou o coordenador perceba e notifique o tradutor, este deve traduzir o mais rápido possível (sem custo adicional, naturalmente) para não atrasar o trabalho do revisor e consequentemente, o prazo final para o cliente.

1.6.3.2 O Juramento do Tradutor, proposto por Andrew Chesterman

Para finalizar seu artigo, Chesterman apresenta a seguinte sugestão de Juramento Profissional para Tradutores:

> 1. I swear to keep this Oath to the best of my ability and judgement. [Commitment]
> 2. I swear to be a loyal member of the translators' profession, respecting its history. I am willing to share my expertise with colleagues and to pass it on to trainee translators. I will not work for unreasonable fees. I will always translate to the best of my ability. [Loyalty to the profession]
> 3. I will use my expertise to maximize communication and minimize misunderstanding across language barriers. [Understanding]
> 4. I swear that my translations will not represent their source texts in unfair ways. [Truth]
> 5. I will respect my readers by trying to make my translations as accessible as possible, according to the conditions of each translation task. [Clarity]
> 6. I undertake to respect the professional secrets of my clients and not to exploit clients' information for personal gain. I promise to respect deadlines and to follow clients' instructions. [Trustworthiness]
> 7. I will be honest about my own qualifications and limitations; I will not accept work that is outside my competence. [Truthfulness]
> 8. I will inform clients of unresolved problems, and agree to arbitration in cases of dispute. [Justice]
> 9. I will do all I can to maintain and improve my competence, including all relevant linguistic, technical and other knowledge and skills. [Striving for excellence] (p. 153)

O juramento de Chesterman reúne características de seus quatro modelos de ética e engloba, segundo ele, todas as qualidades que um tradutor deve ter para ser um bom profissional; alguns de seus pontos são bastante adequados para o trabalho nas agências, como os números 7 e 8, porém, alguns pontos são subjetivos e não ficam totalmente claros, principalmente a questão da remuneração. Muito se discute entre profissionais brasileiros sobre os preços praticados e, embora existam uma ou duas tabelas (padrão?) com os valores para tradução, a grande maioria das agências de tradução e das editoras não as seguem. Os valores pagos estão abaixo

dos valores estabelecidos pelo Sindicato de Tradutores (Sintra), que só faz referência à tradução literária. Não há um valor estabelecido para a tradução técnica (área principal com a qual trabalham as agências), deixando portanto uma abertura para que cada empresa estabeleça um valor próprio, sem nenhuma base para consulta, mesmo se houver o interesse.

1.7 O profissional tradutor

> The translator must have adequate knowledge of the alternatives available: this means obvious language skills, including contrastive linguistic and cultural knowledge, in order to assess the potential effects of different choices, in the widest sense. The translator must also have adequate technical and research skills in order to discover and evaluate possible alternatives. (CHESTERMAN, 2001, p.147)

O que exige uma agência ao contratar um tradutor varia. Muitas agências, além do currículo, fazem testes com os candidatos para verificar habilidade linguística, conhecimento técnico, e tempo gasto para traduzir. A agência X exige para contratação o diploma do curso de graduação de Letras em Inglês[21], mas sabemos que o diploma não é pré-requisito para a profissão, já que ela não é regulamentada e os cursos de tradução são relativamente novos no Brasil. Outras agências aceitam profissionais com formação em outras áreas, por considerar que o conhecimento técnico deles será útil para tradução em áreas específicas (na área médica, por exemplo).

Portanto, não há um perfil definido sobre o profissional que trabalha em uma agência quanto a sua formação, mas existe um perfil de quais habilidades básicas ele deve ter. Além daquelas citadas por Chesterman acima, que valem para tradutores de qualquer área, para as agências, o tradutor deve ser rápido, conhecer bem ferramentas de pesquisa, e cada vez mais, as chamadas CATs, ou memórias de tradução.

1.8 Remuneração

A agência X pagava para seus tradutores *free-lancers* (meu caso) o valor de R$ 0,04 por palavra – o valor por palavra na tabela do Sintra é R$ 0,26. Uma outra grande agência de São Paulo paga R$ 0,03 para tradutores “em período de

[21] Não posso afirmar que isso aconteça com todos os idiomas com os quais a agência X trabalha, só tenho conhecimento do que acontece com o idioma com o qual eu trabalho, o inglês.

experiência", ou seja, em seus primeiros trabalhos de tradução, e não revela a eles quanto pagam depois que o tradutor for mais experiente (nem tampouco o número de traduções que o tradutor deve fazer até cumprir esse período de experiência). E isso é feito mesmo depois de o tradutor passar por um teste. Em algumas agências, existem os tradutores internos (aqueles que trabalham em período integral dentro delas) que recebem salário fixo – algumas pagam comissões. Temos abaixo, também como base para comparação, a tabela utilizada pelos tradutores juramentados do Rio de Janeiro, cujo preço por palavra, para traduções técnicas, ficaria em torno de R$ 0,10 (um valor mais próximo daquele pago pelas agências). Os valores referem-se a uma lauda de 200 palavras.

TABELA DE EMOLUMENTOS

A ATP-RIO informa a nova Tabela de Emolumentos que passa a vigorar em 16 de setembro de 2009.

TIPOS DE SERVIÇOS	VALOR EM UFIR
Traduções comuns	**14,79**
Traduções Técnicas, Jurídicas e Científicas	**20,82**
Versões comuns	**18,08**
Versões Técnicas, Jurídicas e Científicas	**24,65**
De idioma estrangeiro para outro idioma estrangeiro - texto comum	**38,89**
De idioma estrangeiro para outro idioma estrangeiro - texto técnico, jurídico ou científico	**45,46**
Interpretações- 1ª hora indivisível. A partir da segunda hora, divisível em quartos de hora.	**164,32**
Cópias	**25% do preço original quando simultâneas ao original, e 50% do preço original, quando feitas posteriormente.**

VALOR DA UFIR - EXERCÍCIO DE 2009 - R$ 1,9372

NOTAS:

1. Textos Comuns: passaportes, certidões de registro civil, carteiras de identidade, de habilitação profissional, certificados escolares até o 2º Grau e documentos similares, inclusive cartas pessoais, desde que não envolvam textos técnicos, jurídicos ou científicos.
2. Textos Técnicos, Jurídicos e Científicos: todos os que obriguem o tradutor a recorrer a dicionários e bibliografias especializadas, incluindo diplomas, currículos e históricos de nível universitário, patentes, textos de engenharia, catálogos de peças e máquinas, manuais de máquinas e motores, depoimentos periciais, medicina, física, química e documentos similares, inclusive cartas pessoais que contenham, total ou parcialmente, expressões técnicas, jurídicas ou científicas.

Tabela 2. Valores praticados pelos tradutores juramentados do Rio de Janeiro, acordados entre a Junta Comercial e a Associação de Tradutores do Estado.

Embora as agências tenham a "fama" de pagarem valores muito baixos para os tradutores (podemos ver isso mais adiante, em algumas das respostas dos alunos de graduação nos questionários), há editoras que praticam valores proporcionalmente muito menores. Uma editora carioca, por exemplo, que traduz, entre outros, livros da gigante norte-americana O'Reilly, pagava em 2008 R$ 4,50 por página, independentemente da quantidade de textos, figuras, tabelas etc. O

preço era fixo. Se pensarmos em uma lauda de 200 palavras, e considerando que uma página possua 3 laudas, o valor pago ao tradutor era de R$ 1,50 por lauda ou de R$ 0,0075 por palavra. Este é um valor praticado menor do que em qualquer agência de São Paulo. Outras duas editoras paulistas pagam R$ 4 por lauda[22]. As agências possuem essa “fama”, mas nem todas praticam valores tão baixos, assim como existem editoras que pagam melhor a seus tradutores.

1.9 Dificuldades e dúvidas

Existem teorias sobre as dificuldades e dúvidas dos tradutores. Originais mal escritos, tradução de provérbios e ditos populares, inclusão (ou não) de notas explicativas de rodapé e outros pontos também são dificuldades encontradas por tradutores de agências. Porém, outros problemas mais específicos para esses tradutores também podem surgir durante o processo. Abaixo, demonstro apenas alguns exemplos reais de dificuldades que encontrei ao longo dos anos em meu trabalho com agências, como:

- documento que acompanha a tradução com informações incompletas ou erradas;

a) *O assunto do documento a ser traduzido não é aquele comunicado ao tradutor*

Em uma grande agência, o documento a ser traduzido passa por um ou mais departamentos antes de ser encaminhado para um determinado tradutor. Um dos fatores pelos quais um tradutor é selecionado para fazer a tradução é a área de conhecimento. O documento é encaminhado para o tradutor que domina ou trabalha com aquele assunto. Quando o coordenador de tradução entra em contato com o tradutor, seja ele interno ou externo, para perguntar se ele pode ou não fazer aquela tradução, ele comunica ao profissional qual é a quantidade de palavras, os idiomas, o prazo e a área abordada. Com essas informações, o tradutor aceita ou recusa o trabalho. O que acontece em algumas situações é um erro de comunicação que pode começar a partir do próprio cliente ou dentro da agência. Um texto de informática pode ser confundido com Internet; um manual de *hardware* confundido com localização de *software*. Às vezes o assunto é tão específico que é difícil categorizá-lo dentro de uma área, ou outras vezes o documento apresenta

[22] Todas editoras para as quais eu já trabalhei.

terminologia de mais de uma área, e apenas uma delas é comunicada ao tradutor. Com isso, o tradutor que já aceitou fazer o trabalho baseado naquele assunto comunicado no primeiro contato com o coordenador, defronta-se com um assunto diferente, ou com uma terminologia com a qual não está familiarizado, o que implica mais dificuldades, reduzindo a produtividade. Porém, como o tradutor já aceitou o trabalho e o prazo, essas dificuldades não podem atrasar a entrega.

b) *número errado de palavras/laudas a traduzir*

Quando o coordenador de tradução entra em contato com o tradutor, ele informa ao profissional quantas palavras/laudas deverão ser traduzidas. O tradutor aceita. O documento que acompanha a tradução deve conter todas as informações descritas pelo coordenador, e o que pode acontecer é, por descuido ou problemas de envio de outros departamentos da agência, o documento ser maior do que foi comunicado a princípio. Se o tradutor não se der conta desse erro no primeiro momento, pode acabar percebendo tarde demais que não será possível cumprir o prazo estipulado.

- Falta de comunicação entre o tradutor e seu coordenador;

O tradutor dentro da agência não tem contato direto com o cliente, que às vezes ele nem ao menos sabe quem é. Se houver necessidade de contato com o cliente sobre alguma dúvida durante o processo de tradução, o tradutor deve comunicar seu coordenador, e a ele cabe a responsabilidade de resolver o problema ou levá-lo ao conhecimento do cliente, e retornar com uma solução ao tradutor. No caso de um tradutor *free-lancer*, esse contato com o coordenador é feito via e-mail ou telefone. A dificuldade acontece quando não há resposta do coordenador sobre determinada dúvida. Algumas agências, em seus manuais de orientação aos tradutores, pedem para que eles destaquem as dúvidas no texto e as comuniquem por e-mail, mas outras agências não o fazem, e tampouco comunicam ao tradutor sobre uma possível solução. O tradutor, por causa do prazo, entrega o trabalho com problemas (que podem ser causados tanto por trechos não traduzidos, ou por soluções criadas pelo próprio profissional, mas que não sejam adequadas para aquele problema), o que pode resultar em um *feedback* negativo sobre seu trabalho.

- O glossário enviado pela própria empresa (cliente) está errado ou não contém terminologia que ajude o tradutor. Isso também pode influenciar no cálculo do prazo feito pelo tradutor no momento em que aceita o trabalho, pois, tendo a informação

de que existe um glossário (material de apoio) para auxiliá-lo na tradução, o tradutor imagina que não precisará de tanto tempo para dedicar à pesquisa de termos específicos. Se o glossário está errado, ou se, mesmo sendo do cliente (empresa) contratante não apresenta a terminologia do texto que está sendo pedido, ele será inútil para esse trabalho específico, e portanto o tradutor precisará fazer uma pesquisa mais abrangente (e demorada) do que estimou quando aceitou o trabalho.

Este capítulo mostrou um pouco de como funcionam e se organizam as agências de tradução, abordando diversos aspectos relacionados a elas (valores, com o que trabalham, possíveis dificuldades dos tradutores etc). Embora já seja possível ter um esboço sobre o perfil do profissional que trabalha para uma agência, esse perfil será aprofundado com as entrevistas, no capítulo IV.

Para trabalhar como tradutor em agência, não existe a necessidade obrigatória de formação acadêmica na área (apenas algumas agências exigem o diploma). Mas como os tradutores estão sendo formados? E aqueles que estão na Graduação, estão sendo bem preparados para o mercado de trabalho, inclusive para agências de tradução?

CAPÍTULO II
GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO

Para exercer a profissão de tradutor, não é necessário um diploma, já que a profissão não é regulamentada e já existe há muito mais tempo do que cursos de graduação. O primeiro curso de Tradução em nível universitário no Brasil data de 1968, na PUC do Rio de Janeiro (JOHN MILTON, 2000, p.83).

Nos últimos 10 anos, principalmente, muito tem se discutido a respeito da formação dos tradutores, e diferentes metodologias aplicáveis à sala de aula. Uma parte dessa discussão leva em consideração a prática da tradução e as exigências do mercado de trabalho, apontando deficiências dos cursos nesse sentido (PYM, 2009, p.06).

Começaremos esta discussão averiguando o que alguns cursos de tradução "prometem" a seus alunos. Em relação aos cursos de graduação em tradução, uma das perguntas que cabe levantar é: é função da universidade preparar os alunos para o mercado de trabalho? A resposta, para mim, parece bastante clara: sim. Mas para responder melhor a essa questão, verifiquemos o que a descrição dos cursos de diferentes universidades de São Paulo promete; afinal, esse é um dos fatores que contribuem para a escolha de um curso.

> FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas
>
> Carreira
>
> Fatores como a expansão da internet e a globalização da economia tornaram o uso da língua inglesa cada vez mais importante - em muitos casos, até mesmo imprescindível. Portanto, há muita procura por profissionais que a dominem. Assim, os tradutores e intérpretes encontram boas oportunidades no mercado de trabalho. Entre outras funções, eles são muito procurados para trabalhar no ramo editorial, traduzindo e revisando textos, e também para prestar serviços como intérpretes em eventos ou congressos internacionais.
>
> Programa inovador
> O curso forma bacharéis que atuarão na tradução e interpretação de textos orais e escritos em língua inglesa. Para isso, o programa reúne disciplinas teóricas e atividades práticas que auxiliarão o profissional a desenvolver sua fluência e a se expressar claramente tanto por meio da linguagem escrita quanto da linguagem falada. Além disso, eles também aprenderão que cada idioma é a forma que um povo encontra para expressar sua cultura. Sabendo disso,

poderão se envolver com a língua inglesa de forma mais profunda, diferenciando-se de muitos dos seus concorrentes no mercado de trabalho.

Foco nos desafios do mercado
Um dos principais objetivos do curso é formar profissionais que desenvolvam um espírito inovador e empreendedor em qualquer situação que enfrentem no mercado de trabalho – ou seja, os alunos saem da universidade prontos para enfrentar os desafios de sua carreira.

A profissão na prática
O curso reúne a teoria e a prática em um laboratório de idiomas onde os futuros profissionais podem praticar a língua estrangeira de sua escolha, com excelentes resultados.

Universidade Metodista de São Paulo

O profissional
Espera-se que, ao final do curso de Letras - Tradutor e Intérprete em Inglês, o aluno:
Tenha adquirido o instrumental necessário para a análise das estruturas do Português e do Inglês;
Compreenda, avalie e produza textos de variados gêneros, considerando sua estrutura, sua organização e seu significado;
Tenha postura crítica em relação aos fatos da língua, tanto no que diz respeito a sua observação do ponto de vista diacrônico como do ponto de vista sincrônico;
Produza textos traduzidos adequadamente, empregando o nível de linguagem mais condizente com cada situação de comunicação na língua de chegada;
Apresente competência comunicativa em língua estrangeira, oralmente e por escrito;
Tenha adquirido percepção de diferentes contextos interculturais;
Tenha adquirido formação humanista e visão holística;
Apresente conhecimento abrangente a respeito das variadas formas de se pensar o processo tradutório;
Faça tradução oral e simultânea ou consecutiva (em blocos) de conversas ou conferências;
Faça legendas;
Trabalhe na tradução para dublagens de filmes, documentários e outros programas;
Revise textos traduzidos;
Saiba transpor textos técnicos ou literários de uma língua para outra, observando diferenças culturais e fazendo adaptações;
Traduza contratos internacionais e outros documentos de valor legal;
Reconheça as diferenças culturais dos países para realizar as devidas adequações nos textos traduzidos das respectivas línguas envolvidas;
Atue de forma interdisciplinar;
Internalize valores como responsabilidade social, justiça e ética;
Busque, permanentemente, a educação continuada.

O mercado de trabalho

O mercado é amplo para o tradutor e intérprete em Inglês. Há possibilidades, em instituições públicas e privadas, na tradução de legenda de filmes e documentários; em traduções literárias, comerciais, econômicas, jurídicas, técnicas, médicas e jornalísticas, entre outras; na elaboração de glossários; na interpretação simultânea e consecutiva; na editoria gráfica; em softwares; na revisão de textos em português e inglês; em seminários, convenções, correspondências comerciais, palestras, relações diplomáticas, assessoria a diretorias de empresas e setores hoteleiros e turísticos, órgãos governamentais, instituições e empreendimentos que demandem serviços ligados às línguas portuguesa, inglesa e respectivas literaturas.

Universidade Anhanguera

O curso está em sintonia com as atividades comerciais e industriais, em nível internacional, e com o intercâmbio cultural e científico entre as nações do mundo moderno contemporâneo.

Forma profissionais capacitados para atuar no campo da tradução e da interpretação, possibilitando, ainda, a possível atuação no mercado editorial e na imprensa escrita e falada.

Universidade do Estado de São Paulo

Mercado em expansão e constante atualização
Em tempos de globalização e de um mundo cada vez mais sem fronteiras, o tradutor tornou-se figura necessária na verdadeira Babel em que se transformaram os eventos internacionais. Tanto melhor para os estudantes da área, que têm encontrado um mercado em franca expansão e constante atualização.
Por isso, para ser bem-sucedido na carreira, o candidato a tradutor deve buscar, antes de tudo, um curso que, além de lhe oferecer uma formação sólida e ampla, esteja sintonizado com as rápidas e constantes transformações tecnológicas. A UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, oferece o único curso público do Estado de São Paulo de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor. E prima por uma educação de altíssima qualidade, que vem sendo reconhecida pelo mercado de trabalho.
Em 2005, o currículo do curso foi enriquecido com a inclusão da disciplina Introdução à Terminologia e às Tecnologias de Tradução, que utiliza recursos da informática. O uso de ferramentas de processamento de textos, de compactação e transferência de arquivos e de navegação na Internet, entre outros recursos específicos para a tradução, é fundamental a qualquer tradutor.
A expansão do mercado, na esteira dos avanços tecnológicos, escancarou portas até então apenas entreabertas ao tradutor. As editoras brasileiras, por exemplo, expandiram muito a tradução de obras estrangeiras – sejam elas romances de ficção, biografias ou ensaios – e passaram a incorporar tradutores em seus quadros.
Boas oportunidades existem também em escritórios de tradução e em instituições internacionais com sede no País. Outras opções são a carreira de tradutor público juramentado, por meio de concurso estadual, e a de professor e/ou pesquisador – esta exigindo pós-

> graduação na área, como a que é ofertada pelo próprio Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da UNESP.
> A tradução simultânea em congressos, simpósios e conferências é outra possível frente de atuação para esse profissional. Apesar de o curso do Ibilce não formar intérpretes, oferece as bases para que os alunos, com posterior aperfeiçoamento, possam disputar também esse mercado.
> Além da universidade, o aluno de Tradução deve buscar uma sólida formação cultural sobre o objeto de seu trabalho, com leituras constantes e o acompanhamento da evolução dinâmica das línguas, especialmente quando lida com obras contemporâneas ou matérias jornalísticas.

Podemos ver pelas descrições dos 4 cursos acima (escolhidos aleatoriamente) que existe uma atenção ao mercado de trabalho. No entanto, também vemos que apenas uma das universidades menciona escritórios de tradução, o que parece um tanto paradoxal, já que, conforme já dito anteriormente, eles (escritórios e agências) formam uma parcela significativa desse mercado e, portanto, oferecem boas oportunidades para tradutores profissionais, inclusive alunos e recém-formados. Porém, para trabalhar com agências são necessárias algumas habilidades essenciais, por exemplo, lidar com um grande volume de texto em um curto prazo, saber trabalhar com ferramentas tecnológicas e conseguir resolver problemas rapidamente. Pelo menos à primeira habilidade não é dada a devida atenção enquanto os alunos estão na Graduação.

2.1 O tradutor em formação

Durante a graduação, os alunos devem cumprir determinado número de horas de estágio (estabelecido pela instituição). Porém, esse estágio não é como o de um curso de Pedagogia, por exemplo, onde os alunos devem ir às escolas e assistir às aulas e com isso ter a oportunidade de verificar na prática como funciona o sistema que eles vêm estudando ao longo da faculdade e como é a aplicação desse estudo. Os estágios nos cursos de graduação em Tradução são diferentes de instituição a instituição, mas em geral são internos – os alunos não precisam sair da faculdade nem cumprir horas em editoras ou agências, e sim cumprir horas com *workshops*, palestras, treinamentos (no caso dos alunos que sejam professores de idiomas) etc. Os estágios podem ser sobre Terminologia (onde os alunos devem preparar fichas com termos e descrições, ou construir glossários), e sobre Tradução – os alunos devem produzir traduções diferentes para entregar. Os estágios não envolvem observação da prática, ou seja, os alunos não vão até editoras, agências, ou

qualquer outro local onde se faça tradução profissionalmente. Portanto a única chance de os alunos terem contato com o mercado de trabalho de Tradução ainda na Graduação é procurar estágios por conta própria como se observa no comentário desta entrevistada:

> Não! [a faculdade não ofereceu estágio] Eu olhei, procurava mesmo no jornal, e demorei para achar. Eu já estava indignada, 'não me conformo', porque... essa é uma crítica muito dura que eu vou fazer, eu percebi isso na prática, principalmente com tradução, eu achava que eu ia terminar a faculdade e ia traduzir para o ONU [risos]. Verdade! Para a ONU! Era "só" isso que eu esperava! Não [risos]... trabalhar super bem, pegar trabalhos interessantes, sabe? Eu ia ser tradutora de conferência! Sério! Era uma ilusão, eu sempre fui muito ambiciosa com algumas coisas. [risos] É engraçado, né? Enfim, aí eu procurava estágio em grandes empresas, porque eu recebia os jornais, aí no final de ano sempre tinha aquilo, "começa agora os programas de trainee...", então é pra lá que eu vou, e simplesmente não precisavam de ninguém formado em Letras, não tinha... "está aberto o programa de trainee para ganhar R$3.000", todas as vagas, mas Letras... o único que eu achei de Letras era pra trabalhar no Estadão, R$ 400, de revisora, sabe? E ao mesmo tempo, quando eu procurei por trabalho em Tradução, eu vi que muitas pessoas não eram formadas em Letras, e não necessariamente... elas eram excelentes! Se você falasse, "não, mas ela é ruim", não, pelo contrário, dava até mais credibilidade, dependendo do trabalho... então chegou um momento que eu fiquei tão revoltada que eu achei que a faculdade estava me fechando portas, e não abrindo! Porque eu não podia ir, como... formal, num processo de trainee ou de estagiária numa grande empresa porque não precisavam de ninguém formado em Letras, e para aqueles que eu precisava fazer, também não precisava Letras! Então assim, eu acabei conseguindo, me valeu muito, mas foi difícil, e assim, modéstia à parte, eu sabia muito bem inglês já. Não era que eu não passava... não, eu já dava aula de inglês há muito tempo, já tinha feito intercâmbio, estudava inglês desde os 12 anos, não era assim... mesmo assim era difícil! Se você for pensar que a maioria das pessoas que saem da faculdade são "average", como faz? E aí é mais difícil, onde vão? E assim, o trabalho é um trabalho legal, sei lá... pra mim, eu ia trabalhar na ONU! (informação verbal)[23]

Os alunos na Graduação acabam distantes da realidade do mercado, e de suas opções. Eles poderiam – e alguns o fazem – fazer estágios em agências, empresas que contratam muitos tradutores ainda na graduação e recém-formados. Mas os alunos conhecem essa opção enquanto ainda estão na graduação? Sabem

[23] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 1 [2011]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

como funciona? E ainda mais importante, os alunos devem ser preparados para o mercado de trabalho na graduação? É esse o papel da universidade?

2.2 Qual é a função da Graduação em Tradução? (treinar x educar)

> É uma coisa muito prática [a tradução]; tanto a tradução quanto a interpretação. Precisa muita prática, e isso novamente, eu acho que falta nos cursos de Tradução de forma geral. É muita mão na massa, colocar a mão na massa, e ver traduções, comparar originais com traduções, de várias áreas, não dá para se ater à tradução literária, que é a ênfase normalmente nos cursos de tradução, e é a menor parcela da tradução no mercado de trabalho, e é a mais mal paga. (informação verbal)[24]

De acordo com Bernardini (2002, p.175), três devem ser as prioridades no ensino de tradução:

1 – Consciência: fazer com que os alunos tenham conhecimento linguístico, mas principalmente consciência de seu papel como intermediadores culturais;

2 – Engenhosidade: fazer com que eles sejam capazes de adaptar o conhecimento adquirido sobre as ferramentas de tradução para resolver problemas e trabalhar com outras que venham a ser criadas no futuro;

3 – Reflexão: fazer com que eles reflitam sobre a tradução durante o processo.

A autora afirma que o ensino em sala de aula não deveria preocupar-se com o mercado de trabalho da tradução. Ela defende que é mais importante educar do que treinar, porque o treinamento nada mais é do que realizar muitos exercícios repetidos sobre o uso das CATs e que com isso o foco do curso seria preparar o aluno para o mercado de trabalho. Embora eu considere o treinamento uma parte importante e necessária da graduação, é compreensível a preocupação de Bernardini, pois por 'treinamento' pode-se ter a ideia errada de um processo de mecanização/robotização dos alunos, excluindo a reflexão, o debate e a parte da análise pessoal de cada um, também fundamentais para formar um profissional. Mesmo discordando da autora em relação ao mercado de trabalho, as prioridades estabelecidas por ela parecem muito apropriadas para a formação de um tradutor profissional. Independentemente do interesse do aluno de tradução em trabalhar com uma agência ou não, as habilidades adquiridas com tais ferramentas poderão

[24] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 3 [2012]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

muito bem ser usadas para outros trabalhos e principalmente para que ele adquira maior conhecimento sobre a própria área, o que pode ser utilizado para a pesquisa, por exemplo.

Mais importante do que a discussão sobre o papel do curso é o fato de que as faculdades estão "vendendo" seus cursos (como vimos acima) fazendo a associação do curso com o mercado de trabalho. Portanto a faculdade deve ser coerente com a proposta inicial feita ao candidato, e prepará-lo de fato para o mercado de trabalho. Isso não significa que não deva haver espaço na academia para o que Bernardini chama de "educar". Há espaço e tempo suficientes para que ambas habilidades sejam trabalhadas e desenvolvidas nos alunos e futuros tradutores, mas o que parece é que há um pequeno desequilíbrio entre "educar" e "treinar" nos cursos, pois existe a parte de discussão e de reflexão sobre decisões tomadas no processo de tradução, de possíveis soluções para um trecho/termo problemático etc, mas a parte do "treinamento", que deveria ser bem mais prática, não está tão bem desenvolvida em sala de aula.

> [...] Claro que você aprende [na Graduação], muita coisa você discute, você aprende a pesquisar, aprende... fundamentos mesmo da tradução, interpretação de texto, você lê muito, gramática... tudo isso, é muito difícil pensar como teria sido traduzir sem nada, sem esse background. [...]
> [...] Eu tive um semestre de Trados e Wordfast, no penúltimo semestre, e eu até coloquei no meu currículo, mas quando eu passei... eu não tinha visto nada na aula, né? E o professor que deu essa disciplina na faculdade, não sei se ele era novo com aquela história lá, mas a aula era meio confusa, enfim...pra você ter uma ideia, a nossa prova final foi uma prova escrita! "O que é o Trados?", "O Trados é...", "Como você faz para abrir uma memória de tradução?", "Ah, ...", escrita, na sala de aula, com papel e caneta. Uma prova sobre o Trados, sem computador. E assim, a gente ficou um semestre. [...] (informação verbal)[25]

Esse trecho da entrevista com a Tradutora 1 (que formou-se em uma universidade de São Paulo, cujo curso de graduação em Tradução e Interpretação é considerado um dos mais conceituados do país) não é o único exemplo do que acontece em sala de aula em um único curso de graduação. Quando eu fiz o meu curso, em uma faculdade diferente da Tradutora 1, a única aula de Trados que tive também foi teórica, e dada por um colega de classe que já trabalhava

[25] Trecho da entrevista concedida pelo Tradutor 1 [2011]. A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice B.

profissionalmente (provavelmente para uma agência, embora eu não me lembre), pois os professores não tinham familiaridade com a ferramenta.

Reitero a minha hipótese de que os cursos de formação de tradutores, além de “educarem”, como propõe a Profa. Bernardini, também devem proporcionar aos alunos a familiarização com as ferramentas de tradução que são cada vez mais exigidas pelas agências. Em outras áreas vemos profissionais que utilizam ferramentas em seu trabalho diário sendo treinados para isso na faculdade, como em Medicina e Engenharia, por exemplo. E por que não na Tradução?

CAPÍTULO III
PESQUISA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Na tentativa de responder às perguntas levantadas inicialmente sobre a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, realizei uma pesquisa em cursos de Graduação de Tradução em São Paulo.

3.1 Metodologia da Pesquisa com a Graduação

Na primeira fase desta pesquisa, os alunos de alguns cursos de Letras – Tradutor e Intérprete em Língua Inglesa em São Paulo responderam a questionários fechados (com algumas perguntas abertas) aplicados durante uma de suas aulas na própria faculdade.

Algumas das instituições de ensino superior que oferecem o curso de Letras – Tradutor e Intérprete em Inglês em São Paulo são: Universidade Metodista de São Paulo, Universidade Anhanguera, Unip (Universidade Paulista), Uninove, Unesp (Universidade do Estado de São Paulo), FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), Universidade São Judas Tadeu, Universidade Presbiteriana Mackenzie e PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). A Universidade Metodista de São Paulo foi a universidade escolhida para a aplicação da primeira versão do questionário, o chamado Projeto Piloto.

3.2 Considerações anteriores ao projeto piloto

Esse projeto piloto foi elaborado com os seguintes objetivos:

1 – para que minhas hipóteses iniciais fossem colocadas à prova;

2 – testar o tempo que os alunos utilizariam para responder ao questionário;

3 – através da análise das respostas, verificar se os enunciados foram claros e se as perguntas foram adequadas para fornecer dados;

4 – com o conteúdo das respostas dos alunos, verificar se perguntas deveriam ser acrescentadas, retiradas ou reformuladas para que novos dados que pudessem contribuir para esta dissertação fossem obtidos.

As perguntas foram elaboradas de forma simples, para coletar dados como: formação (se o curso é a primeira formação dos alunos), conhecimento sobre agências, interesse em trabalhar com agências e/ou editoras, e áreas pretendidas.

As hipóteses naquele momento eram:

1) Os alunos dos cursos de tradução não conhecem (ou conhecem pouco) a respeito das agências de tradução. Sub-hipóteses podem ser formuladas a partir daqui:

   1a. Os alunos pouco ouviram sobre agências;

   1b. Os alunos conhecem o termo, mas não sabem como funciona uma agência;

2) Os cursos da graduação não estão divulgando/preparando os alunos para o trabalho nas agências. Por quê? (os alunos não estão sendo preparados)

Outras hipóteses:

3) Os alunos conhecem agências de tradução, mas não desejam trabalhar em uma, pois possuem interesse maior na área literária (editorial), e não técnica (das agências).

4) As áreas de interesse dos alunos não correspondem àquelas com as quais as agências trabalham em geral. São elas: literária, legendagem e interpretação[26].

3.3 Projeto Piloto

Consiste em uma aplicação teste de uma versão dos questionários a alunos de um curso de graduação na área.

Essa versão teste foi aplicada no 3º e 5º semestres do período matutino da Universidade Metodista de São Paulo. A Universidade foi escolhida para o projeto piloto por ter sido a Universidade onde eu me graduei, portanto eu já tinha contato com a coordenadora e um professor. O teste foi aplicado em 26 de abril de 2011. Embora não fosse obrigatório que os alunos respondessem, todos os que estavam presentes aceitaram e responderam. No total, foram 47 questionários respondidos.

O questionário apresentado aos alunos da Umesp consistiu de 10 perguntas, das quais 9 tinham opções de respostas, e apenas 1 era uma pergunta aberta. As perguntas com opções também apresentavam uma pergunta aberta relacionada, para que os alunos pudessem explicar determinadas escolhas, pois suas justificativas são pontos para análise em minha pesquisa.

---

[26] Muitas agências também oferecem o serviço de interpretação, e algumas são exclusivamente prestadoras desse tipo de serviço. Neste trabalho as agências que trabalham exclusivamente com interpretação não foram incluídas.

Questionário aplicado aos alunos da Universidade Metodista de São Paulo

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO – INGLÊS

Nome (não é obrigatório):
Idade:
Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
e-mail:
Nome da Instituição: Universidade Metodista de São Paulo
Nome do Curso: Letras – Tradutor e Intérprete em Inglês
Semestre que está cursando:
Essa é a sua 1ª graduação? ( ) Sim
( ) Não. Em que outra área você tem formação?_____

1. Você já fez algum trabalho remunerado de tradução?
( ) Sim. Quantas vezes? _____
( ) Não

2. Você trabalha atualmente?
( ) Sim. Onde e qual é a sua função? _____
( ) Não

3. Você pretende trabalhar com tradução ao terminar sua graduação?
( ) Sim
( ) Não. Por quê? _____

4. Você gostaria de trabalhar como tradutor em ou para uma editora?
( ) Sim. Em quais editoras? _____
( ) Sim, mas não conheço nenhum nome para citar agora.
( ) Não

5. Você sabe o que é uma agência de tradução?
( ) Sim. Descreva, por favor: _____
( ) Não

As perguntas 6 e 7 são para aqueles que responderam Sim na pergunta 5:
6. Você gostaria de trabalhar como tradutor em ou para uma agência de tradução?
( ) Sim. Em quais agências? _____
( ) Sim, mas não conheço nenhum nome para citar agora.
( ) Não. Por quê? Justifique, por favor._____
_____
_____

7. Onde ou para quem você preferiria trabalhar como tradutor?
( ) Agência de tradução
( ) Editora
( ) Ambas

( ) Nenhuma

Justifique sua(s) escolha(s), por favor.

_____

_____

_____

8. Em quais áreas você gostaria de trabalhar como tradutor? (pode escolher mais de uma)

☐ Literária	☐ Artes	
☐ Técnica	☐ Jogos	
☐ Juramentada	☐ Sites	
☐ Marketing	☐ Quadrinhos	☐ Nenhuma
☐ Informática	☐ Acadêmica (teses, resenhas e resumos)	☐ Outras. Quais? _____
☐ Engenharia	☐ Legendagem	
☐ Médica	☐ Interpretação	
☐ Farmacêutica	☐ Todas essas áreas	

9. Você sabe o que é uma lauda?

( ) Sim. Descreva, por favor: _____

( ) Não

10. Por que você escolheu estudar Tradução na graduação?

Muito obrigada pela participação!

Boa sorte com seu curso!

Thaís Cristina Casson.

Mestranda em Tradução pela Universidade de São Paulo

3.3.1 Resultados do Projeto Piloto

Análise Quantitativa

Para quantos o curso é a 1ª graduação: 43;

Quantos já fizeram trabalho remunerado de tradução: 9;

Quantos sabem o que é uma agência de tradução: 34;

Deste número acima (34), quantos gostariam de trabalhar para uma agência: 29

Quantos sabem o que é uma lauda: 24

Análise qualitativa

As perguntas do projeto piloto foram elaboradas para que os alunos respondessem rapidamente, já que a aplicação ocorreu durante uma de suas aulas. Juntamente com suas respostas de “Sim” e “Não”, havia uma outra pergunta para que eles pudessem justificar/explicar suas escolhas.

Na pergunta de número 5 do questionário – Você sabe o que é uma agência de tradução? – podemos verificar pela Tabela 3 que 34 alunos responderam positivamente; porém, as explicações subsequentes mostraram ser dados muito relevantes para a investigação posterior nas outras faculdades. Desses 34 alunos, apenas 2 não explicaram o que é uma agência (deixaram a pergunta em branco).

As explicações foram as seguintes:

1 - “Uma empresa cujo serviço é “vender” traduções.”

2 - “uma agência que encaminha trabalhos p/ [sic] tradutores e/ou tradutores p/ [sic] empresas”

3 - “Uma agência que contrata tradutores para trabalhar com diversos tipos de textos.”

4 - “Um ambiente com vários tradutores.”

5 - “É uma agência com pessoas capacitadas em tradução. As pessoas procuram essas agências para trabalhos de tradução.”

6 - “Agências que têm vários tradutores, e as [sic] vezes trabalham juntos em tradução simultânea conferências [sic].”

7 - “É um escritório onde eles recebem diversos tipos de trabalho e os designam a outros tradutores.”

8 - “Uma agência que serve de intermediária entre os clientes e os tradutores.”

9 - “Agência que fornece serviços de tradução para várias empresas.”

10 - “Creio que seja um ambiente em que tais profissionais recebam convite de trabalho.”

11 - “Agência de tradução é um escritório de tradutores, que estão disponíveis a fazer qualquer tipo de tradução ou serviços do gênero.”

12 - “A agência se encumbe [sic] de uma tradução e repassa p/ um tradutor fazer.”

13 - “Agência [sic] tradutores p/ [sic] mercado.”

14 - “É uma empresa que fornece trabalhos relacionados a [sic] área: trad, leg, interp...”.

15 - “É um escritório que é procurado por editoras ou empresas que queiram ter o seu ‘trabalho’ em outra língua.”

16 - “Agência que, geralmente, intermedia as traduções entre a empresa contratante e o tradutor.”

17 - “Grupo de tradutores que atuam na área.”

18 - “Onde a empresa é contratada para prestar serviços de tradução.”

19 - “Local em que se traduz textos para empresas, etc.”

20 - “uma agência onde [sic] disponibiliza tradutores para contratações.”

21 - “escritório que recebem [sic] textos para serem traduzidos.”

22 - “traduz textos de diversos tipos para diferentes clientes.”

23 - “É onde os trabalhos são enviados [sic].”

24 - “Um agência de tradução terceiriza o serviço de tradução p/ [sic] outras empresas.”

25 - “Local onde se trabalha traduzindo vários tipos de textos.”

26 - “tipo de um escritório”

27 - “É uma agência que auxilia os tradutores além de trabalhar com mesmo [sic].”

28 - “Agência que contrata tradutores e repassa para eles serviços de tradução.”

29 - “o lugar onde se adquire todos [sic] para traduzir no mesmo local ou repassá-los.”

30 - “local onde se faz traduções p/ fora.”

31 - “Uma agência que recebe trabalhos p/ [sic] serem traduzidos e distribuem-nos [sic] p/ [sic] tradutores.”

32 - “Instituição que aponta trabalhos para os tradutores empregados.”

Resumidamente, uma agência de tradução é uma empresa que oferece serviços de traduções/versões de diversas áreas de conhecimento. Esses serviços

podem ser feitos por tradutores internos (que trabalham dentro da empresa) ou externos, os chamados *free-lancers*. A agência funciona de fato como uma intermediadora, conforme os alunos 8 e 16 apontaram.

Na graduação, normalmente os alunos ainda não têm uma noção muito clara de como funciona o mercado de trabalho da tradução. Se fossem questionados sobre o que é uma editora, talvez as respostas também não fossem suficientemente claras. Porém, algumas das explicações sobre o que é uma agência estão equivocadas ou vagas para justificar a escolha do "Sim" à pergunta "Você sabe o que é uma agência de tradução?". Dessas 32 respostas, 13 não explicam o que é uma agência. (as respostas de números 1, 4, 6, 10, 13, 15, 17, 18, 20, 23, 26, 27 e 29). Portanto, podemos afirmar que 32 alunos "acham" que sabem o que é uma agência de tradução, mas a análise das descrições demonstra que 19 sabem de fato o que é esse tipo de empresa.

A pergunta 6 foi dirigida para aqueles que responderam "Sim" à pergunta 5. Dos 34 alunos que responderam "Sim" à pergunta 5, 29 afirmaram que gostariam de trabalhar para uma agência, embora apenas 2 alunos tenham colocado nome de uma agência para a qual gostariam de trabalhar (um desses 2 alunos já trabalha na empresa, no cargo de revisor). Desses 29 que responderam positivamente à pergunta 6.

- 14 responderam que prefeririam trabalhar para ambas (agências e editoras);
- 8 responderam que prefeririam trabalhar para uma editora;
- 7 responderam que prefeririam trabalhar para uma agência.

Novamente, a análise das respostas que acompanham essas escolhas elucida como os alunos enxergam o mercado. Dos 8 que responderam que gostariam de trabalhar para uma editora, apenas 1 aluno não justificou sua escolha. As justificativas foram:

1 – "Pois me interesso mais em [sic] tradução literária de livros infanto-juvenis."

2 – "Imagino que trabalhando para uma editora teria mais estabilidade financeira."

3 – "Eu preferiria uma editora pelo fato de existir regras pré-definidas para tradução."

4 – "Acredito que editoras são mais confiáveis."

5 – "Tenho pretenção [sic] na área jornalística."

6 – "possibilidade de traduzir literatura e sem as desvantagens de ser autônomo, embora poucas reconheçam a atividade de tradução."

7 – “Pois tem mais nome e geralmente é o nome do tradutor que aparece e não o nome da empresa de tradução.”

Como era de se esperar, já no Projeto Piloto questões como remuneração, confiabilidade e visibilidade surgem no discurso dos alunos, e esses são pontos que foram discutidos com os tradutores profissionais nos questionários e entrevistas, visto que são fundamentais para a profissão. Curiosamente, nada sobre prazos é mencionado, o que reforça a ideia de que o foco das aulas práticas de tradução está apenas na qualidade.

Todos aqueles que optaram por Agência de Tradução na mesma pergunta justificaram suas escolhas. Foram elas:

1 – “Porque é algo mais estável.”

2 – “Agência de tradução, pois é uma área da qual [sic] vou utilizar os meus conhecimentos."

3 – “Em editora, o trabalho é mais de revisão de texto, e eu não gosto muito. Eu gosto da tradução simultânea, é mais difícil, mas é o meu alvo [sic].”

4 – “Pois estarei por dentro dos trabalhos pedidos.”

5 – “maiores oportunidades.”

6 – “Porque eu posso ganhar experiência com a diversidade de textos que serão traduzidos por lá.”

7 – “Para aperfeiçoar o curso.”

Podemos observar que alguns dos alunos enxergam o trabalho nas agências como uma possibilidade de continuar o treinamento na profissão, uma forma de extensão do curso da graduação (trabalho com diversos textos, de diversas áreas).

Dos 14 alunos que responderam “Ambas”, 4 não justificaram a resposta. As 10 justificativas foram:

1 – “As duas seriam boas escolhas e eu aprenderia muito nas duas empresas.”

2 – “Não tenho conhecimento suficiente para saber as vantagens e disvantagens [sic] que cada uma oferece.”

3 – “Porque são dois lugares onde tradutores são necessários.”

4 – “Trabalhar em uma agência fixa traz mais segurança.”

5 – “Tenho vontade de seguir a área de legendagem, mas também com tradução de artigos de revistas, jornais, etc.”

6 – “Na verdade, ainda não defini qual.”

7 – “Ficaria realizada trabalhando como tradutora, tanto em uma agência quando [sic] em uma Editora, com tanto [sic] que os benefícios fossem bons em ambas.”
8 – “Gostaria de saber como é, se vale a pena ou não.”
9 – “porque se não conseguir trabalho em uma agência eu procuro na editora.”
10 – “Não me importaria de trabalhar tanto em uma quanto em outra.”

3.3.2 Áreas de interesse

No questionário do projeto piloto, a pergunta número 8 pedia aos alunos para marcarem as áreas com as quais eles gostariam de trabalhar como tradutores. Como se pode observar no modelo, 15 áreas foram incluídas, mais as opções de “todas”, “nenhuma” e ainda “outras”. Essa pergunta foi inserida para testar a hipótese de número 4 – as áreas de interesse dos alunos são literária, legendagem e interpretação; as duas primeiras não são especialidades das agências.

Literária	16
Técnica	13
Juramentada	9
Marketing	13
Informática	10
Engenharia	2
Médica	8
Farmacêutica	3
Artes	15
Jogos	11
Sites	19
Quadrinhos	13
Acadêmica	7
Legendagem	34
Interpretação	25
Todas essas áreas	
Nenhuma	
Outras	1 – Jornalística 1 – Filosofia, Sociologia e Antropologia 1 – Música

	1 – Biologia e Biomedicina 1 – Músicas e Filmes 1 – Dublagem

Tabela 4. Número de respostas selecionadas nas áreas de interesse. Número total de alunos: 47

De todos os 47 alunos que responderam ao questionário, todos escolheram pelo menos uma área de interesse, inclusive aqueles que responderam que não pretendem trabalhar com tradução após o término do curso (4 alunos).

Pela visualização dos números, é possível perceber que as áreas de maior interesse dos alunos são legendagem e interpretação, seguidas por *sites* e literária.

3.3.3 O que é uma lauda?

A pergunta de número 9 foi incluída no questionário para investigar se os alunos já ouviram falar de um termo bastante comum na terminologia das agências – é a forma como elas negociam prazos e valores com seus profissionais. Uma lauda é um número de palavras, que varia de agência a agência. Algumas trabalham com lauda de 160 palavras, outras de 180, 200 etc. É uma medida de divisão de palavras. Na tabela do Sintra, uma lauda é definida como “30 linhas x até 70 caracteres com espaço por linha (igual a cerca de 2.100 caracteres por página, com espaços)”. (SINTRA, 2012)

A pergunta também tinha as opções de Sim e Não, com uma pergunta aberta para que aqueles que escolhessem Sim pudessem explicar.

- 21 alunos responderam que não sabem o que é uma lauda;
- 24 alunos responderam que sabem, mas 4 não descreveram;
- 2 alunos não responderam a essa pergunta.

Podemos dizer com esses resultados que praticamente 50% dos alunos sabem o que é uma lauda, ou acham que sabem. Novamente, a análise da descrição dada por eles revela o que verdadeiramente eles conhecem sobre o assunto.

Descrições do que é uma lauda:

1 – “Número de linhas traduzidas”

2 – “lauda é a folha em que se está traduzindo ou revisando”

3 – “A lauda representa um lado de uma folha.”

4 – “A página com apróx. [sic] 1200 ? caracteres. Não tenho certeza da quantidade”

5 – “A grosso modo [sic] um lado de uma folha”

6 – “Um parágrafo”

7 – “São as páginas de um trabalho”

8 – “Sistema de medição usado por tradutores como base para fazer a cobrança.”

9 – “Um tamanho determinado de um texto. 25 linhas aproximadamente.”

10 – “É uma quantidade de caracteres de uma página traduzida”

11 – “Uma página de um documento a ser traduzida”

12 – “Lauda é a moeda do tradutor, por onde o tradutor se baseia e faz o seu preço.”

13 – “Quantidade de caracteres utilizada para definir o preço de cada trabalho de tradução”

14 – “É uma determinada quantidade de palavras pelas quais [sic] fazemos a cobrança da tradução”

15 – “Uma página (de maneira geral)”

16 – “Acredito que 1200 caracteres”

17 – “Creio que seja uma página”

18 – “É tipo um parágrafo com um número específico de palavras.”

19 – “É a quantidade de caracteres quando um texto é digitado.”

20 – “Uma lauda é um corpo de texto composto por 160 palavras.”

Das 20 descrições, apenas as de número 4, 8, 9, 13, 14, 16 e 20 explicam corretamente o que é uma lauda. A resposta número 12 não está errada, mas pode-se dizer que está incompleta, pois não menciona número de caracteres ou palavras.

3.4 Conclusão do projeto piloto

Com a análise das respostas dos 47 alunos participantes do Projeto Piloto, foi concluído que uma das perguntas foi ineficiente para a coleta de dados com as opções de Sim ou Não. A pergunta número 5 – Você sabe o que é uma agência de Tradução? –, pois algumas das explicações e descrições dadas pelos alunos estão incorretas ou incompletas.

A pergunta número 7 – Onde e para quem você preferiria trabalhar como tradutor? – continha uma opção que não foi incluída novamente nos questionários para as outras universidades. A opção “Ambas” será excluída, pois é natural que universitários pensem em trabalhar em qualquer lugar que ofereça trabalho em sua área, mesmo não sabendo exatamente do que se trata nesse momento. Embora a resposta não tenha sido prevista, é compreensível que a maioria dos alunos tenha optado por ela. No entanto, com essa opção, não foi possível dizer precisamente,

entre editoras e agências, em qual ou para qual empresa esses alunos prefeririam trabalhar como tradutores.

As áreas de interesse mais almejadas pelos estudantes são Legendagem e Interpretação, e embora não tenha sido pedida uma justificativa para tais escolhas aos alunos no questionário, podemos arriscar dizer que isso talvez se dê devido a 1) o grande prestígio que a interpretação e os intérpretes detêm dentro da área de tradução, 2) a remuneração recebida pelos intérpretes e 3) o gosto pessoal dos alunos por programas de televisão e filmes, onde são necessárias legendas – um ramo da tradução no qual os futuros profissionais imaginam poder conseguir aliar seus conhecimentos adquiridos na graduação a um interesse próprio.

Uma outra razão capaz de justificar o porquê da escolha dos alunos pela Legendagem como futura subárea de trabalho pode ser a divulgação de seus nomes como profissionais (nesse aspecto também podemos incluir a área literária) – pois alguns seriados de televisão bastante populares atualmente divulgam, além do nome da empresa responsável pelas legendas, o nome do tradutor que fez o trabalho junto aos créditos finais de um episódio ou filme.

Agências de tradução são conhecidas pelo conjunto de tradutores, e em nenhuma hipótese o nome do tradutor é divulgado, a não ser em documentos internos da própria empresa. O cliente recebe um trabalho feito pela agência X, e não pelo tradutor X, uma das razões pelas quais um aluno possa não querer trabalhar para uma delas (entre aqueles que sabem como funciona uma agência), pois ele sabe que seu nome não será divulgado.

A última pergunta do questionário, “Por que você escolheu estudar Tradução na graduação”, foi colocada para um possível direcionamento deste trabalho – investigar o porquê da escolha do curso de Tradução na Graduação -, mas a pergunta foi retirada dos questionários aplicados nas outras instituições, pois este é um aspecto já investigado anteriormente em outro estudo (JOHN MILTON, TradTerm 6, 2001).

O número de perguntas pareceu adequado para que os alunos respondessem rapidamente (20 minutos em média); para o questionário final o número foi aumentado de 10 para 12 questões.

Não houve nenhuma dúvida quanto a enunciados, que também foram mantidos da mesma forma: objetivos e simples, para não gerar dúvidas nem confundir os alunos.

3.5 Pesquisa nas Universidades

Abaixo está o modelo final do questionário, reelaborado após a aplicação do e avaliação do Projeto Piloto, aplicado aos alunos das outras instituições.

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO – INGLÊS

Nome (não é obrigatório):
Idade:
Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
e-mail:
Nome da Instituição:
Nome do Curso:
Semestre que está cursando:
Essa é a sua 1ª graduação? ( ) Sim
( ) Não. Em que outra área você tem formação?
_____

1. Você já fez algum trabalho remunerado de tradução e/ou interpretação?
( ) Sim. Quantas vezes? _____
( ) Não

2. Você trabalha atualmente?
( ) Sim. Onde e qual é a sua função? _____

( ) Não

3. Você pretende trabalhar com tradução ao terminar sua graduação?
( ) Sim
( ) Não. Por quê? _____

4. Você gostaria de trabalhar como tradutor em ou para uma editora?
( ) Sim. Em quais editoras? _____
( ) Sim, mas não conheço nenhum nome para citar agora.
( ) Não

5. O que é uma agência/escritório de tradução? Descreva, por favor.
_____
_____
_____
_____
_____
_____

6. Você gostaria de trabalhar como tradutor em ou para uma agência de tradução?
( ) Sim. Em quais agências? _____
( ) Sim, mas não conheço nenhum nome para citar agora.

( ) Não. Por quê? Justifique, por favor.

_____

_____

7. Onde ou para quem você preferiria trabalhar como tradutor? (Escolha apenas uma opção, por favor.)

( ) Agência de tradução
( ) Editora
( ) Nenhuma

Justifique sua(s) escolha(s), por favor.

_____

_____

8. Em quais áreas você gostaria de trabalhar como tradutor? (pode escolher mais de uma)

☐ Literária	☐ Artes	
☐ Técnica	☐ Jogos	
☐ Juramentada	☐ Sites	
☐ Marketing	☐ Quadrinhos	☐ Nenhuma
☐ Informática	☐ Acadêmica (teses, resenhas e resumos)	☐ Outras. Quais? _____
☐ Engenharia	☐ Legendagem	
☐ Médica	☐ Interpretação	
☐ Farmacêutica	☐ Todas essas áreas	

9. Você sabe o que é uma lauda?

( ) Sim. Descreva, por favor: _____
( ) Não

10. Você sabe o que são softwares de tradução?

( ) Sim. Descreva, por favor: _____
( ) Não

Caso a resposta anterior tenha sido ‘Sim’, responda a número 11 e 12, por favor:

11. Você sabe trabalhar com algum desses softwares?

( ) Sim. Quais? _____
( ) Não

12. Onde você aprendeu a trabalhar com esse(s) software(s)?

Muito obrigada pela participação!
Boa sorte com seu curso!

Thaís Cristina Casson.
Mestranda em Tradução pela Universidade de São Paulo

Algumas alterações foram feitas entre os dois questionários. Foram elas: (1) o número de perguntas, aumentado para 12; (2) A pergunta número 5, que passou a ser uma pergunta aberta. A análise das respostas do Projeto Piloto mostrou que, mesmo quando alguns alunos escolheram a opção “Sim” para responder a “Você sabe o que é uma agência de tradução?”, na verdade a definição dada por eles não deixou claro o conhecimento deles a esse respeito ou demonstrou que eles não sabem de fato o que é uma agência; (3) Na questão número 7, a opção “Ambas” foi removida, visto que o objetivo é saber qual é a preferência dos alunos, dadas as opções; (4) a última pergunta do questionário aplicado no Projeto Piloto foi removida, pois o porquê da escolha dos alunos pelo curso não será discutido neste trabalho, como já foi mencionado. No lugar dessa pergunta, entrou “Você sabe o que são softwares de tradução?”, para checar o conhecimento dos alunos a respeito dessas ferramentas essenciais para quem trabalha com agências; (5) Duas novas perguntas foram acrescentadas, relacionadas ao uso dos softwares, para checar se os alunos sabem trabalhar com eles e, para aqueles que sabem, descobrir onde eles aprenderam (se foi no curso ou não).

3.6 Universidades visitadas

Três foram as instituições onde os questionários foram aplicados: Faculdades Metropolitanas Unidas, Anhanguera e Instituto Presbiteriano Mackenzie, todas da cidade de São Paulo.

Depois do contato com todas as instituições citadas, a FMU, a Anhanguera e Mackenzie foram as selecionadas para a aplicação do questionário devido à distância[27], disponibilidade e aceitação de seus coordenadores[28]. Na FMU, os alunos dos 2º, 4º, 5º e 6º semestres responderam ao questionário (o curso tem 3 anos); na Anhanguera, todos os semestres, do 1º ao 8º responderam (o curso tem 4 anos). Na Universidade Mackenzie, o curso de Letras – Tradutores e Intérprete em Inglês foi extinto, tendo sido oferecido pela última vez em 2009. A partir do ano seguinte, no curso de Letras, a partir do 5º semestre, os alunos optam por seguir o

---

[27] Houve uma tentativa de aplicação dos questionários aos alunos da Unesp via e-mail, mas uma quantidade muito pequena de alunos enviaram seus questionários respondidos, e devido a esse baixo número, tiveram que ser desconsiderados.

[28] A coordenação da PUC explicou que no momento do contato com a Universidade não possuíam turmas de Tradutor e Intéprete em Língua Inglesa; a Unip não permite pesquisa com os alunos; a coordenação do curso da Uninove não retornou o contato. O contato com a coordenação da Universidade São Judas Tadeu não foi possível devido a erros nos dados fornecidos pelo *site*.

curso em Tradução ou Edição. Os alunos que responderam ao questionário foram do 1º semestre de Letras, e dos 7º e 8º semestres do antigo curso de Tradução (são os últimos alunos que irão se formar nesse antigo curso). No 1º semestre de Letras estão alunos que não necessariamente pretendem trabalhar com Tradução no futuro, portanto os alunos que responderam no questionário que não pretendem trabalhar com tradução ao terminar o curso não entraram na contagem e análise dos dados (eles especificaram em suas respostas que pretendem ser professores, revisores ou trabalhar com edição).

3.7 Número de alunos que responderam ao questionário em cada universidade

FMU - 62

Anhanguera - 102

Mackenzie - 54 no total. 41 que serão analisados (desconsiderando aqueles mencionados acima, do 1º semestre de Letras)

Total de alunos que responderam: 218. Total a ser analisado: 205 questionários.

Na análise, os números de cada universidade não serão mais separados, pois o objetivo não é fazer uma comparação entre os cursos (tal comparação não teria nenhuma relevância aqui).

3.8 Análise Quantitativa

Para quantos o curso é a 1ª graduação: 183;

Quantos já fizeram trabalho remunerado de tradução: 67;

Número de alunos que responderam à pergunta sobre o que é uma agência de tradução: 166;

Deste número acima (166), quantos gostariam de trabalhar para uma agência: 135

3.9 Análise Qualitativa

Os resultados obtidos com o projeto piloto mostraram que minhas hipóteses iniciais estavam corretas, porém somente os números e as respostas dos alunos das 3 universidades pesquisadas podem realmente indicar o verdadeiro conhecimento dos alunos a respeito das agências.

3.9.1 O que é uma agência de tradução?

Os alunos foram instruídos a não deixar perguntas em branco. Caso eles não soubessem a resposta, deveriam escrever “Não sei”. Porém, mesmo com a instrução, alguns deixaram em branco.

Número de alunos que responderam “Não sei” ou que deixaram a questão em branco (do total de 205): 39

Dos alunos que responderam à pergunta (166), 78 não souberam definir corretamente o que é uma agência. Vejamos algumas das respostas:

“Lugar para desenvolver as habilidades de tradução adquiridas em [sic] curso.”

“Um lugar onde as traduções são feitas em troca de dinheiro.”

“É um lugar onde há várias pessoas fazendo traduções.”

“Empresa que oferece serviços relativos à transposição de textos de uma língua a outra, ou outras, e vice-versa [sic]. Tal empresa pode atuar com textos de diferentes áreas.”

“Um local aonde [sic] são feitas traduções técnicas ou não, para vários tipos de casos.”

“Agência de tradução é um lugar onde [sic] recebe trabalho de tradução e arruma tradutores para trabalhar.”

“É um local onde os trabalhos chegam para ser melhor traduzidos do que por alguém que faça em casa. Basicamente, é o local onde alguém pode se dar bem (se fizer seu trabalho adequadamente), ou não.”

“Traduzir as línguas.”

“Empresa que recebe literatura/documentos; todos os gêneros literários em língua estrangeiras [sic] para traduzir para o português.”

“Espaço típico de escritório com acessórios modernos.”

“É um local onde tradutores e revisores se reúnem para fazer seus trabalhos e trocar conhecimentos, pesquisar, aprender.”

“Normalmente, até onde eu sei, os tradutores que trabalham em agências prestam serviço para um tradutor juramentado. O grupo de pessoas fazem traduções juntas e o dono da agência autoriza a tradução. Não sei bem como explicar. Sorry!”.

“Um escritório que recruta tradutores e coloca como escravo... rs. Um local onde trabalha vários [sic] nivéis [sic] de tradutores, os básicos fazem a parte dificil [sic] e os veteranos somente revisa [sic] e leva [sic] os créditos.”

“Um local cheio de tradutores terceirizados correndo contra o relógio.”

“Onde tem varias [sic] pessoas empenhadas num só objetivo. Trabalham juntos para fazer uma tradução e desenvolvem técnicas para facilitar o trabalho.”
“Lugar para desenvolver habilidades adquiridas durante a graduação. Onde também se organiza para prestação de serviços (tradução) para o mundo todo.”
“Lugar em que as pessoas trabalham em grupos para prestar serviços a outros lugares (traduções).”
“Agência de tradução é onde se faz reuniões e traduções simultâneas para outras línguas.”
“Agência de tradução, [sic] traduz filmes ou trabalha com traduções simultâneas.”
“Depende da área na qual é feita a tradução (literatura, audiovisual, interpretação). Por exemplo, na dublagem, a tradução é bem mais que refazer o texto na língua materna pois envolve os aspectos culturais que darão sentido ao texto traduzido.”
“Local que recebe textos nacionais e internacionais.”

3.9.2 Pergunta 7 – Onde ou para quem você preferiria trabalhar como tradutor?

Nesta pergunta, as opções eram “agência de tradução”, “editora” e “nenhuma”. A opção “ambas” foi retirada do questionário porque, conforme já mencionado, o Projeto Piloto demonstrou que muitos alunos escolheram-na por oferecer mais possibilidades de exercício da profissão. Como meu objetivo era saber sobre a preferência dos alunos entre uma e outra, a opção foi removida. Nesta versão final do questionário, havia também uma especificação entre parênteses para que o aluno escolhesse apenas uma das opções e um pedido de justificativa sobre a escolha.

Do número total de alunos (205),
- 4 não escolheram nenhuma opção, e não justificaram;
- 10 escolheram mais de uma opção, dos quais 7 justificaram sua opção;
- 44 escolheram a opção Nenhuma, dos quais 35 justificaram;
- 56 escolheram a opção Agência de tradução, dos quais 37 justificaram;
- 91 escolheram a opção Editora, dos quais 69 justificaram.

Um dado que chama a atenção é o alto número de alunos que selecionaram a opção Nenhuma. Dos 44 que escolheram esta opção, 35 justificaram.

1 - “Tanto agência, como editora colocam [sic] prazos muito curtos, alem [sic] da exigencia [sic] e o salario [sic] pouco remunerado [sic] por lauda traduzida.”

2 - “Pois paga-se muito pouco pelo trabalho, levando-se em conta o prazo muito reduzido. Pretendo abrir meu próprio escritório de tradução.”

3 - “Tradução não é a área que desejo trabalhar.”

4 - “Não conheço o mercado de trabalho.”

5 - “Preferiria trabalhar como autônomo, digo freelance [sic].”

6 - “O salário é baixo e a pressão sobre os prazos é alta.”

7 - “Pretendo trabalhar como revisora.”

8 - “Gostaria de abrir minha própria agência.”

9 - “Gostaria de fazer traduções sem qualquer vínculo empregatício.”

10 – “Preciso de mais informações sobre qual das 2 opções eu escolheria, como tipo de texto, tipo da revista ou jornal. Superficialmente falando, torna-se difícil. Porém, gostaria sim de trabalhar em algo relacionado à tradução.”

11 – “Gostaria de trabalhar em casa”.

Alguns escolheram a opção “Nenhuma” justificando que preferem trabalhar em casa ou como *free-lancers*. Mas isso é possível tanto com editoras quanto com agências (talvez eles não saibam dessa possibilidade). O número 9 também não sabe que é possível prestar serviços para algumas agências sem vínculo empregatício. Alguns dos alunos que mencionaram a questão da má remuneração trabalharam poucas vezes com tradução (mais de um responderam que já fizeram 3 trabalhos remunerados), demonstrando um descontentamento precoce com a área (não só em relação à agências).

Como já era esperado, a grande maioria preferiria trabalhar para uma Editora. Os principais motivos alegados foram: diversidade, desejo de trabalhar com livros, reconhecimento, gosto pela área literária.

1 – “Porque a quantidade de trabalho é maior, consequentemente o salário”.

2 – “Simplesmente pelo fato de adorar ler e não saber muito da minha capacidade para finanças e área legal (pois até onde eu saiba, a maioria das agências trabalha mais com esse tipo de tradução).

3 – “Por acreditar ser melhor remunerado e mais reconhecido”,

4 – “Em editoras seu trabalho é mais reconhecido e ao conhecê-las, você já tem uma ideia prévia do tipo de texto que vai trabalhar.”

5 – “Vejo uma oportunidade mais ampla para o aprimoramento profissional”.

6 – “Preferiria fazer parte de um processo maior, poder ter meu trabalho revisado e passado por diversas pessoas, antes de ser entregue”.
7 – “Para trabalhar com diversos tipos de textos”.
8 – “Ah, me identifico mais com isso”.
9 – “Prefiro a estabilidade de trabalhar em uma editora e não por conta”.
10 – “Você pode selecionar melhor a área e os assuntos”.
11 – “Acho que em uma editora a quantidade de páginas ou laúdas [sic] a serem traduzidas [sic] em um único trabalho é mais [sic]. Também gostaria de trabalhar com tradução literária.”
12 – “Acredito que é onde existam mais opções de trabalho”.
13 – “A tradução muito técnica não é o que gostaria de fazer para a minha vida”.
14 – “Acho que uma editora faz trabalhos específicas da área que distribui, o que aprimora o trabalho do tradutor na determinada área.”
15 – “Pelo ambiente ser mais derivado”.
16 – “Acredito ser melhor”.
17 – “Agência de tradução não tenho informação nenhuma sobre tal assunto [sic]”.
18 – “Imagino que você traduza com [sic] apenas um tipo de texto”.
19 – “Creio que seja o melhor lugar para atuar”.
20 – “Por haver maior credibilidade e estabilidade no mercado”.
21 – “Confiança. Durabilidade. Conforto. Renomada.”
22 – “Aparenta ser mais interessante”.

Algumas dessas respostas só reforçam a ideia de que os alunos não conhecem o trabalho das agências. A resposta 6 pode ser verdadeira em relação a uma agência pequena, mas agências médias e grandes possuem revisores, controle de qualidade, coordenadores, portanto o trabalho passa por várias pessoas antes de ser entregue ao cliente. A diversidade de textos em uma agência é até maior que a das editoras (resposta número 7). A quantidade de laudas com a qual o tradutor irá trabalhar também pode ser maior que a de um livro em uma agência (resposta 11).

Pelas respostas dos alunos, podemos confirmar que as editoras são mais bem vistas, tanto em relação à visibilidade quanto ao salário. Isso pode ser justificado pela forma como os cursos são estruturados (dando maior foco à tradução literária), consequentemente formando tradutores mais interessados na

área literária – o que pode limitar os campos de trabalho para os recém-formados, simplesmente por falta de informação, ou informações erradas.

Dos 56 alunos que escolheram a opção “Agências de tradução” para trabalhar no futuro, 37 justificaram suas respostas. O motivo mais recorrente foi a variedade de assuntos.

1 – “Por maior mobilidade”.

2 – “Porque eu gosto muito de tradução desde pequena”.

3 – “Gosto de tradução e legendagem de filmes e seriados”.

4 – “Aparentemente o material a ser traduzido é mais diversificado”.

5 – “Porque acredito que numa agência trabalhos [sic] mais específicos de meu interesse”.

6 – “Porque eu acho que em agências temos oportunidade de trabalhar em várias áreas da tradução”.

7 – “Oportunidade para adquirir experiência”.

8 – “Prefiro agência, pois não me identifico com obras literárias”.

9 – “Melhor remuneração”.

10 – “Pela variedade de temas dos trabalhos e flexibilidade de horário e local de trabalho”.

11 – “O trabalho é mais variado e melhor remunerado”.

12 – “Recursos disponibilizados”.

13 – “Porque em agências de tradução é nos dada um pouco mais de ‘liberdade’”.

14 – “Tradução de filmes e seriados”.

15 – “Pelas horas de trabalho, e eu acredito que tenha menos pressão”.

16 – “Apenas preferência”.

3.9.3 Áreas de Interesse

Dos 205 alunos, 197 assinalaram suas áreas de interesse.

Literária	107
Técnica	58
Juramentada	39
Marketing	49
Informática	27
Engenharia	10

Médica	35
Farmacêutica	16
Artes	79
Jogos	67
Sites	68
Quadrinhos	83
Acadêmica	34
Legendagem	147
Interpretação	87
Todas essas áreas	1
Nenhuma	0
Outras	Dublagem; Teologia; Jurídica; Ocultismo; Textos corporativos; Jornalística; Bíblica; Científica; Esportes; Textos sagrados e Escritos Antigos; Negócios.

As áreas mais desejadas pelos alunos são Legendagem, Literária e Interpretação. As menos são engenharia, farmacêutica e informática (a primeira e a última bastante comuns em agências).

3.10 Conclusão

Essa etapa da pesquisa teve o objetivo de averiguar o conhecimento dos alunos a respeito das agências, suas áreas de interesse e experiência. Grande parte dos alunos tem pelo menos uma ideia do que é uma agência de tradução, mas eles possuem alguns preconceitos em relação a elas; suas preferências por local para trabalhar e suas justificativas ainda mostram que as editoras possuem um prestígio muito maior do que as agências, embora algumas das justificativas em relação aos porquês mostrem que os alunos estão errados em relação a elas (como é o caso da maior variedade de textos em uma editora em relação a uma agência). As áreas escolhidas pelos alunos já eram esperadas: legendagem, interpretação e literária – áreas com as quais as agências trabalham pouco (interpretação é mais frequente). As justificativas para as escolhas de Interpretação e Legendagem são as mesmas do Projeto Piloto, e quanto à Literária, ter o nome publicado e ter mais contato com

literatura durante a vida e no curso de Graduação são explicações possíveis para essa preferência.

CAPÍTULO IV
ENTREVISTAS COM OS TRADUTORES DE AGÊNCIAS

O objetivo das entrevistas foi investigar como funciona o trabalho de um tradutor em uma agência de tradução. Vários aspectos do perfil desse profissional foram abordados, como formação, métodos e rotinas, em um contato direto com esses profissionais. E o mais importante, como esses profissionais e a sua experiência podem colaborar com a formação de novos tradutores?

4.1 Metodologia da Pesquisa com os Tradutores

Para os tradutores, dois métodos foram utilizados para coleta de dados: um questionário fechado e um aberto. Para alguns, ambos foram enviados por e-mail; para outros, quando houve a possibilidade e disponibilidade dos profissionais, o questionário aberto foi o roteiro para uma entrevista feita pessoalmente e gravada por mim. No caso das entrevistas, o questionário aberto foi o roteiro, porém, os tradutores ficaram livres para falarem sobre o que quisessem, e dependendo do assunto, eu, como entrevistadora, acrescentei perguntas que não estavam no roteiro. Este modelo de entrevista é denominado semiorientada,

> em que o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais do que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador (QUEIROZ, 1991, p. 58).

Portanto praticamente todas as perguntas de meu roteiro foram feitas e respondidas pelos tradutores, mas algumas entrevistas acabaram sendo mais longas do que outras, conforme o que o tradutor quis acrescentar e conforme às outras perguntas que eu acrescentei durante a fala deles.

Os 7 tradutores entrevistados possuem algum tipo de relação com agências. O tradutor 1 já trabalhou com agências por vários anos, e é formado no curso de Tradutor e Intérprete em Inglês; o tradutor 2 é tradutor interno de uma agência atualmente e também é graduado no curso de Tradutor e Intérprete; o tradutor 3 é proprietário de uma pequena agência e não tem formação acadêmica em Tradução; o tradutor 4 trabalha como *free-lancer*, e já prestou serviços de tradução para

agências; o tradutor 5 é tradutor juramentado e dono de uma agência atualmente; o tradutor 6 também é proprietário de uma agência e é graduado em Tradução; o tradutor 7 é sócio em uma cooperativa de tradutores (na entrevista, ela mesma define e explica a diferença entre cooperativa e agência). Houve ainda um 8ª tradutor que respondeu a algumas perguntas por e-mail, mas foram perguntas diferentes daquelas aplicadas para os outros. Ele também é sócio proprietário de uma pequena agência, e na época em que enviei algumas perguntas por e-mail, eu queria apenas alguns dados específicos de sua função – proprietário – e não como tradutor, por isso foram feitas perguntas diferentes.

Além disso, os 8 tradutores entrevistados possuem perfis bem diferentes uns dos outros: diferentes sexos (que não estão sendo identificados aqui, para ajudar a manter o sigilo sobre suas identidades), idades, experiências e até na visão sobre a própria profissão. Alguns dos entrevistados já são tradutores há muitos anos, e pelo menos 2 deles são recém-formados. Um deles já trabalhou com agências, outro é tradutor interno atualmente, um é *free-lancer*, três possuem mais de uma função na agência, além de tradutores. Considerando essas distinções, principalmente no momento das entrevistas, perguntas foram acrescentadas e outras alteradas para acompanhar essas diferenças entre os entrevistados e colaborar, dessa forma, para montar um perfil mais completo possível sobre tradutores de agência. Algumas das entrevistas foram verdadeiros relatos de uma vida profissional.

Alguns desses tradutores foram contatados por indicação de algum conhecido, e outros foram por meio de meu levantamento das agências. Este foi, aliás, um grande obstáculo para meu trabalho: embora eu tenha entrado em contato com muitas agências, poucas responderam e aceitaram que um de seus tradutores fosse entrevistado. Para todas as agências, enviei um e-mail padrão

> Boa tarde.
>
> Meu nome é Thaís e sou pesquisadora. Minha dissertação de mestrado aborda o trabalho das empresas de tradução de São Paulo, e a relação entre o treinamento de futuros tradutores e o trabalho prático. Um de meus objetivos é mostrar como funciona o trabalho nesse tipo de empresa, cuja função é tão importante no mercado de tradução.
>
> Gostaria de conversar com alguém da empresa para fazer algumas perguntas se for possível.
>
> Agradeço desde já.

Atenciosamente,

Thaís Cristina Casson
Universidade de São Paulo
Orientadora: prof. Lenita Maria Rimoli Esteves

O levantamento das agências está no Apêndice A.

Modelo do Questionário aplicado aos Tradutores de Agências

1. Você tem formação acadêmica na área de Letras?

( ) Sim.

( ) Não. Em qual área tem formação?

_____

2. Fez ou faz algum curso relacionado à tradução (sem considerar faculdade nem pós-graduação)?

( ) Sim. Qual?

_____

( ) Não.

3. Costuma utilizar algum livro, manual, estudo ou qualquer outro material teórico para consulta sobre tradução?

( ) Sim. Qual?

_____

( ) Não.

4. Tem conhecimento sobre teoria da tradução?

( ) Sim.

( ) Não.

5. Acredita que algum estudo acadêmico poderia auxiliar seu trabalho na agência?

( ) Sim.

( ) Não.

6. Tradução é sua única ocupação?

( ) Sim.

( ) Não. Que outra função exerce?

_____

Para os que responderam "Não" na pergunta 6, responder à pergunta 7.

7. Tradução é sua principal ocupação?

( ) Sim.

( ) Não.

8. Quantas horas por dia você trabalha com tradução?

( ) Até 4 horas.

( ) de 4 a 6 horas.

( ) de 6 a 8 horas.

( ) mais de 8.

9. Quando você começou a trabalhar com agências, teve dificuldade em lidar com o volume de textos para traduzir diariamente? Se sim, por qual motivo? (mais de uma opção pode ser escolhida)

( ) não estava acostumado a traduzir tanto em tão curto espaço de tempo;

( ) não tinha muita experiência na profissão;

( ) não tive formação técnica/acadêmica para trabalhar com tradução;

( ) embora tenha tido formação técnica/acadêmica, não estava preparado para a velocidade exigida na tradução na agência;

( ) nunca tinha tido contato com alguma(s) área(s) em que tive que traduzir.

10. Tem especialização em alguma área específica?

( ) Sim. Qual?

_____

( ) Não.

11. Em quantas áreas traduz?

( ) Uma.

( ) Duas.

( ) Três.

( ) Mais de três.

12. Sabe trabalhar com *softwares* de tradução (Trados, Wordfast etc)?

( ) Sim.

( ) Não.

Para os que responderam "Sim" na pergunta 12, responder à 13.

13. Fez algum curso específico sobre o uso desse(s) programa(s) de tradução?

( ) Sim. Qual? _____

( ) Não.

Roteiro para Entrevista com Tradutores

1 - Fale um pouco sobre sua experiência como tradutor(a).

2 - Como foi sua experiência com agências? Você trabalhou como tradutor(a) interno(a) ou *free-lancer*? Teve alguma outra função, além de tradutor(a)?

3 - Em relação à(s) agência(s), você recebe um salário fixo ou por produção?

4 - Você faz pausas? Quantas e de quanto tempo?

5 - A quem você recorre quando tem uma dúvida, ou durante algum problema na tradução? Quais são as suas ferramentas de trabalho?

6 - Quantas laudas (de quantas palavras) em média você consegue traduzir por dia?

7 - Você utiliza alguma técnica, ou algum tipo de procedimento que aprendeu em curso, faculdade ou em outro lugar? Qual?

8 - O que é necessário para ser um tradutor de agência?

9 - Dentre todas as traduções que você faz diariamente, qual é a porcentagem de traduções que você faz com memórias de tradução?

10 - Você está satisfeito(a) com sua profissão?

11 - Qual é a diferença entre o trabalho em uma agência e em uma editora?

12 - Você lê teoria de tradução? Você acredita que alguma pesquisa acadêmica poderia ser feita para contribuir com seu trabalho? Se sim, sob que foco?

13 - (*Caso **tenha formação** acadêmica em Letras ou Tradução*) Você considera que foi devidamente preparado(a) na Graduação para o trabalho na agência? Por que (não)?

(*Caso **não tenha formação** acadêmica em Letras ou Tradução*) Você acha que a formação acadêmica nessa área poderia ter feito alguma diferença em seu trabalho na agência hoje? Por quê (não)?

14 - Quanto você recebe por lauda traduzida (de agência e/ou editora)? E o que acha da remuneração?

4.2 Considerações sobre as entrevistas e perfis dos tradutores

As entrevistas mostraram, entre outras coisas, a variabilidade do universo desse tipo de empresa de tradução (incluindo aqui, agências, escritórios e até a cooperativa de tradutores do Tradutor 7). Os valores pagos para o tradutor são bastante diferentes. O menor valor foi mencionado pelo Tradutor 1 (5 reais por lauda) e o maior pelo Tradutor 3 (30 reais por lauda). Se considerarmos uma lauda de 180 palavras (número mais frequentemente mencionado nas entrevistas

também), a variação vai de R$ 0,027 por palavra na primeira até R$ 0,166 na segunda. Em uma produção diária de 2.000 palavras (a média de produção entre os tradutores), o primeiro tradutor ganharia R$ 54 por dia, e o segundo R$ 332, totalizando um “salário” de R$ 1080 para o primeiro e de R$ 6640 para o segundo (cálculo com 20 dias de trabalho no mês). Esses cálculos são apenas referência, uma forma de demonstrar quanto um tradutor pode receber trabalhando para uma agência, mantendo uma produção constante (apenas considerando-o na função de tradutor).

Um dado observado nas entrevistas é a utilização de memórias de tradução. Embora isso não seja surpreendente, o que chama a atenção é a utilização de softwares como Wordfast e Trados (os mais populares entre as agências e tradutores) mesmo sem a utilização de uma memória pré-existente do cliente. Os tradutores 3 e 7 afirmaram que utilizam o Wordfast em 100% de suas traduções por seus outros recursos: segmentação do texto, “limpeza” do texto, formação de glossário e criação de novas memórias para possíveis trabalhos futuros. O tradutor 3 chegou a afirmar que não consegue mais fazer traduções sem a segmentação do Wordfast. As agências que utilizam algum desses programas o fazem para terem suas próprias memórias de tradução guardadas e aumentadas a cada novo trabalho. Embora os tradutores também tenham interesse em montar suas próprias memórias, eles também utilizam esses programas para facilitar o trabalho, devido à forma como o texto e a tradução ficam organizados, o que mostra que não apenas um tradutor de agência pode se beneficiar desse tipo de programa, mas qualquer tradutor, inclusive alunos.

O trabalho em grupo também é essencial para tradutores de agência. Mesmo que não estejam fisicamente juntos, a tecnologia permite que os tradutores trabalhem em conjunto, em rede, para fazerem traduções maiores juntos, mantendo contato também com o coordenador de tradução, cargo encontrado principalmente em agências de médio e grande porte.

Novamente, os prazos apertados das agências foram mencionados (e até criticados) pelos entrevistados. O tradutor 2 fala sobre o choque ao ingressar no mercado de trabalho referindo-se a essa questão:

> Algumas coisas deixam a desejar [na Graduação] por conta da rapidez, porque assim, a gente vem com uma visão de que a gente vai ter um prazo legal, que você vai poder pesquisar, que vai ser tudo

> lindo, não vai ter problema, mas não funciona assim. A gente só vê isso mesmo quando trabalha na área. Acaba ficando um pouco iludido porque assim, geralmente quem faz Letras é porque gosta mesmo de escrever, de ler e de pesquisar, só que às vezes você não tem tempo suficiente, então acho que o que deixou mesmo a desejar em relação ao curso é não mostrar como é agressivo o mercado de trabalho mesmo.

Outro dado importante foi que nenhum dos tradutores entrevistados mencionou outro software (um deles mencionou o Linguee, que não é um software, mas um *site* de pesquisa de termos traduzidos), nem a Linguística de Corpus, por exemplo, que possui outras ferramentas bastante úteis para o processo tradutório. Talvez por não terem tido contato com a academia (para aqueles que não são formados na área) ou por não terem visto isso na Graduação (alguns dos tradutores já são formados há muito tempo), eles acabam desconhecendo ferramentas que poderiam auxiliá-los em seu trabalho diário.

A questão de tradutores automáticos (como o Google Translator) também foi discutida com alguns dos tradutores. Eles disseram que não utilizam esse tipo de programa em seu trabalho, porém o Tradutor 3 afirma

> [...] eu olho de vez em quando só para ver em que status está o Google Translator. É inexorável – isso vai acontecer! [...]
> [...] Ele está melhorando cada vez mais. E tem inclusive as ferramentas de tradução, as atualizações dela, tanto do Wordfast quanto do Trados, elas têm agora uma macro que você habilita para sugestões do Google Translator, na hora que você está traduzindo. Então na hora que você tem um segmento, o Google pode te sugerir uma tradução. No português não serve para nada, porque só vem bobagem, não vem nada que você possa aproveitar, mas vai chegar lá.

Embora ainda haja preconceitos e receio em relação à utilização de tradutores automáticos, é um fato a evolução desse tipo de programa (pelo menos em relação à tradução inglês-português). No escritório da União Europeia, o Systran (software de tradução automática desenvolvido por eles) é utilizado desde 1976 (Chesterman, Wagner, 2009, p.115). Embora Wagner afirme que o sistema não substitui o tradutor humano, em um futuro não tão distante, os tradutores poderão tornar-se “revisores da máquina”, uma tendência que poderia (e deveria, na minha opinião) ser discutida e explorada na sala de aula de Tradução, sem preconceitos.

Apenas 2 dos tradutores entrevistados atualmente possuem a função de tradutor apenas. Os outros são, ou já foram revisores, coordenadores de tradução,

diretor e até sócios de suas próprias empresas, acumulando portanto funções. Esses perfis formam um panorama das possibilidades de exercício da profissão dentro de uma agência. Como já mencionado anteriormente, em agências maiores, um aluno ou recém-formado geralmente inicia seu trabalho sendo revisor. Depois passa a ser tradutor, e pode chegar a ser coordenador de traduções, ou trabalhar com Controle de Qualidade, ou até mesmo abrir sua própria agência. Essas diferentes possibilidades também poderiam ser exploradas em sala de aula no curso de Tradução, nas atividades práticas.

Considerando essas características provenientes das entrevistas (e de minha experiência pessoal), e aliando o conhecimento presente na academia e a experiência na prática de tradução de agências, o capítulo a seguir propõe um exercício de fácil aplicação para sala de aula.

CAPÍTULO V
PROPOSTA DE EXERCÍCIO PRÁTICO EM SALA DE AULA

Os cursos de graduação costumam ter em sua grade matérias dedicadas à prática de tradução, onde os alunos recebem trechos de textos variados para traduzir, entregar para o professor, que o devolve com suas colocações. Uma segunda forma em que tais exercícios são abordados é discutir em sala de aula a tradução.

Nesse tipo de prática, os alunos geralmente dispõem de dias, ou até uma semana para cumprir com a tarefa. Portanto o prazo é longo para que os alunos possam lidar com o trabalho, algo que dificilmente acontece no mercado de trabalho da tradução, e menos ainda quando se trata de uma agência. O prazo é um dos pontos fundamentais no trabalho de uma agência de tradução, sendo ele um dos diferenciais desse tipo de empresa.

Ao desconsiderar esse fato no treinamento dos alunos, a prática na sala de aula acaba não expondo o aluno a uma situação real de uma parte significativa do mercado de trabalho, o que pode ter um impacto muito grande quando o aluno ingressar nele.

Aqui irei propor, com base no artigo “DIY Corpora: the WWW and the Translator” (Zanettin, 2003), um exercício de aplicação simples. Esse método de trabalho é utilizado por mim, como tradutora, e poderia facilmente ser aplicado em sala de aula, pois (1) é rápido, e pode ser adaptado de acordo com a necessidade do professor e (2) utiliza *softwares* gratuitos, evitando assim possíveis problemas burocráticos com licenças para as universidades[29].

5.1 Ferramentas

> *The translator must have adequate knowledge of the alternatives available: this means obvious language skills, including contrastive linguistic and cultural knowledge, in order to assess the potential effects of different choices, in the widest sense. The translator must*

[29] Para testar a viabilidade e o tempo utilizado no exercício, eu mesma executei todas as etapas do processo descrito adiante com textos que me foram passados por agências, até chegar a esse modelo proposto, pois ele mostrou-se bastante eficiente e rápido para mim.

> *also have adequate technical and research skills in order to discover and evaluate possible alternatives*". (Chesterman, 2001, p.141)

Uma importante ferramenta, e uma das mais usadas pelos tradutores é o Google, e embora a Internet possa ser considerada um grande *corpus* e existam vantagens em seu enorme tamanho e diversidade (Greffenstete, 2002), escolhas feitas apenas com a utilização dessa ferramenta de busca podem não apenas ser inadequadas, mas também podem deixar o tradutor inseguro quanto às suas escolhas, principalmente se ele estiver trabalhando com um texto cuja área não lhe seja muito familiar. Caso seja necessário justificar uma determinada escolha para um cliente, por exemplo, apenas ter um grande número de exemplos (encontrados no Google) pode não ser o suficiente.

A Linguística de *Corpus* proporciona ao tradutor mais segurança sobre suas escolhas, pois mesmo que uma possível escolha do tradutor parta de uma intuição, a Linguística de *Corpus* traz evidência empírica para uma decisão definitiva. É muito comum o tradutor partir de uma suposição para traduzir um determinado termo, e aliando mais ferramentas, não apenas o Google, a escolha pode ser confirmada ou uma alternativa mais adequada pode vir à tona.

5.2 Prioridades no ensino de tradução

Retomamos aqui as afirmações de Bernardini (2002, p. 175), sobre serem três as prioridades no ensino de tradução:

1 – Consciência: fazer com que os alunos tenham conhecimento linguístico, mas principalmente consciência de seu papel como intermediadores culturais;

2 – Engenhosidade: fazer com que eles sejam capazes de adaptar o conhecimento adquirido sobre as ferramentas de tradução para resolver problemas e trabalhar com outras que venham a ser criadas no futuro;

3 – Reflexão: fazer com que eles reflitam sobre a tradução durante o processo.

O exercício proposto a seguir baseia-se nesses conceitos de Bernardini.

5.3 Exercício

É importante ressaltar alguns pontos anteriores ao exercício:

1. Um tradutor de agência pode trabalhar com QUALQUER tipo de texto, pois embora existam áreas mais comuns com as quais as agências trabalhem, é

comum surgirem textos de áreas com as quais o tradutor não esteja familiarizado. Portanto ele deve estar preparado para receber textos de qualquer área;

2. Um grande número de agências (principalmente de médio e grande porte) utilizam memórias de tradução (quando há uma memória) e algumas costumam fornecer glossários para seus tradutores, juntamente com os textos que eles devem traduzir. Ao longo da tradução, o tradutor deve aumentar esse glossário, se considerar necessário. Caso não haja um glossário para ser fornecido ao tradutor, algumas agências exigem que o tradutor faça um glossário durante a tradução e o entregue juntamente com o texto pronto ao final.
3. Novamente, os prazos em agências são quase sempre muito curtos, portanto os tradutores devem dividir bem seu tempo entre pesquisa, uso de ferramentas e confecção de glossários (quando for necessário).

O exercício que irei propor seria uma espécie de vivência do ambiente de trabalho de um tradutor de agência, no qual os alunos utilizariam as ferramentas, teriam contato com duas áreas bem diferentes e um curto prazo para traduzir (isso poderia ser feito em sala de aula, apenas dentro do horário, em uma ou mais aulas. O importante é que os alunos tenham a experiência de traduzir um texto ou trechos com um prazo curto estipulado).

O que Zanettin (2003) fez em seu experimento é uma boa solução para lidar com um texto de terminologia estranha e de forma rápida: aliar várias ferramentas diferentes durante o processo; no caso dele, foram utilizadas ferramentas de busca, concordanciador, *corpora* online, memórias de tradução e dicionários eletrônicos. Os alunos poderiam escolher se gostariam de trabalhar individualmente ou em grupos, e ao final da atividade, eles deveriam apresentar um relatório sobre os benefícios e dificuldades de criar e usar um corpus DIY como recurso de tradução.

A sugestão de exercício a seguir é um pouco diferente pelos seguintes motivos:

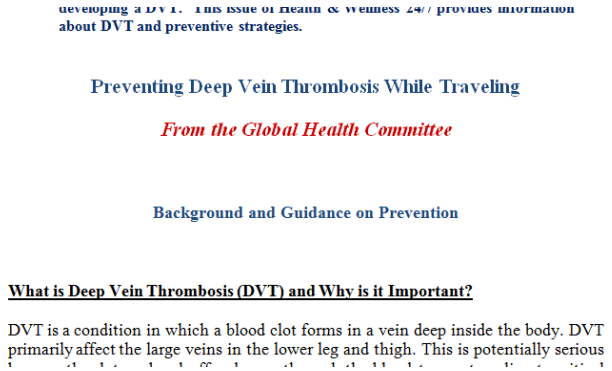
1) Considerando que o trabalho seria feito por uma agência, então ele deve ser feito em grupo. No grupo, haveria diferentes funções: um ou dois seriam os tradutores propriamente ditos, outro poderia ficar responsável pela terminologia, outro atuaria como coordenador e um revisor, simulando assim um ambiente de uma agência de médio a grande porte (fazendo com que todos os alunos tivessem contato com o texto a traduzir, porém analisando-o

sob diferentes aspectos de acordo com sua função). Essa etapa é muito importante para mostrar ao aluno que dentro de uma agência ele pode ter outra função além da de traduzir. É prática comum em agências que o profissional comece como revisor, e depois vire tradutor;

2) Além das ferramentas usuais (Google, dicionários etc), a utilização do BootCat (extrator automático de corpus da Internet, por meio da inserção de palavras-chave pelo usuário) mostrou-se bastante eficiente a) para deixar claro o domínio de um texto, b) associado ao AntConc (concordanciador gratuito), para destacar termos candidatos para um glossário, tanto para auxiliar no trabalho de tradução quanto para o cliente e c) por sua rapidez e facilidade no uso, sem contar que é de graça, e pode ser guardado no computador da agência e da universidade sem problemas com licença (este é um dos obstáculos para o trabalho com *softwares* de tradução nos laboratórios dos cursos de graduação, pois alguns desses programas têm um alto custo, e quanto mais computadores, mais caro ficaria para a faculdade. Por essa razão alguns cursos não oferecem em suas aulas práticas exercícios com memórias como o Trados, por exemplo).

Os 2 trechos de texto utilizados como exemplos aqui são textos que foram passados para mim, como tradutora, por duas agências diferentes.

5.3.1 Primeiro texto


about DVT and preventive strategies.

Preventing Deep Vein Thrombosis While Traveling

From the Global Health Committee

Background and Guidance on Prevention

What is Deep Vein Thrombosis (DVT) and Why is it Important?

DVT is a condition in which a blood clot forms in a vein deep inside the body. DVT primarily affect the large veins in the lower leg and thigh. This is potentially serious

Imagem do texto original a ser traduzido

O único dado que me foi fornecido pela agência antes de receber o texto para traduzir, e que seria passado para os alunos no exercício, foi que o texto era da empresa Alcoa.

Lendo rapidamente, coloquei os primeiros termos no BootCat (esses termos são chamados de *seeds*, que nada mais são do que as palavras-chave escolhidas pelo usuário). No caso deste texto da Alcoa, as *seeds* foram: *deep vain thrombosis, preventing, Alcoa, airplane, wellness, DVT, clots, prevention, travel* e *health*.

Após essa etapa, o BootCat gera combinações entre as *seeds*, por exemplo, *Alcoa wellness*, *DVT prevention*, *travel health airplane* etc, e essas combinações são chamadas *tuplets*. O usuário escolhe quais *tuplets* deseja pesquisar, selecionando-as na listagem. A próxima etapa executada pelo programa é a busca de *sites* na Internet, cujos textos possuam essas *tuplets*. O BootCat apresenta uma lista de *sites* com o corpus encontrado, e a análise das URLs já demonstra claramente o domínio do texto, caso ele ainda não estivesse claro – trata-se de um texto sobre saúde, neste caso. O usuário também pode selecionar quais *sites* da lista serão fonte para a formação do seu corpus. Então caso existam blogs na lista, e o usuário não queira que seu corpus seja constituído de textos de blogs, ele pode retirá-los. Depois de selecionadas as URLs, gera-se o *corpus*, que se torna o *corpus* de referência. O texto a ser traduzido é o corpus de estudo.

Com o corpus de referência e o de estudo, o próximo programa a ser utilizado é o Antconc. Com esses corpus, a lista de Keywords de frequência é gerada e os termos fornecidos por ela são os termos candidatos para o glossário.

Palavras mais frequentes na lista do Antconc:

DVT
Risk
Travel
Legs
Health
Flights
Prolonged

A partir daí, com esse texto da Alcoa, comecei a trabalhar na criação do glossário utilizando o *web site* Linguee e colocando nele os termos que surgiram com maior número de frequência na lista de *keywords*.

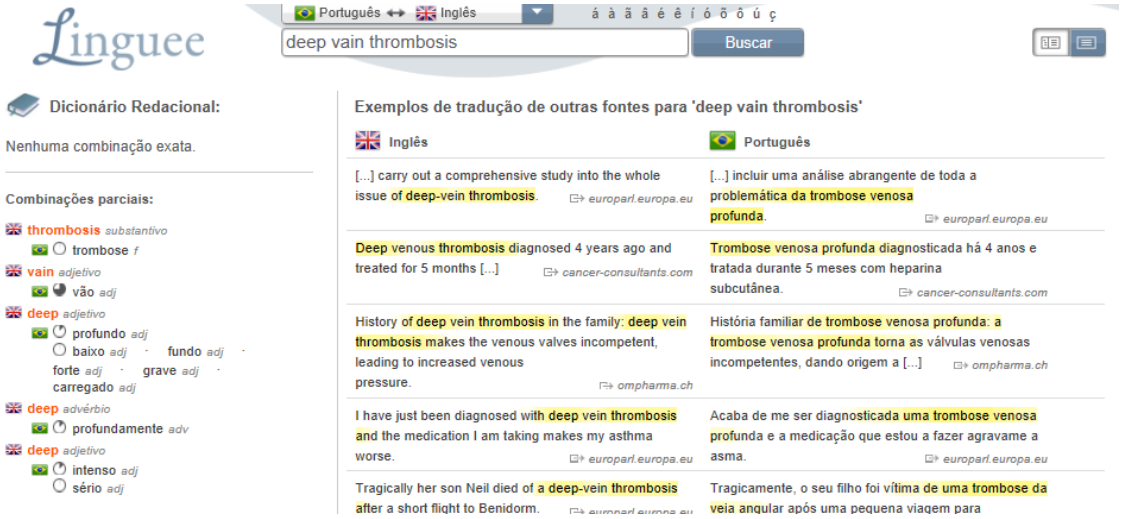


Imagem do Linguee, mostrando o termo *deep vain thrombosis* e como ele foi traduzido em trechos de diferentes textos. A tradução do termo aparece principalmente como trombose venosa profunda.

Depois de seguir com esse processo para todos os termos, o glossário é montado (no meu caso ele foi enviado para a agência, para receber a aprovação do cliente). Com o glossário pronto, a tradução do texto é iniciada. Considerando a divisão de funções entre o grupo em sala de aula – tradutor, terminólogo, coordenador e revisor – e o prazo curto para a tarefa, o trabalho com o BootCat e com o AntConc poderia ser feito pelo aluno terminólogo e pelo coordenador de tradução, enquanto, o aluno 'tradutor' já poderia começar a tradução, e assim que o glossário estivesse pronto, ele poderia utilizá-lo para verificação ou para tirar dúvidas sobre termos que ainda não tivessem sido traduzidos. Além disso, como no grupo poderia haver mais de um aluno na função de tradutor, o glossário seria útil para uniformizar os termos entre os tradutores da "equipe", para que não houvessem diferenças de tradução no mesmo texto, o que é bem difícil de fazer sem um glossário (ou uma memória de tradução), principalmente no caso de textos e equipes de tradução maiores.

Todo esse processo é rápido, não leva mais tempo do que com a utilização apenas do Google para fazer a mesma coisa, pois os alunos teriam que entrar em várias páginas em busca de seus termos e suas possíveis traduções, porém ele fornece mais segurança na montagem e apresentação do glossário para o cliente e para proceder com a tradução, além de oferecer opções para os alunos – com esse novo leque de possibilidades, futuramente os alunos podem descobrir novas formas

de lidar com um texto a ser traduzido, e criar outras técnicas próprias (a questão da engenhosidade ao qual se refere Bernardini).

5.3.2 Segundo texto

- **Tables** group
- **GANTRY CONVERSION** text fields
- **COUCH CONVERSION** text fields
- **COLLIMATOR CONVERSION** text fields
- **LINAC LANGUAGE CONVERSION** text fields

ose MLC Config Window

When you click the **MLC Config** button, MDB switches to the MLC Config window where you may check and modify the mlc.config file data.

Upon exiting, MBD first checks if you changed the LINAC during execution. You must confirm any changes before exiting.

Imagem de trecho do segundo texto a ser traduzido

Recebi a informação de que se tratava de um manual de uso de um software da empresa ERGO.

Analisando o texto rapidamente, não ficou claro para mim qual era o assunto, ao contrário do primeiro texto. Então, novamente, utilizando o BootCat para gerar um Corpus de Referência, e depois o AntConc (da mesma forma do primeiro texto), cheguei à conclusão de que se tratava de um manual de *software* de máquina de radiologia e radioterapia (isso foi possível com a análise dos primeiros links fornecidos pelo BootCat). As *seeds* colocadas no BootCat foram: *dosimetry, dynamic multileaf software, collimator*, LINAC, ERGO e *gantry conversion*. Fui ao Linguee e comecei a construir um glossário inicial, menor, para ser aprovado pelo cliente. Nesse segundo caso, por ser um texto muito grande (60.000 palavras) e de um assunto bem mais específico do que o primeiro, o Linguee mostrou-se insuficiente para propor boas sugestões de tradução. Com isso, fiz uma suposição sobre a tradução de alguns dos termos. Por exemplo, *dosimetry*, dosimetria; *collimator*, colimador. E dessa vez recorri ao BootCat para coletar um *corpus* em português. As *seeds* colocadas no programa foram: dosimetria, colimador, LINAC, ERGO, radiologia, radioterapia. O restante do processo foi o mesmo: a utilização das palavras-chave do Antconc para gerar um glossário inicial, dessa vez com os termos traduzidos. Ao final da tradução, por ser um texto muito grande, o glossário já estaria

bem maior, porque seria ‘alimentado’ durante o processo. No caso do trabalho em grupo com os alunos, aqui seria ainda mais importante o trabalho simultâneo do terminológo e do tradutor, pois o texto é muito maior que o primeiro. No caso de uma agência, o glossário gerado inicialmente também estaria sujeito à aprovação do cliente, e algumas entradas poderiam ser mudadas depois da análise do cliente e repassadas para o tradutor antes de ele entregar a tradução final. Essa função poderia ficar a cargo do professor, na sala de aula.

Essa é uma proposta de como a Linguística de *Corpus* poderia auxiliar no trabalho de um tradutor de agência e como exercícios simples de prática em sala de aula poderiam preparar melhor os alunos para o trabalho com as agências, sem desconsiderar as prioridades propostas por Bernardini. Para um trabalho ainda mais completo, softwares como Wordfast ou Trados (memórias de tradução) também poderiam ser aliados a um exercício como esse, porém, considerando que em sala de aula possam existir obstáculos como licença, instalação e tamanho dos programas, nessa proposta de exercício eles não foram incluídos. Mas um tradutor de agência poderia incluí-los e facilitar ainda mais seu trabalho, utilizando assim diversas ferramentas da Tradução, para uma tradução bem feita, com ampla pesquisa e, acima de tudo, rápida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um tradutor está em constante formação. Existe um produto final, mas nunca um profissional final, pronto. O profissional formado é apenas aquele que concluiu sua etapa de aprendizado dentro da Graduação, mas o estudo continua infinitamente.

Embora a graduação não seja uma exigência para alguém tornar-se um tradutor profissional, ela é uma etapa importante e uma boa forma de preparar um profissional para o mercado. É o momento dos erros, dos atrasos, da reflexão e do treino. Porém os cursos de graduação não estão preparando os alunos para a amplitude do mercado (embora isso seja prometido na descrição de seus cursos), pois não tratam adequadamente de uma parcela grande deste mercado, as agências (meu levantamento mostrou que só em São Paulo há mais de 100 agências). Os alunos não conhecem bem o que é uma agência e como ela funciona, a grande variedade de tipos de textos que se pode traduzir trabalhando para elas, e, principalmente, como lidar com os prazos e com grandes quantidades de texto, pois suas práticas de tradução ainda envolvem trabalhos com pouco texto e longo prazo. Os ex-alunos de cursos de Graduação entrevistados mencionaram em seus relatos esse “choque” ao ingressar no mercado, e outras questões abordadas no curso, que funcionam de forma bem diferente também, como o (pouco) uso da tecnologia.

Mudanças simples já poderiam diminuir esse vão entre Graduação e Mercado de Trabalho, como a aplicação de exercícios simples em sala de aula considerando a forma como funciona o trabalho em uma agência, com menos prazo, atribuindo-se funções diferentes aos alunos, não apenas como tradutores, mas revisores, coordenadores de tradução, e até terminólogos, e com uso de ferramentas auxiliares, conforme o exercício proposto no Capítulo 5. Esse tipo de prática não exclui – nem deveria – a outra função da universidade, que é fazer com que o aluno reflita sobre seu papel como tradutor e sobre o processo tradutório. O ideal seria buscar um equilíbrio maior entre educar e treinar o aluno. Um trabalho mais completo em sala de aula cria um tradutor mais bem preparado para exercer sua função e é fundamental para fazê-lo ter mais segurança como profissional, principalmente ao ingressar no mercado.

Esperamos que este trabalho contribua nesse sentido, alertando sobre a necessidade de informar melhor os graduandos em tradução sobre as agências,

sobre as diferentes possibilidades existentes nesse mercado, e também propondo formas de familiarizá-los com as ferramentas de tradução.

APÊNDICE A
LEVANTAMENTO DAS AGÊNCIAS DE SÃO PAULO

Nome da agência	**Data de início (conforme divulgado no *site*)**	***Site***
Aba Textos	Sem data	http://www.abatextos.com.br
ADB Traduções	Sem data	http://www.adbtraducoes.com.br/index.htm
ADM traduções	Mais de 10 anos	http://www.admtraducoes.com/
Adverbum Tradução	Sem data	http://www.adverbum.com.br/
Ala Traduções	1975	http://www.alatraducoes.com.br/
All Tasks	1976	www.alltasks.com.br
All Traduções	2004	http://www.alltraducoes.com/
Alpha Omega Traduções	Sem data	http://www.alphaeomegatraducoes.com.br/contato.php
Amek Traduções	1996	www.amektraducoes.com.br
AMG Tradutores	Sem data	http://www.amgtradutores.com.br
AMK Translation Services	Sem data	http://www.amktraducoes.com.br/
Andrart Traduções	1988	http://www.andrart.com/htm/cont.htm
Arte comercial	4 anos de existência	http://www.artecomercial.com.br/index1.htm
Arte Letra	Sem data	http://www.arteletra.com.br/
Atelier da palavra	Sem data	http://www.atelierdapalavra.com.br/pt/atelier.html
BCI Traduções	1995	http://www.bci.com.br/index.php

Brasil Traduções	15 anos de experiência	http://www.brasiltraducoes.com.br/index.htm#
Brazil Translations and Solutions	2004	http://www.brazilts.com.br/
Btsglobal	1995	http://www.btsglobal.com.br/contato.asp
Bureautranslations	1981	www.bureautranslations.com
C & S Inter Patents	Sem data	www.interpatents.com.br
Casa Grande Tradução	Sem data	http://www.casagrandetraducao.com.br/aboutus.asp
Celera Translations	Sem data	http://www.celeratranslations.com/int_contato/index.htm
Celt Solutions	1991	http://www.celtsolutions.com.br
Central de Traduções	Sem data	http://www.centraldetraducoes.com.br/index.php?goto=fale&lang=por
Change Tradução	Parece que é 2009	http://changetraducao.com.br/contato_br.php
Cii-idiomas	1994 – escola 2000 – traduções	http://www.cii-idiomas.com.br/contato.htm
Cit Traduções	Há mais de 36 anos no mercado	http://www.cittraducoes.com.br/
Clave Comunicações	1982	www.clavecom.com.br
Contexto Traduções	Sem data	http://www.contextotraducoes.com.br/
Daticom	@2008	www.etradutor.com.br

Traduções		
Deakins Translations	Há 30 anos no mercado (em 2007)	http://www.deakinsconsultants.com.br
DikDuk Traduções	@2000 - 2005	http://www.dikduk.com.br
Docware	1995	http://www.docware.com.br/
Easy Translation Services	@2009-2001	http://www.easyts.com
Editema	1985	http://www.editema.com.br/
Eko's Traduções	2002	http://www.ekostraducoes.com.br
E-letras	@2009	http://www.eletras.net
Etop Traduções	Sem data	http://www.etoptrad.com.br/Contato.html
eTradutor	Sem data	http://www.etradutor.com.br
Europeanls	Sem data	http://www.europeanls.com.br/index5.html
ExMan Fuks	1987	http://www.exmanfuks.com.br
Ez2translate	Sem data	http://www.ez2translate.com.br
Farma Traduções	Sem data	http://www.farmatraducoes.com.br/
Fastrad	Sem data	http://www.fastrad.com.br/contato.php
Fidelity	1970	http://www.fidelity.com.br
Gamati	"mais de 10 anos de experiência"	http://www.gamati.com/
Global Translations.br	Sem data	http://www.globaltranslations.com.br/
GRF Assessoria Linguística	Sem data	http://grfassessorialinguistica.com.br

Grupo ADL	1997	http://www.adl.com.br/contato.asp
Grupo solucion	Sem data	http://www.gruposolucion.com.br/empresa.php
Guardyan Net	Sem data	www.guardyannet.com.br
IBT –International Business Translation	Sem data	http://www.gribt.com.br
Inscribe	Sem data	http://www.inscribe.com.br
Integra Technical Translations	Sem data	http://www.integraworld.com.br/quem_somos.html
Intellibiz	Sem data	http://www.intellibiz.com.br
Interlinea	Sem data	http://www.interlinea.trd.br/
Intertextos	Sem data	http://www.intertextos.com/
Intertrad	Sem data	http://www.intertrad.com.br/
Intervoices	Sem data	http://www.intervoices.com/us/contact
Istarion	Sem data	http://www.istarion.com.br/index2.htm
ITP Traduções	Sem data	http://www.itptraducoes.com.br/
Jectraduções	Sem data	http://www.jecnet.com.br/
Job Technical Translations	Sem data	http://www.jobtt.com.br/
Juristrad	Sem data	http://www.juristrad.com.br/contato.htm#
Jurotrans	Sem data	http://www.jurotrans.com/contato
Just Right Communications	Sem data	http://www.justrightcommunications.com
Kloster	Sem data	http://www.kloster.trd.br/services.a

		spx
Language Solutions	Sem data	http://www.languagesolutions.com.br/
Latin Languages	Sem data	www.editema.com.br
Lersch	Sem data	http://www.lersch.com.br/index.htm
Lexicos Traduções	Sem data	http://www.lexikostraducoes.com.br/site/index.php?option=com_jforms&view=form&id=1&Itemid=122
Lingo24	Sem data	http://br.lingo24.com/
Master Traduções	Sem data	http://www.mastertrad.com.br
Matrix Idiomas	Sem data	http://www.matrixidiomas.com.br/
MsKomex	Sem data	http://www.mskomextraducoes.com.br/
Mundialtrad	Sem data	http://www.mundialtrad.com.br/contatos.html
Ok Linguística	Sem data	http://www.oklinguistica.com.br/site/
Plannertraduções	Sem data	http://www.plannertraducoes.com.br/index.php/traducao-tecnica-traducao-de-texto-a-planner/
Polidiomas	Sem data	http://www.polidiomas.com.br/
Portal da Tradução	Sem data	http://www.portaldatraducao.com.br
Pronto-Socorro de Traduções	Sem data	http://tradutor24horas.sites.uol.com.br
Publimed Traduções	Sem data	http://www.publimedtraducoes.com.br/contato.html
Quick Translation	Sem data	http://www.quicktranslation.com.br/
QVP	Sem data	www.qvp.com.br

Rede de Tradutores Associados	Sem data	http://www.rede-de-tradutores.com.br/
Scolari Traduções	Sem data	http://www.scolaritraducoes.com.br
SGK	2003	www.sgktraducoes.com.br
Sincronia	Sem data	http://www.sincroniatrad.com.br
Smart Translations	Sem data	http://www.smarttranslations.com.br/
Terra Língua	Sem data	www.terralingua.com.br
Thot Traduções	Sem data	http://www.thottraducoes.com.br/contato_6.html
Tradinter	Sem data	http://www.tradinter.com.br/contato.php
Tradserv	Sem data	http://www.tradserv.com.br/contato.htm#
Traducta	Sem data	www.traducta.com.br
Transarctraduções	Sem data	http://www.transarctraducoes.com.br/empresa.htm
Translated	Sem data	http://www.translated.com.br/orcamento.html
Transmaster	Sem data	http://www.transmaster.com.br/
Tranxlate	Sem data	http://tranxlate.com.br/index.html
Ultima Versão	Sem data	http://www.ultimaversao.com.br/contato.htm
Unitrad	Sem data	http://www.unitrad.com.br/
Up Translations	Sem data	http://www.uptranslations.com.br
Vice-Versa	Sem data	http://www.viceversatrad.com.br/or

		camentos.php
Zalkers	Sem data	http://www.zalkers.com.br/

APÊNDICE B
ENTREVISTAS COM OS TRADUTORES (TRANSCRIÇÕES E RESPOSTAS ENVIADAS POR E-MAIL)

Tradutor 1 - Entrevista

Qual é sua rotina de trabalho na agência?

Já como tradutora, porque eu fiquei 8 meses como revisora-estagiária, depois eu entrei na tradução, então vou falar a partir da tradução. Como eu era uma tradutora interna, sempre tinha trabalho, então o departamento de agendamento consultava você sobre um trabalho, por exemplo: “Nós temos aqui um trabalho de hotelaria, de 20 laudas, para o português, você pode fazer para quarta-feira?”, “Ah, tudo bem. Posso.” Então você negociava cada trabalho com o departamento interno. E aí, se tudo bem, eles te passavam o trabalho, passavam uma ficha com as instruções específicas, se tivesse que usar o Trados, se você tivesse que usar um glossário, se outros tradutores estavam envolvidos no trabalho, aí você tinha que elaborar o glossário junto com essas pessoas, enfim, orientações específicas sobre alguns casos, e você começava a trabalhar, e tinha que entregar naquele prazo. Se tivesse algum problema, tinha que avisar antes. Então acabava esse trabalho, você já tinha outro, e assim sucessivamente.

Mas você podia não aceitar?

Sim, eu podia não aceitar, por exemplo, se fosse um trabalho que tivesse mais urgência e aí você achava que ia demorar muito, porque eu era nova... como eu era nova, então eu precisava de trabalhos que tivessem um prazo bom.

E eles respeitavam isso?

Sim, aos poucos, você acaba... com o tempo, você também não pode dizer ‘não’ pra tudo, né? Um tradutor, no meu caso, eu era interna lá, então a gente precisa... mas tinha sim a liberdade de você dizer “Não dá!”. Também tinha a possibilidade de “olha, tem um trabalho urgente, de 20 laudas, para amanhã, 6h da manhã! Você pode fazer?”, “Ah, posso! Vou virar a noite, vou fazer!”, porque como também é por comissão, então é de seu interesse querer trabalhar e ganhar mais. Então tinha os dois casos.

Então você trabalhava 8 horas?

Um pouco mais, até. Mais de 8. O horário era flexível, então eu não tinha um horário fixo, obrigatório. Você tinha que atender os seus prazos. Então é aquela coisa, você

precisa ter uma disciplina sua. Eu fazia mais ou menos um horário padrão: eu entrava umas 10, 10h30 da manhã, pra sair umas 19h30, 20h.

Então na época você não estudava?

Eu comecei... eu entrei como estagiária no início, então aí era diferente: aí eu tinha um horário fixo, salário fixo, não era por comissão, era estagiária mesmo – eu estava no último ano da faculdade. Então eu entrava às 8h30 e saia às 17h30. Aí ía pra faculdade à noite. Aí depois quando eu me formei e que fui efetivada, passei a trabalhar por produção, aí eu fazia o meu horário, então entrava mais tarde e saia mais tarde, porque eu ia de metrô, e era aquele horror, muito cheio, então resolvi ir mais tarde porque era mais tranquilo o caminho – só por isso!

Então você não precisava cumprir 8 horas lá dentro?

Então, eu comecei a fazer aulas como aluna ouvinte aqui [na pós-graduação na Letras]. Por exemplo, nas quintas-feiras... eu cheguei lá, conversei, falei “olha, eu quero estudar...”, expliquei, falei “quero estudar tradução...”, então quinta-feira de tarde eu não estava lá. Então, o que eu fazia? Eu não pegava nenhum trabalho que tivesse que entregar na quinta-feira de tarde, ou eu pegava alguma coisa que pudesse entregar na sexta. E eles aceitavam porque era uma questão minha, de organização minha. Você tem que cumprir o prazo. Não adianta nada você estar lá mais cedo que todo mundo e sair mais tarde que todo mundo e não entregar o trabalho. Porque é um trabalho por produção, então é de seu interesse utilizar o seu tempo.

Então você recebia por produção?

Trabalho traduzido! Não tinha nada fixo, só por estar lá. Então era, traduziu... o esquema acho que é mais ou menos assim, em todos os lugares.

Traduzindo lá dentro, a quem você recorria quando surgia alguma dúvida?

Aos outros tradutores, mais experientes.

Vocês ficavam todos juntos?

Sim, todos numa sala. Variava um pouco, mas tinha umas 20 pessoas. Alguns revisores também, estagiários. Então os estagiários tiravam algumas dúvidas com a gente, e se eu tivesse alguma dúvida, tirava com os colegas.

Na hora?

É na hora mesmo. Se a gente tivesse fazendo o mesmo trabalho, às vezes tinham trabalhos muito grandes, umas 10 pessoas tavam fazendo, então era até mais fácil, porque você já discutia. No início mesmo, quando eu comecei, tinha um tradutor, o

Sérgio, que eu falo que era meu mentor, e ele era super solícito, ela sabia que eu tava na faculdade, e a gente ficava conversando... no início você aceita uns trabalhos... no início você não sabe nada, então você não vai saber mesmo! Eu pegava trabalhos que eu hoje eu olho e falo “Nossa, como eu aceitei fazer?”, eram coisas de engenharia, pesado, Volkswagen, versão para o inglês, eu não sabia o que estava acontecendo! Porque era uma coisa de mecânica, muito específica. Mas você tinha um suporte grande, então você pesquisava. Se você tinha responsabilidade, o trabalho até saia bem, saia dentro do padrão. Mas aí ele [Sérgio] me ajudava. Ele não podia sair de férias [risos].

Você traduzia em áreas nas quais não tinha conhecimento?

Naquele momento sim, porque é uma forma de você adquirir. Hoje você tem mais ou menos áreas em que você tem uma afinidade, não que você saiba a terminologia técnica, não que você conheça sobre tudo, mas tem áreas em você tem mais afinidade e se existem trabalhos nessa área eles passam para você, mas nem sempre tem trabalho na sua área, tudo ideal... gente, é fato: tem horas que você aceita coisas que você não sabe porque o tradutor adquire um conhecimento geral, pesquisa em tradução, e tem a memória de tradução, o Trados, tem dicionário, outras pessoas que podem te ajudar, então você acaba aceitando de tempos em tempos o desafio, até para você expandir.

E que tipo de material de pesquisa você utilizava para pesquisa?

Eu sei que é meio óbvio falar, mas Internet. No começo eu não sabia mesmo pesquisar. Usar a Internet, o Google como um corpus de tradução. Ou entrar e conhecer... vai, você está fazendo um trabalho de... madeira! Uma vez eu tava fazendo um trabalho sobre móveis, e tinha que falar sobre todos os tipos de madeira, então você pesquisa fabricantes de madeira, pesquisar com termos semelhantes aos do trabalho. Então a Internet – 90% mesmo, e fora isso... claro, dicionários, mas dicionários de papel não conseguem acompanhar a tradução, a tecnologia toda, não tem jeito, mas também são úteis, e eles já na agência, como era muito grande o volume de tradução, eles tinham um acervo de glossários muito grande, ao qual nós tínhamos acesso. Mas principalmente era você na Internet. Um tradutor “das antigas”, eu tenho que pedir um autógrafo – “como você fazia?”. Porque ela [Internet] faz você aprender. Você não sabe sobre um trabalho, mas você lê, antes de começar aquele trabalho, você lê sobre aquele assunto.

Mas dava tempo?

Sim [hesitante], dava. É assim, é você e o prazo, mas... tem vários tipos de perfis. O meu perfil, que não é muito bom para quem trabalha por produção era um perfil mais de pesquisa mesmo, sabe? Não quero usar a palavra perfeccionista, porque não era essa a questão, mas, sabe, eu tinha um cuidado extremo, morria de medo de errar, uma coisa grave, causar um... você tá fazendo um manual... quebrar alguma... então eu pesquisava muito, o que eu sabia, o que não sabia, o que eu sabia mais ou menos – tudo eu pesquisava!

Mas você manteve esse perfil durante todo o tempo que você trabalhou lá?

Sim, é um perfil meu. No início, você está se conhecendo. Você quer ter uma produção grande, pra ganhar mais... mas sempre que eu pegava um trabalho que estava acima da minha capacidade... eu fazia 10 laudas por dia – então, pegava super pouco...

Laudas de quantas palavras?

Acho que dava umas 2500? Não sei... Uma lauda tinha 230 palavras. É que isso varia... aí com esforço fazia 13. “Ah, tem aqui 18. Você pode fazer?”, aí eu pegava. Só um dia, só pra “Ah, vai, vou aprender, vou tentar”. Aí o que eu fazia? Ficava 12 horas fazendo – dava no mesmo! Porque no fundo, eu ultrapassava meu horário.

Mas não tinha problema?

Não. Eu levava pra casa, passava a noite fazendo...

Você trabalhava em casa também?

Quando eu não conseguia terminar lá, e eu precisava, levava pra casa. Nossa, quantas vezes... muitas vezes! Ou fazia de manhã, antes de ir trabalhar, acordava às 6h da manhã. A questão de prazo é uma coisa... você desenvolve mesmo. No começo é muito difícil mesmo você conhecer os seus limites. Trabalhar dentro do prazo com qualidade, com disciplina... também não é que você queira moleza! “Ah, vou pegar bem pouquinho para não me estressar!”, nem imagina, você vai ganhar pouco! No segundo mês você já quer pegar o dobro... eu já passei por todas as fases, de querer fazer pouquinho, de querer fazer tudo... então a questão de organização do tempo pra mim sempre foi muito complicado. Eu sempre estava me policiando muito, tem pessoas que são... que fazem com mais naturalidade. Eu me inspirava nessas pessoas [risos]. O Sérgio era ótimo!

Hoje você diria que a sua produção diária, mais ou menos, gira em torno de quantas palavras?

Você fala em palavras e não em laudas...

Pode ser em laudas, não tem problema.

Olha, hoje, eu traduziria 15 laudas bem, num dia. 15 laudas, de 230 palavras [fazendo a conta na calculadora]. Dá 3400. Dá pra assim, pesquisando, com revisão, em 8 horas, talvez um pouco mais... 15 laudas é uma média que a maioria das pessoas lá fazia mesmo. Aí tinha pessoas que faziam 12, e pessoas que faziam um pouco menos. Quem fazia menos que todo mundo fazia 10.

Pra trabalhar para uma agência, você diria que 2000 palavras por dia é pouco.

[fazendo as contas] É pouco! Dá 8 laudas e meia. Pra trabalhar em uma agência. Não que você não possa! Você pode! Mas você vai ganhar por isso, então... Se você fizer isso, eles pagam no início... pode falar?

Pode!

Mas ou menos 8 reais a lauda. No início, até menos, 7, 6... então você vai ganhar 68 reais num dia. 2000 palavras X 5... 1300 reais. Desconta tudo que tem que descontar. Entendeu? Então... não dá! No segundo dia você já resolve, você já faz as contas de como pode fazer para produzir mais. Pra você duplicar isso aqui, pelo menos.

Eu... se você for pensar na atualidade, uma pessoa que tem que se sustentar, né? Bem na prática mesmo, família, casa, roupa... é triste.

E você tem formação na área.

Sim.

Qual é a sua formação?

Eu me formei em Letras – Tradutor e Intérprete pela Unibero, terminei em 2005, e agora estou terminando o mestrado aqui [Usp] no final do ano, em Tradução também. É no Estudos Literários e Linguísticos em Inglês, mas meu projeto é voltado para a tradução, mas na parte de Terminologia. Eu tenho até uma formação maior, muitas pessoas lá [na agência] não tinham, nenhuma formação em Letras, nada. Eram profissionais, de suas respectivas áreas, que sabiam inglês, que em um determinado momento foram se especializando.

E você acha que o que você estudou na Graduação te preparou para o trabalho na agência?

Então... eu até coloquei isso no meu trabalho, é difícil dar uma resposta “sim” ou “não”. Claro que você aprende, muita coisa você discute, você aprende a pesquisar, aprende... fundamentos mesmo da tradução, interpretação de texto, você lê muito, gramática... tudo isso, é muito difícil pensar como teria sido traduzir sem nada, sem

esse background... então acho que tenha uma colaboração grande da faculdade, mas... uma coisa que eu aprendi, eu percebi assim: eu aprendi o trabalho do dia a dia mesmo quando eu fui fazer meu estágio na agência de tradução, como revisora no início, eu era só revisora, mas eu lidava com todas as traduções, então eu tinha contato. Porque no mundo real é muito diferente. Mas acho que isso vale para todas as outras faculdades. Médico, advogado... direito é a mesma coisa: faz a faculdade [...] , a teoria, tudo. Agora no trabalho da agência, o que a faculdade mais deixa a desejar é questão... é de mostrar vários tipos de trabalho – porque elas fazem vários tipos de trabalho, além da mera tradução inglês-português. Acho que falta, até coloquei isso no meu trabalho. A questão de velocidade mesmo, a questão de você sair mesmo com noções claras de como funciona: olha, você vai ganhar assim, isso que eu to te falando, “oh, você quer?”, é esse tipo de trabalho que te oferecem. E é assim, aí você chega lá e fala “ué, me enganaram”, você se sente até meio vítima, na verdade é o seu trabalho ir atrás. Acho que é informação de como funciona o mercado de trabalho. Uma agência de tradução especificamente é PRODUÇÃO. Gente, é produção. Qualquer lugar que você for, você vai ter muito volume de trabalho para traduzir. Então você tem que ter um perfil focado, concentrado, de ficar 8 horas em silêncio. Tem gente que não tem esse perfil - o cara enrola, vai beber água, não gosta de ficar no computador o dia inteiro, não sabe nem digitar! Sabe? Então... eu acho que... te prepara de uma forma bem global, mas o específico, o dia a dia mesmo, você percebe só no trabalho mesmo.

Mas você acha que fez uma diferença?

Fez. Se eu falasse que não... eu não consigo falar que não. Eu acho que fez diferença. Muitas coisas, principalmente de revisão, eu tive aulas de revisão na faculdade, então eu usava lá. Eu tinha aulas na faculdade de... no último semestre, começa a ficar mais prático, então tinham alguns glossários que a gente usava na escola, e eu até via o trabalho, mas pouco! Então foram só noções! Se você não... como aquilo já estava fazendo um outro sentido pra mim – eu já estava na agência – então eu olhava com outros olhos, tipo perguntava para o professores... mas são noções. Você não sai de lá preparada. Qualquer pessoa que queira isso mesmo tem que fazer estágio enquanto estiver na faculdade, porque quando você ainda está na faculdade você tem ainda a... a... não vou dizer ‘desculpa’, mas é o momento de você não saber! Você tem que saber as coisas: você pode perguntar, vão olhar o seu trabalho, mas também você vai ganhar bem menos, então também é o momento

de você se sujeitar a ganhar menos, você se sujeitar... no seu trabalho profissional, no final, tem uma pessoa responsável depois, você fica inseguro... porque eu acho que depois de formado já é mais difícil.

Mas a faculdade em si ofereceu um estágio?

Não! Eu olhei, procurava mesmo no jornal, e demorei para achar. Eu já estava indignada, 'não me conformo', porque... essa é uma crítica muito dura que eu vou fazer, eu percebi isso na prática, principalmente com tradução, eu achava que eu ia terminar a faculdade e ia traduzir para o ONU [risos]. Verdade! Para a ONU! Era "só" isso que eu esperava! Não [risos]... trabalhar super bem, pegar trabalhos interessantes, sabe? Eu ia ser tradutora de conferência! Sério! Era uma ilusão, eu sempre fui muito ambiciosa com algumas coisas. [risos] É engraçado, né? Enfim, aí eu procurava estágio em grandes empresas, porque eu recebia os jornais, aí no final de ano sempre tinha aquilo, "começa agora os programas de trainee...", então é pra lá que eu vou, e simplesmente não precisavam de ninguém formado em Letras, não tinha... "está aberto o programa de trainee para ganhar R$3.000", todas as vagas, mas Letras... o único que eu achei de Letras era pra trabalhar no Estadão, R$ 400, de revisora, sabe? E ao mesmo tempo, quando eu procurei por trabalho em Tradução, eu vi que muitas pessoas não eram formadas em Letras, e não necessariamente... elas eram excelentes! Se você falasse, "não, mas ela é ruim", não, pelo contrário, dava até mais credibilidade, dependendo do trabalho... então chegou um momento que eu fiquei tão revoltada que eu achei que a faculdade estava me fechando portas, e não abrindo! Porque eu não podia ir, como... formal, num processo de trainee ou de estagiária numa grande empresa porque não precisavam de ninguém formado em Letras, e para aqueles que eu precisava fazer, também não precisava Letras! Então assim, eu acabei conseguindo, me valeu muito, mas foi difícil, e assim, modéstia à parte, eu sabia muito bem inglês já. Não era que eu não passava... não, eu já dava aula de inglês há muito tempo, já tinha feito intercâmbio, estudava inglês desde os 12 anos, não era assim... mesmo assim era difícil! Se você for pensar que a maioria das pessoas que saem da faculdade são "average", como faz? E aí é mais difícil, onde vão? E assim, o trabalho é um trabalho legal, sei lá... pra mim, eu ia trabalhar na ONU! [risos]

E você trabalhou para alguma editora?

Não, nunca trabalhei. Acabei entrando lá, nessa agência, fiquei 5 anos, e aí, agora estou nessa outra agência. Então foram 2 empregos.

Você já fez alguma tradução na área literária?

Nunca, nunca fiz. Fui direto na técnica. Técnica, super técnica de cara. Contratos, manuais, tudo, documentos...

E o Trados, Wordfast, as memórias de tradução. Você trabalha com elas?

Sim.

Você aprendeu a trabalhar com elas na faculdade?

Olha, é outra história triste. [risos] Eu tive um semestre de Trados e Wordfast, no penúltimo semestre, e eu até coloquei no meu currículo, mas quando eu passei... [risos] eu não tinha visto nada na aula, né? E o professor que deu essa disciplina na faculdade, não sei se ele era novo com aquela história lá, mas a aula era meio confusa, enfim...pra você ter uma ideia, a nossa prova final foi uma prova escrita! “O que é o Trados?”, “O Trados é...”, “Como você faz para abrir uma memória de tradução?”, “Ah, ...”, escrita, na sala de aula, com papel e caneta. Uma prova sobre o Trados, sem computador. [risos] E assim, a gente ficou um semestre, porque as coisas... e quando eu fui pra agência, eu vi... assim, a primeira tradução que eu fiz mesmo, morrendo de medo, “olha, você vai fazer no Trados.” Aí o menino lá de TI, “olha, você vai fazer no Trados... você sabe?”, aí eu, “Ah... mais ou menos... eu não lembrava...”, e ele me falou assim, “olha, você abre aqui, puxa a memória, traduz, aperta aqui, pronto!”, e foi embora. Ele falou comigo 15 segundos! E eu traduzi. E eu fiz. Sem problemas. Claro que eu errei...

Então o que você viu na faculdade...

Não, claro que o que eu vi na faculdade... “Eu já vi!”, mas eu não sabia usar! Entendeu? O que valeu mesmo foi... a instrução que ele me deu... porque na hora que você precisa, isso é uma coisa que ficou muito clara. A gente se preocupa, “Ah, eu não sei todas as ferramentas!”, na hora que você precisa, você aprende a usar a ferramenta. É verdade. Na hora: você demora, fica lá umas 2 horas, 3 horas, pergunta, tem uma dificuldade ou outra mas você aprende. Se ela é uma ferramenta para você, [...], você usa! Tinha coisa errada, [eu] não jogava pra memória direito, mas no segundo trabalho eu já tinha acertado. Eu pensei, “eu tive um semestre na faculdade! Um semestre!! E a gente não aprendeu direito porque não tinha... necessidade é a palavra!

E isso para o Trados, para o Wordfast?

O Wordfast eu acabei nunca trabalhando. Só sei como ele funciona, mas lá é o Trados mesmo. E muita coisa que a gente, por exemplo, qual foi a situação toda? Se

fosse pra fazer um curso na faculdade útil, você tinha que sair de lá não só sabendo traduzir, você tinha que saber traduzir, consertar para não dar problema, utilizar todos aqueles recursos que ele [Trados] tem mas que ninguém usa, sabe, igual a um computador normal, tem um monte de recursos que você nunca chega a usar porque tá muito avançado... então acho que você teria que chegar nesse ponto pra valer a pena você ter uma disciplina na faculdade, um semestre, uma vez por semana, sei lá, são 15 aulas, e não, a gente mal e mal sabia criar uma memória e traduzir.

Mas quem dava aula não era um tradutor?

Não, era um professor, que eu nem conhecia, só veio naquele semestre e pronto. Então isso que eu achei, a minha crítica maior é essa: você esquece se você não usa. Você pode fazer uma aula de informática, se você não usar o computador depois, você não vai lembrar de nada depois de 1 ano, entendeu? Então acontece um pouco isso, e mesmo assim, mesmo tendo aquela aula, foi muito superficial, pra valer a pena. Então acho que deveria ter sido... aprender mesmo os recursos, porque você fica a vida inteira tendo problemas com o Trados, principalmente aquele... mas como lá tinha um departamento de TI, quando dava um problema você chamava o suporte. Então você acaba fazendo o básico porque o mais difícil você tem uma outra equipe que faz.

Qual era mais ou menos a proporção, de trabalhos que você precisava usar o Trados e de trabalhos que não?

Difícil dizer, mas a maioria era com o Trados. Acho que eu falaria uns 60%. É imprescindível trabalhar com memória de tradução. Não trabalhar com memória de tradução é...

Para uma agência...

Não existe!

Não tem como?

É, porque você trabalha com volumes grandes de trabalho... eu gerenciei um projeto de tradução depois de um tempo, que foi até a época que... foi a origem do meu projeto de mestrado, foi dali que eu tirei. Era um trabalho, pra você ter uma ideia, foram 2 milhões de palavras. Dois milhões de palavras! E tinha muita repetição! Tinham muitos tradutores fazendo junto, e pessoas entrando e saindo do projeto, que precisam ter referência do que já estava sendo feito, precisava seguir um padrão no trabalho inteiro, foram 2 anos de projeto. Você imagina isso sem o

Trados, sem uma memória, não precisa ser só Trados, sem uma memória... ele acaba sendo um grande corpus.

E tinha alguma mudança no pagamento?

Ah sim, você ganha pelo traduzido! Você não ganha pela repetição.

Mas aí era fácil calcular...

O Trados mesmo faz. Quando termina... eu falei, isso você não aprende na faculdade! Tinha que aprender! Sabe, porque você fica à mercê da agência fazer as contas! E aí, quando você tem muito interesse, você chega lá e fala, “me mostra como você conta”, e tá lá, a tal da “analyze” que é a função e ela conta, olha você traduzir 70%... 70% você traduziu, 20% foram segmentos 100% da memória que não mexeu, e conta, faz uma mediazinha lá, junta tudo aquilo e dá um valor. E já vem o valor de quanto você traduziu. Olha, então de 100 laudas, você traduziu efetivamente 60 laudas, então você vai ganhar por 60 laudas. Às vezes você ganhava 70 laudas, um pouquinho mais porque você acaba lendo.

Isso que eu ia te perguntar: o tempo que você levou é o equivalente a ter traduzido 100 laudas, ou 60 laudas, ou entre os dois?

Então, com o tempo você vai fazendo pra ser equivalente a 60 mesmo. Porque você também não quer perder esse tempo. Então às vezes você tinha um arquivo... Volkswagen, que era um cliente que tinha um trabalho gigantesco. Você pegava um arquivo de 100 laudas, que tinha 5 para traduzir. Acontecia! Porque tinha muita coisa que era igual e eles faziam só uma atualização do material, e tinha que... era naquele ponto, então você tinha que passar o arquivo inteiro, então você não lia! O que tá na memória vai na memória. Também vai um pouco da sua habi... seu nível, seu jogo de cintura, você tá lendo vai, se você não conseguiu fechar o olho e tá vendo erro, vai, se você está vendo uma despadronização muito grande, você pode corrigir. Acho que é até uma forma de eles verem lá o quanto você mexeu, e depois você negocia, “olha, eu tive que dar uma arrumada, umas coisas, então vamos fazer uma negociação...”, pra aumentar um pouco, então você tem que informar, senão... são só as 5 laudas mesmo. Então você passa o “fuzzy”, que chama, o fuzzy, o que traduziu ele vai rodando, vai trazendo, sem você parar o arquivo nem nada. Você também não faz nada, só fica lá esperando. Aí quando chega no segmento que não tem nada traduzido, aí você traduz. Então ele para, automaticamente, você traduz. Aí fuzzy de novo, até ele chega... às vezes é uma frase que metade tá na memória e

metade vai ter que traduzir, então você lê, tudo isso é um ajuste do programa que você vai trabalhando.

Resumidamente, então o Trados é uma boa ferramenta.

É uma boa ferramenta, mas, a questão de produção mesmo... ganhar em cima da repetição, o tradutor não ganha. É uma boa ferramenta como pesquisa e pra agência mesmo, mas acho que para o tradutor só se ele estiver trabalhando em casa, individualmente, no tempo dele, e ele estiver cobrando as 100 laudas e traduzindo 70. O que acontece é que os clientes maiores, eles sabem disso, já não é nenhum segredo, então as próprias agências não cobram as repetições. Porque elas [as agências] também querem fazer um preço competitivo. Então acaba mesmo sendo um trabalho... mecânico.

Você prefere trabalhar com o Trados ou sem?

Depende um pouco do tipo de tradução, mas em geral, com o Trados. Porque fica tudo registrado, o que você está fazendo, se você precisar pesquisar as coisas fica mais fácil, você traduz sempre para uma área técnica, e aí você vai tendo memórias, mas pela questão de organização do material. Agora uma coisa que é muito importante no Trados que é difícil você chegar ao ponto... o tradutor precisa ter uma sensibilidade, porque o Trados segmenta o texto em linhas. Ponto final, segmenta, ponto final, segmenta. E você não pode esquecer que aquilo é um todo. Então o certo, o ideal, em um “mundo ideal”, é quando você terminar a tradução, você limpa o arquivo, você tira as marcas do Trados, deixa só o arquivo final, só com a tradução, e dá uma lida geral, como um trabalho final. Eu sempre procurava fazer isso. Porque nem sempre o que no inglês é uma frase, um parágrafo com três orações, no português vai ser um parágrafo com três orações. Você pode diminuir uma frase, tira, junta, repetir, mexer... e o Trados te deixa naquele... você não consegue imaginar o parágrafo inteiro, porque as coisas são segmentadas, então fica aquela tradução segmentada. Então isso... em um projeto que eu fazia, eu procurava no final dar uma lida fora do Trados.

Mas isso você fazia com qualquer trabalho?

Sim. Eu sempre tive o perfil... não queria entregar o trabalho, por mim eu ficava lendo lá, dez mil vezes antes de entregar.

A tradução mesmo em volume, ela não é perfeita, de maneira nenhuma, ela é bem “toque de caixa”.

Você acha que a qualidade fica em segundo plano?

Fica. É importante, se você falar com todo mundo eles vão dizer que é importante, mas eu acho que em uma agência... na agência em que eu trabalhava a produção/volume estava em primeiro lugar. Qualidade é quando dá um problema.

E sobre valores? Quanto você ganhava por lauda?

Oito reais. Comecei com cinco, depois seis, depois sete, depois oito. Acho que cheguei a nove.

Nove reais por lauda é o que ganha um tradutor que já trabalha lá há um certo tempo?

É, acho que os mais experientes ganham uns 9 reais.

E você acha que esse é um preço que está de acordo com o mercado?

Olha, nem sei te dizer sobre outras agências... sim, um pouco mais baixo que o mercado, mas não muito menos. Acho que têm algumas que pagam mais do que essa na qual eu trabalhava, mas lá você ganhava muito na produção. Tinha um monte de trabalho, então você ganha no volume, na quantidade. Mas eu cheguei a fazer um processo seletivo em uma outra agência grande, que é uma multinacional, e não era muito mais que isso não. Até me decepcionou um pouco. Acho que de uma maneira geral não tem como eu não te falar que é pouco. Para mim é muito pouco. Porque você obriga a pessoa a fazer pelo menos 20, 25 laudas por dia, pra ter um salário de quatro mil reais, por aí... que é muita coisa se você quiser fazer todas as etapas que exige o processo de tradução, de corrigir... e se você está na academia então... eu estava em um conflito total. Eu tava aqui estudando Gentzler, teoria da tradução... mas eu acho que é um valor baixo.

Bom Tradutor 1, minhas perguntas estão encerradas. Você acha que tem algum ponto que eu deveria tocar e que eu não falei?

Não, acho que é isso mesmo: produção, ganho, volume de trabalho. Talvez uma questão que eu menciono em um pequeno trabalho que eu fiz sobre agência e universidade são os tipos de trabalho. Então você faz tradução, você faz versão, revisão, avaliação de tradutores, você faz muita transcrição, de ouvir e escrever, traduzir em cima daquilo, você faz acompanhamento de pessoas... com o cliente. Você faz revisão de editoração. Não só a parte linguística, mas mais a parte visual.

Mas isso você acha que era na sua agência, ou em geral?

Acho que em geral. Você faz trabalhos além da tradução... você sai com a impressão de que você vai só traduzir textos em papel, no Word. Você traduz muito *site*. Você tem que saber, precisa entender pelo menos como funciona arquivos em

formatos loucos, em formatos totalmente diferentes... aliás, traduzir em Word é difícil até. Então muitos formatos diferentes, muitos tipos de trabalho diferentes. Eu acho que na faculdade a gente não ouve falar deles. Nas minhas aulas de tradução eu tinha apostilas, com vários textos, e a cada semana era um texto daqueles que a gente discutia. Pra traduzir e tã, tã, tã... então é muito tradicional, muito padrão, e em geral você se depara o tempo inteiro com loucuras, traduzir tabelas no Excel, que abre uma janelinha para o Power Point, que puxa um outro programa que você nunca viu.

Então você acha que as faculdades não estão acompanhando o desenvolvimento do mercado.

Não. Aliás, eu não sei se elas conseguem, né? Eu... mas nem de perto! Nem de perto! Era muito aquém, em relação à variedade de trabalho. Acho que podiam pelo menos comentar... acho que aí também vai do professor, do professor estar na ativa, e isso nem sempre acontece... e eu quero dar aula, eu quero dar aula em faculdade de tradução e por isso que eu digo... aliás, outra coisa: eu também fiz gerenciamento de projeto de tradução, e essa é uma outra área que é muito fértil, se você tiver um pouco de interesse, tinha muita necessidade – tradutores, mas para gerenciar o trabalho. Então eu era responsável pela parte terminológica, por contratar pessoas, avaliar tradutores para o projeto, acompanhar o trabalho de cada um, e agendar mesmo prazo, tirar dúvidas dos tradutores com o cliente, e vice-versa, então o trabalho era totalmente diferente... e eu traduzia também! E revisava também. Mas a parte de administrar a tradução...

Outra coisa – como tradutor, você tinha contato com o cliente?

Não. Tem o departamento de agendamento e tem o departamento comercial. Comercial é o que vende mesmo. Ele pega o trabalho e passa para esse outro departamento que vai agendar mesmo.

Mas no caso em que você tivesse uma dúvida que quisesse tirar com o cliente...

Aí você tinha um coordenador, uma pessoa que não era tradutor. Lá, nessa agência tinha uma coordenadora que era da produção, digamos assim, então você tinha até um e-mail para os tradutores externos, dúvidas@ tal, e aí ela resolvia as dúvidas. Muitas vezes tinha que passar para o cliente, porque era uma questão própria deles, ou um padrão que eles já devem ter. Mas você com o cliente, diretamente, nunca. Sempre tinha um intermediário, até por questões de direitos reservados.

Mas você recebia respostas?

Sim, recebia... claro que você tem que ter bom-senso, não ficar perguntando qualquer coisa, perguntas diretas, mas se for algo relevante, do texto mesmo, principalmente de padronizar as coisas, validar os glossários que você tinha.

Tradutor 2 - Entrevista

Tradutor 2, qual é a sua função exata aqui dentro da agência?

Eu sou contratada como tradutora interna e eu auxilio na parte de controle de qualidade, eu sou assistente da gerente do departamento de Controle de Qualidade, que é onde revisam todos os trabalhos.

Mas você faz tradução também?

Faço tradução e auxilio na coordenação de todos os outros trabalhos, na parte de revisão.

E qual é o idioma, inglês?

Eu faço tradução do inglês para o português. Não faço versão, só tradução.

E como é mais ou menos a sua rotina? Você só trabalha aqui dentro, você também leva pra casa?

Então, é um pouco mais corrido no caso porque eu trabalho aqui 8 horas, e a maioria das vezes também levo trabalho também pra fazer em casa, pela quantidade de coisa que tem né? Então eu acabo levando pra levar em casa sim. Chego em casa e continuo trabalhando.

Então são mais de 8 horas.

Mais de 8 horas. Oito horas aqui dentro, e 2 ou 3 horas em casa, dependendo da quantidade de trabalho.

E eu vi aqui no questionário que você tem formação em Letras.

Isso, me formei na Unibero.

No curso de Tradução?

Tradução.

E você ganha por produção ou você tem um salário fixo, como funciona?

Eu tenho um salário fixo e o que eu faço em casa eu recebo à parte.

Então você assina alguma coisa pra comprovar...

Isso, isso. A gente tem um controle através de planilhas. Controle do trabalho que eu fiz em casa, quantidade de laudas, e aí eu recebo à parte.

E há quanto tempo você trabalha aqui?

Fazem 3 anos. Eu trabalhei 2 anos como estagiária, só revisando, e aí quando eu me formei eu fui contratada como tradutora.

Em geral é assim que funciona?

Isso. Você entra, começa revisando, para se adaptar, né? E depois começa a traduzir.

Essa revisão seria de português só?

Então, não, porque a gente tem todos os idiomas aqui. Algumas pessoas que trabalham na revisão fazem mais de um idioma, né? Tem pessoas que fazem espanhol e inglês. Tem pessoas que fazem alemão também. Varia bastante, mas são todos os idiomas que a gente revisa. Mesmo você não sabendo, a gente fala que faz um controle de qualidade em relação a falta de texto, porque mesmo se você não sabe o idioma você consegue detectar algum problema. Então a gente acaba fazendo de tudo.

E é assim que começa?

Sim, é assim que começa, aí cada um segue um caminho depois, né?

Entendi, e aí você é convidado para [ser tradutor]?

Isso, isso.

Você faz um teste?

Isso, aí você faz um teste para ver se está tudo sob controle, se você realmente se adaptou, e consegue seguir o ritmo, porque é uma rotina cansativa, né? Acaba sendo cansativa.

E você já teve alguma experiência antes, ou aqui é a primeira agência?

Não, eu comecei aqui, só que em áreas diferentes.

Então você se formou e logo começou a trabalhar?

Não, eu comecei a estagiar quando eu estava no segundo ano da faculdade. Aqui, no segundo ano. Na faculdade são 4 anos, então nos dois últimos anos da faculdade eu estagiei aqui, aí depois eu fui contratada.

Então você é recém-formada? Nossa, que bom! E você faz pausas?

Não costumo fazer. Assim, é muito complicado, é muito corrido, às vezes cansa até um pouco, mas não costumo fazer não.

Vai direto?

Direto.

Mas você para para o almoço?

Sim! Tem o horário do almoço, que é aquele momento de sair mesmo, e só. Às vezes chega uma hora que você esgota, dá uma volta, toma um café, alguma coisa assim, mas não necessariamente sempre, entendeu?

Não é rotina.

Não, não é.

E a quem você recorre quando tem dúvida?

Então, é muito complicado, por exemplo, aqui a gente tem a Isabel, que é a gerente, então ela costuma ajudar bastante. Temos contato com outros tradutores externos também, e eles auxiliam e o último recurso é pedir ajuda para o próprio cliente.

Mas acontece?

Acontece.

E quais são suas ferramentas de trabalho, em geral?

Muitos glossários, muitos dicionários, dependendo do tipo de trabalho, o Trados, quando tem muita repetição, acaba auxiliando, para não perder muito tempo, e é isso.

E qual seria mais ou menos a porcentagem do uso do Trados e sem o Trados? Em seu trabalho diário, você usa muito o Trados, usa pouco...

Eu, particularmente, uso pouco, porque a vantagem de usar o Trados é mais pra quem faz manual, que é uma coisa mais repetitiva. Eu faço contratos, então às vezes é legal eu usar a memória pra fazer um outro, mas geralmente contrato é uma coisa parecida, mas nunca é igual, então geralmente não compensa usar, você acaba perdendo mais tempo. Tem que rever tudo...

Então aqui existe essa divisão: alguns trabalham com manuais, alguns trabalham...

Isso! De acordo com as áreas que escolhe, né?

E aqui se usa alguma outra memória de tradução?

Não, aqui só o Trados.

E do que você aprendeu na Faculdade, você acha que utiliza?

Bastante. Algumas coisas deixam a desejar por conta da rapidez, porque assim, a gente vem com uma visão de que a gente vai ter um prazo legal, que você vai poder pesquisar, que vai ser tudo lindo, não vai ter problema, mas não funciona assim. A gente só vê isso mesmo quando trabalha na área. Acaba ficando um pouco iludido porque assim, geralmente quem faz Letras é porque gosta mesmo de escrever, de ler e de pesquisar, só que às vezes você não tem tempo suficiente, então acho que

o que deixou mesmo a desejar em relação ao curso é não mostrar como é agressivo o mercado de trabalho mesmo.

Você foi descobrir aqui?

Aqui.

Na prática?

Exatamente.

E o que você acha que te ajudou, ter a faculdade de tradução?

Ah, mais a parte teórica mesmo, e você enxergar as coisas de outra forma, assim, que é não é só você pegar o texto e traduzir e ponto. É muito mais que isso. E foi um ponto importante na faculdade. E melhorar também o inglês, né? Você aprende bem mais coisas. Ter contato com outras pessoas também, que estão querendo seguir esse caminho, os próprios professores, né? Eles me auxiliaram bastante. É isso.

Você acha que a faculdade então é um pré-requisito importante?

Sim. Eu acredito que faz diferença. Porque às vezes as pessoas pensam que é somente traduzir e ponto – 'sei inglês, vou traduzir!' – e não é só isso. Requer muito mais.

E aqui, em geral, os tradutores têm formação?

Sim! A maioria. Não digo todos, 100%, porque tem muita gente que morou fora, que aprendeu na prática mesmo, não fez curso, nada. Tem uns que só fizeram cursos técnicos, essas coisas de cursos online, e já tem mesmo facilidade. São poucos, mas tem sim.

Mas a maioria...

A maioria é formado.

Na área de tradução?

Isso.

O que você diria que é necessário para ser um tradutor de agência?

Olha, tem que ter muita, mas muita paciência, porque é corrido, os clientes não estão nem aí, tem o prazo deles e ponto, e... ser rápido. Tem que ter mesmo habilidade com as ferramentas, digitar rápido, raciocínio rápido, por exemplo, você está com uma dúvida, às vezes é mais fácil você pular aquilo e ir para uma parte que você está conseguindo levar bem, depois voltar no problema, porque você tem que fazer, tem que seguir o ritmo, e é puxado.

Então 'rapidez' é a palavra?

Sim. Agilidade é muito importante.

E quantas laudas você consegue fazer por dia, mais ou menos, ou palavras, não sei como vocês fazem a contagem?

A gente trabalha com lauda. Assim, o legal mesmo, pra fazer tranquilo é 15 laudas.

De quantas palavras?

180 palavras. 15 laudas é uma quantidade aceitável, que dá pra fazer bem. Mas dependendo do dia chega a 30 laudas.

Você consegue fazer 30 laudas?

Isso. 30 laudas. Contando as 8 horas aqui e mais o tempo que eu trabalho em casa. Aí dá 30 laudas tudo. Tem tradutor que faz bem mais.

Mais de 30?

Mais de 30.

Você sabe mais ou menos quanto?

Eu tenho um tradutor externo que ele chega a fazer 50 laudas num dia.

Mas ele faz com qualidade.

Sim! Estou falando de trabalho bem feito. Ele faz super bem. Ele chega a fazer essa média de laudas por dia.

E o idioma é inglês?

Inglês. Inglês para português.

Você está satisfeita com a profissão?

Estou. Eu gosto bastante do que eu faço. Às vezes é ingrato. Assim, você se esforça, dá o seu máximo, e assim, o cliente acaba não gostando do seu trabalho, por alguma coisa que passou, enfim, algumas vezes acaba sendo ingrato, mas em geral eu gosto muito do que eu faço, e às vezes também não supera as expectativas da faculdade. É a mesma coisa que eu te falo, a gente vem com uma visão de que vai ganhar bem. E não é sempre assim, entendeu? Não é uma coisa que você fale "Meu, 'tô' ganhando bem pra ficar legal". Pelo menos eu falo por mim, porque eu comecei agora né? Então eu gostaria de poder ganhar mais, trabalhando com isso que é o que eu gosto, mas eu acredito que dá pra melhorar.

Mas você não tem nenhum outro trabalho?

Não, só aqui.

Mesmo porque você não tem tempo. Bom, você lê alguma coisa sobre tradução?

Costumo ler. Eu gosto de ler.

O quê?

Tem bastante *sites* de conferências de tradutores que falam, tem bastante coisa legal, às vezes tem chat também, tem umas coisas interessantes, dá pra você ler e acrescentar.

Na faculdade provavelmente você estudou alguma coisa sobre teorias da tradução.

Sim.

Você utiliza o que você aprendeu, nesse aspecto?

Então, é muito complicado, porque você acaba não usando, por conta da falta de tempo. Mas é interessante.

As discussões te ajudam?

Sim, bastante.

E você acha que alguma pesquisa poderia ser feita na área acadêmica pra ajudar no trabalho de vocês, no trabalho prático?

Olha, eu acho que tem muitas coisas que davam pra ficar mais claras quando a pessoa está estudando ainda, porque algumas coisas passam, assim, e fica um pouco vago. Acho que seria interessante.

E quanto você recebe por lauda?

7 reais.

A lauda de 180 palavras.

Isso. Mas, eu tô falando daqui, dessa agência, varia. Varia do idioma, da experiência, tempo de trabalho aqui, então isso varia bastante.

Mas para alguém que inicia, é 7, ou não, 7 é pra você que já está...

Então, dependendo do tradutor tem trabalho que chega a ser 5 reais a lauda.

Entendi. Esse é o mínimo?

Sim, esse é o mínimo.

E o máximo? Pode chegar até quanto?

Olha, os idiomas mais caros assim, acredito que chegue a pagar uns 17 reais.

Mas para o inglês?

Inglês, se eu não me engano, o máximo é 12 reais.

Tradutor 3 – Entrevista

Tradutor: [preenchendo sobre quais cursos havia feito] Os cursos da Via Rápida com a Lúcia Helena, que eram de várias áreas, jurídico, contábil, financeiro, um curso preparatório pra Juramentado.

E você fez todos esses cursos?

Fiz todos esses cursos, mas eram cursos curtos, de algumas aulas só.

Mas antes disso, você já trabalhava como tradutor?

Já.

Então você procurou os cursos para se aprimorar?

Na verdade eu era aluna da Lúcia no curso de Habilitação para Intérpretes na Língua Inglesa.

Então o da PUC foi o primeiro?

Na verdade, antes disso eu já trabalhava, não era exatamente interpretação, mas era interpretação só consecutiva, só pra recepção. O primeiro trabalho que eu fiz eu fiz bem sem querer. De graduação eu fiz Biologia e eu sempre trabalhei... trabalhava num centro de Biologia Marinha que a Usp tem lá em São Sebastião, não sei se você já ouviu falar. Eventualmente quando vinha, eu fazia atendimento aos turistas, era um passeio pelo centro, mostrava o tanque com os animais, explicava a biologia dos animais, de cada animal que a gente tinha no tanque, um pouquinho da ecologia da área e quando tinha turista que não era brasileiro tinham umas duas ou 3 pessoas que conseguiam receber e uma delas era eu, que eu já tinha uma fluência boa em inglês. E também quando eles recebiam do CCIntes, não sei se você já ouviu falar... é um centro de intercâmbio, é um centro de intercâmbio internacional da Usp, não lembro direito e... é um centro da Usp, que gerencia principalmente intercâmbio e recebe, e aí uma vez eles estavam recebendo professores de outros países, e aí eu e mais essas mesmas duas pessoas que recebemos.

E aí você começou assim? O contato com a área digamos...

É, e depois trabalhando em evento, bastante. E a sogra do meu irmão, ela já era tradutora e intérprete, tradutora e intérprete há acho que 40 anos já, e ela me motivou bastante a fazer, e me ajudou com tradução escrita, que eu mexo bastante; ela que indicou, ela é muito amiga da Lúcia e ela falou ‘Olha, vai abrir um curso lá na PUC, por que você não tenta fazer?’, porque eu já tinha feito a prova do Alumni, para tradução e interpretação, e tinha passado, mas era muito caro. Na época não dava.

Ainda é...

É, e uns horários... eu não era professora de inglês. É um curso que se encaixa no horário de quem é professor porque aí você tem aquelas horas no meio do dia, ‘bom, esses dias eu não vou dar aula, esses dias eu vou me dedicar ao curso’, mas

não era o que eu fazia. Eu não podia, trabalhando em evento, faltar, ‘ah, segundas e quartas eu não trabalho’, não existe isso. Nem pra qualquer outra coisa que você tenha...

Horário fixo.

Horário fixo. Então eu tinha desistido do curso da Alumni, tinha praticamente desistido e aí abriu esse curso na PUC, e eu fui fazer.

Esse é o curso que ainda tem hoje, ou é diferente, porque acho que tem uma graduação em interpretação agora, né?

Não sei. Eu sei que tem a graduação em tradução, não sei se tem ênfase em interpretação e eu sei que tem o curso; eu não sei se eles transformaram o curso. Mas isso, a Lúcia terminou saindo do curso, mudou muita coisa, e eu não sei exatamente como é o curso hoje.

Eu vou dar uma olhada, porque eu sei que é muito forte o curso de interpretação deles, só não sei se é o mesmo curso que você fez.

E tem um outro curso de interpretação que também é mais famoso e mais antigo na PUC do RJ. Não sei se é esse que você está falando, porque lá...

Não, não. Eu ouvi falar do de São Paulo.

É, já tem mais de 12 anos. Porque eu fiz há 12 anos.

É, porque ele é bem forte, bem falado e tal. Deve ser o mesmo.

E a Interstudio, que era do David Coles e do Glenn (que eu não me lembro o sobrenome, mas é que eu não tive aula com ele). E eles davam cursos também de tradução e de interpretação e em áreas específicas. Então eu fiz um curso de tradução de um semestre, e fiz um curso de interpretação em área médica, fiz um curso de interpretação pra sotaques difíceis. É porque a gente não vai ter numa... a gente não escolhe como o palestrante fala. E a gente não escolhe nem se o palestrante fala o inglês como primeira língua, ou segunda língua; se ele fala como primeira língua, de onde? Porque ele pode falar um inglês, aquele inglês bem neutro ou ele falar um inglês do Texas, ou ele falar um inglês da Nova Zelândia ou ele falar um inglês da China. Da Índia. E eu não posso falar que ele não está falando inglês! E eu não posso... ‘só traduzo se tiver um sotaque da Rainha!”.

E você falou que agora... falou que fez o caminho inverso.

É, porque na verdade, graduação, minha 1ª graduação foi Biologia. Eu comecei com o curso de Habilitação pra Intérprete que seria, não sei... acho que a ideia geral é

fazer depois de fazer uma graduação em Letras. E agora, depois de muito tempo, eu resolvi fazer graduação em Letras.

E você está fazendo onde?

Na Usp. Mas é Letras Espanhol. A maior parte do meu trabalho é tradução e interpretação em Língua Inglesa. Eu faço também espanhol, mas é passivo, do espanhol para o português.

Passivo? Você chamou de passivo? É que o termo me chamou a atenção.

A gente fala em interpretação ativo pra língua pra qual você passa, pra língua... *target*. Por exemplo, português e inglês eu tenho ativo, eu faço tanto do inglês para o português quanto do português para o inglês.

Seria a 'versão' na escrita?

É, mas em interpretação você não fala versão, você fala... na verdade, a gente nem fala interpretação, a maior parte é tradução. E passivo é quando você só vem de uma outra língua de partida para a sua língua mãe. Então por exemplo, eu poderia até ser muito pretensiosa e dizer que eu tenho o francês passivo. Eu falo francês e consigo passar do francês para o português, mas mesmo assim é... eu não digo isso, porque meu francês é muito pouco, é o suficiente pra eu conversar, não pra traduzir do francês para o português.

Então você trabalha com o espanhol e com o inglês?

Isso. Com o inglês mais ativamente do que com o espanhol.

Então agora que você está fazendo a graduação, você acha que isso alterou, mudou alguma coisa na sua profissão?

Diminuiu o tempo que eu tenho [risos]. Não. Nada. Eu fiz um curso dentro do... eu estou no 3º ano agora, né, esse semestre. Eu tive uma matéria de tradução, mas era tradução geral e bem teórica, bom, totalmente teórica, não tinha nada de prática, e esse semestre eu tenho, vou fazer uma matéria que também é um dia por semana de tradução espanhol, que eu não sei, eu acho que vai ter um pouco mais de prática, mas eu não sei ainda. E além disso, na Usp não tem nada de interpretação. Nada, zero. Não tem nada. Não tem nem simultânea nem consecutiva, nem nenhum tipo, e isso também é tradução.

Então por que você procurou a graduação?

Eu sempre estudei, nunca parei de estudar. Eu quis voltar a estudar alguma coisa, e resolvi fazer a graduação, e talvez, fazer alguma coisa fora daqui, isso sim ajudaria bastante.

Como assim?

Ficar um semestre na Espanha, um semestre na Argentina. Fazer um curso, um semestre, ou de intercâmbio, ou eventualmente trazer informação de mestrado. Isso ajudaria de 2 formas: uma simplesmente pelo fato de eu estar fora, de eu estar imersa na língua. Isso vai ativar, por assim dizer, totalmente o meu espanhol, porque eu vou estar num lugar de língua espanhola, vou estar falando o dia inteiro, ouvindo o dia inteiro, porque isso é basicamente o que você mais precisa para interpretação, pra ter fluência. E outra que, dependendo de pra onde eu for, diferentemente daqui, existem cursos de interpretação em nível de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Então eu já vou procurando coisas e aí, não precisa nem necessariamente ser um pais de língua espanhola. Por exemplo, na Universidade de Princeton tem, mas aí é inglês e espanhol, eu não sei se eu seria aceita porque nenhuma das 2 são línguas A pra mim. Eu não sou nativa em nenhuma das duas, mas talvez aceitassem na parte de pesquisa, não como intérprete.

Então seu interesse é mais acadêmico mesmo?

Na interpretação?

É, sua busca pela graduação não foi pelo seu trabalho...

É totalmente acadêmico. Não. Não tem... se fosse, não seria na Usp, né? A Usp não tem o foco... isso não é na Letras, a Usp como um todo... não posso generalizar – a Usp em toda parte... em tudo que eu conheço da Usp, ela tem um enfoque muito mais acadêmico e muito mais pra pesquisa do que voltado para o mercado de trabalho, ou pra... formação de pessoas... para as pessoas poderem se capacitar e encontrar trabalho quando saírem da universidade.

E por que você não procurou um curso de Tradução? A Usp não oferece, né?

Porque não tem também.

Mas você não pensou em procurar em outra Faculdade, a graduação em Tradução?

Não, porque na verdade... não, por 2 motivos. Um, meu interesse maior não é tradução, é interpretação. Meu interesse acadêmico, inclusive. Porque eu acho que existe uma diferença no processo, uma diferença grande no processo mental da interpretação, do trabalho, uma diferença na condição do trabalho para ser executado. Uma diferença na temporalidade, porque uma você tem um tempo de pesquisa e na outra, não é instantâneo, mas quase. Então se é para fazer algo acadêmico, eu tenho interesse em fazer algo acadêmico em interpretação, não em

tradução. Não que não tenha coisas para pesquisar em tradução, tem também, mas não é meu principal interesse.

Mas você faz tradução escrita também?

Faço. O produto das duas coisas é bastante semelhante. O produto final do trabalho, e o processo que você faz também – eles são complementares, um ajuda o outro; se você faz interpretação, isso te ajuda a ter mais possibilidades... mais possíveis soluções para uma determinada tradução, porque você ouve nas 2 línguas, você ouve pessoas nativas falando nas 2 línguas, falando tanto em português quanto em inglês. Na hora que você tem um texto em português, você lembra de coisas que você ouviu para passar para o inglês, ou, do inglês para o português; você ouviu 2 pessoas ao vivo que trabalham naquela determinada área, na forma como elas estão falando hoje, porque o livro já é uma coisa que está cristalizada, está na forma como falavam, em Biologia, há uns 10 anos, e não hoje. Na interpretação não. E o contrário também, quando você está fazendo tradução, você tem que pesquisar, você tem que estudar, e quando você estiver em uma cabine, isso te ajuda a lembrar mais rápido, você tem um arca bolso maior, se você faz tradução. Tanto que eu não conheço, praticamente não tem intérpretes que também não sejam tradutores. Tem tradutores que não são intérpretes, mas dificilmente você vai ter um intérprete que também não é tradutor.

Fale um pouco sobre a sua experiência com a Agência P, sua agência, ou escritório, como você prefere chamar.

Isso é uma outra coisa que é conjectural. Eu comecei a trabalhar como tradutora/intérprete em 97, 98, por aí. Trabalhava para vários clientes, como *free-lancer*. Muitos deles clientes diretos. Eu trabalhava para algumas agências, algumas poucas agências, que não me exigiam nota, e alguns clientes para os quais eu passava RPA, e recolhia carnê leão – fazia minha contabilidade toda como autônoma. Só que muitos clientes passaram a não querer, e principalmente quando eu passei a ser intérprete, RPA era uma coisa muito complicada para eles. Eles não querem um recibo de autônomo, por várias questões, inclusive legais, principalmente legais. Se você tem uma constância – no caso de tradutor: eu tinha um cliente para o qual eu fazia atualizações, eu fazia atualização do *site*, todas as atualizações, então eu tinha um trabalho mensal, era como uma conta – todo mês eu passava RPA pra eles. Isso, dependendo do caso, configura... abituidade... não, não é isso, mas é uma palavra parecida com isso, é um problema trabalhista, aquela

pessoa pode exigir direito trabalhista como empregado, e não está empregado... eu poderia reivindicar vínculo empregatício, já que eu passava RPA mensalmente para aquela determinada empresa. Lógico que eu não ia fazer isso, mas um monte de empresas não querem isso, porque elas querem se precaver desse problema. E eu não era uma empregada, eu não tinha... mesmo para reivindicar isso daria trabalho, porque existem outras coisas para caracterizar vínculo empregatício que é a abituidade [sic], pontualidade e o local. Eu trabalhava na minha casa, na hora que eu queria, não respondia... ah, e insubordinação! Não tinha insubordinação a ninguém... então, nada mais caracterizava, mas eu passava recibos mensalmente para as empresas. E para a interpretação, como o valor costuma ser mais alto, é pior ainda, aí ninguém quer mesmo. E eu sempre quis fazer as coisas certinhas; eu não ia pedir nota emprestada, que era o que muita gente fazia na época, pra passar nota para um determinado trabalho. Ou então tem um monte de outras coisas... tem gente que tem a empresa de marcenaria do pai, e passa uma nota fiscal para um trabalho de interpretação?! Não faz sentido... aí por isso eu acabei abrindo a empresa.

Então você abriu a empresa para poder emitir nota sem problemas?

Basicamente a abertura da primeira empresa era para resolver um problema legal/fiscal. Só que aí você vai criando um outro problema: você abre a empresa, ela começa a crescer. Primeiro você precisa ter um parceiro, porque empresa você não pode ser sozinho no Brasil. Agora até tem uma figura legal que permite você ter uma empresa de uma pessoa só, mas bom, quando eu abri, não era possível. Você só pode ter uma empresa se tivesse uma sociedade, então tinha que ter sócio. Então na época eu me associei com a Nicky, que não está mais na empresa, que fazia bastante tradução, e ela era inglesa, então a gente fazia muito ‘cruzado’, eu revisava as traduções dela e ela as minhas. A gente trabalhava muito junto. Então foi uma associação natural, e o Jaime, que eu já conhecia desde a época em que eu trabalhei na Agência Z, ele também trabalhou um tempo na Agência Z. O Jaime não é tradutor, ele administra. Na verdade a formação dele é em Marketing. E ele trouxe um monte de ideias dessa área, ‘vamos fazer um *site*. Ninguém tem um *site* decente’ – na época ninguém tinha mesmo [risos]. Eram aqueles *sites* que você entrava e era só uma página parada, com telefone. ‘Vamos fazer coisas para cativar o cliente’, ‘O que a gente pode fazer para isso?’.

E na época você lembra se tinham muitas agências, se vocês conheciam...

Tinha a Agência Z, eu trabalhei para a Agência Z. Quem mais? Eu não lembro se na época eu conhecia muitas outras não. Conheço hoje mais. Tinha a All Tasks, eu lembro, naquela época. E tinha uma outra que eu graças a Deus nunca entrei em contato...

Por quê?

Era BN-alguma coisa. Porque deu calote em todo mundo... calote grande, não pagava mesmo as pessoas. Eu nunca trabalhei para ela. Sei que existe, porque ela ficou famosa entre... depois eles quiseram reabrir com outro nome, mas aí todo mundo já conhecia, e um foi falando para o outro, então nunca trabalhei para eles. Não lembro, devia ter outras também, mas eu não me lembro.

Então atualmente você é uma das sócias da Agência P?

Sim. E aí com o tempo... outra coisa, com a interpretação você nunca trabalha sozinha. No mínimo são duas pessoas na cabine. E o natural era na época eu começar a trabalhar com pessoas que eu conhecia, que tinham feito cursos comigo. E uma das pessoas que eu conheci, na verdade ela não fez PUC, mas eu conheci através da Lúcia, era a Marli, ela fez Alumni, mas foi na mesma época em que eu estava fazendo PUC. E a gente trabalhava sempre junto. Eu gostava muito de trabalhar com ela, eu achava ela excelente, e muito complementar ao meu conhecimento porque ela é engenheira. E a gente trabalhava frequentemente juntas, e aquela coisa né? Duas empresas pequenininhas, porque nesse ponto, a Nicky já tinha saído da empresa, ela voltou para a Inglaterra. Era eu, o Jaime, e a Marli, com o marido de sócio, só para poder... isso era uma coisa que também era comum na época: todas as empresas eram a pessoa e o marido ou a esposa. Porque você era obrigado, para poder abrir a empresa. Então na verdade você tem um monte de empresas de uma pessoa só! Aí eu falei ‘Marli, a gente trabalha tanto junto, e se a gente...’ e a gente queria fazer mais coisas assim, para poder vender, contratar uma pessoa, tal... ‘se a gente se juntasse, a gente dividiria os custos’. No mínimo nos custos com o contador e sei lá, com os outros custos da empresa, e ter um escritório, e custos com o *site*, porque ela tinha um *site* dela, daqueles baratos [risos]. Ela falou ‘é, a gente pode tentar’, e terminou se juntando à gente, e depois veio a Renata, que era amiga da Marli, que fez Alumni com a Marli. Ela também se juntou à gente depois. Atualmente somos nós quatro: eu, a Marli e a Renata, tradutoras, e o Jaime.

Então vocês não trabalham com tradutores externos?

Sim, trabalhamos. Então, porque desde o começo a gente acabava fazendo isso. Uma das coisas que a gente percebia que era muito importante para os clientes era você atendê-los! E como eu faço para atender se eu não estou lá? Se eu estou na cabine principalmente? Se nem o telefone eu não posso atender? Por isso que o *back office*, o Jaime, era tão importante, porque quem é o contato com o cliente, o contato para consultar o cliente, atender o cliente quando ele precisa, para fazer um orçamento, para mandar o orçamento, para mandar a cobrança, para fazer a cobrança, pagar, para fazer toda a parte financeira da gente, todo o marketing da gente, é ele. E a gente pode ficar despreocupada lá na cabine, focada no que a gente tá fazendo. Mas, então, quando eu tô lá, quem vai fazer o trabalho? Então a gente... e a gente conhece muita gente, que veio trabalhar com a gente, ou que trabalhou, ou que estudou, ou que fez curso, ou que foi indicado pelo professor, e o que a gente faz, o trabalho entra através do Jaime, que dá uma analisada no trabalho, tamanho, assunto, e ele normalmente fala com uma de nós de como fazer, quem vai fazer. Ah, fora que, e as outras línguas também? Porque a gente é inglês e espanhol, e francês... se o cliente que é nosso cliente de outra coisa e precisa de uma tradução do francês? A gente tem que dar um jeito de atender. Então a gente tem vários parceiros de determinadas áreas, determinadas línguas, para atender outros trabalhos, ou porque a gente não dá conta, ou porque não é... a gente não dá conta ou por volume de trabalho ou porque não é a área ou a língua que a gente trabalha.

Quantas laudas vocês consegue traduzir por dia?

Depende de qual é o assunto, depende se é ‘de’ ou ‘para’, se é do português para o inglês ou do inglês para o português, por exemplo, ou do espanhol para o português... do português para o espanhol eu não faço... só se for uma coisa muito pequenininha; se for uma cartinha de cumprimentos aos funcionários no final de ano de um cliente da gente, eu faço. Quando é do inglês para o português, vai depender muito da área. Se é um texto bastante direto, não vou ter que fazer muita pesquisa, for uma coisa bastante “linguagem comum”, eu consigo fazer umas 20 laudas, 180 palavras por lauda. Vinte não! Eu diria que, bem feitas, eu faria de 10 a 15 laudas por dia, de um texto fácil. Agora se eu tiver alguma coisa na memória [de tradução], se eu tiver por exemplo um cliente que eu costumo fazer a tradução, já potencializo para o dobro, às vezes, ou mais que o dobro, porque eu já vou ter alguma coisa traduzida daquele cliente.

Memória que você diz é o Wordfast?

Sim. É, ele me ajuda por causa da memória e a memória que ele gera é um glossário. Na verdade não é um glossário, é um corpus, porque ele pareia, por exemplo, se eu estiver fazendo tradução inglês-português, ele pareia o inglês com o português e isso funciona para a ida e para a volta. Ele funciona como um corpus mesmo. Só que um corpus também pode funcionar como um glossário, porque eu abro a memória de tradução, que é um corpus, e com o Ctrl+F eu acho uma determinada palavra lá dentro. E um determinado cliente vai ter uma determinada terminologia que eu traduzi uma vez, então não vou ter que pesquisar de novo, tá lá guardada no corpus.

Mas aí como funciona a cobrança? Porque com memória de tradução às vezes tem aquela porcentagem. Seu preço é o mesmo?

É o mesmo.

Independentemente do uso da memória?

Depende. O trabalho que eu fiz hoje antes de vir para cá, eu vou cobrar como revisão, porque era quase tudo *match*. Tinha só uma ou duas linhas que eu tive que traduzir.

Mas isso é uma decisão sua, o cliente não sabe disso.

É uma decisão minha. Na verdade, aqui no Brasil, quase ninguém pergunta se você usa ou não usa a memória, mas por exemplo, teve um trabalho que eu fiz o ano passado... era uma agência fora do Brasil. Lá eles estão mais acostumados a usar. Eles já mandaram com essa informação “Olha, estou mandando isso para você, e tem ‘tanto de *match*”. E normalmente a agência já fala “Olha, a gente tá pagando ‘tanto’ por palavra”... Pega o trabalho ou não pega, depende de você.

Você utiliza alguma técnica, algum procedimento específico para traduzir? Alguma coisa que você poderia ensinar, se você treinar um novo tradutor?

Tá aí, uma coisa que eu gostaria de fazer era treinar intérpretes, mas tudo bem [risos]. Aí sim eu tenho bastante coisa que eu poderia ensinar, mas, na tradução, aí eu vou estar me baseando muito no que o David me ensinou, que eu aprendi no InterStudio. Primeiro é dar uma olhada geral no texto... passar a barra de scroll de cima a baixo, uma para ver o tamanho e outra para ver mais ou o menos o assunto daquele texto e o grau de dificuldade, e aí eu sempre uso a ferramenta, mesmo que eu não tenha a memória e mesmo que ela não vá me ajudar em nada em termos de

memória. Eu não sei por que, mas a minha cabeça agora funciona melhor com a segmentação.

A ferramenta que você diz é o Wordfast?

Wordfast, mas qualquer ferramenta faz a mesma coisa. Ela pega uma linha, um segmento de texto, aí você define o que é a quebra de segmento como você quiser, por pontuação por exemplo. Eu segmento por ponto, dois pontos; às vezes sim, às vezes eu tiro, parágrafos; ponto-e-vírgula eu não uso, porque ficar quebrando por ponto-e-vírgula... fica indo para a outra linha. E barra eu também não uso, eu tiro, eu desabilito esses dois, o ponto-e-vírgula e a barra. Eu uso sempre o ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, parágrafo e dois pontos, são os meus marcadores de segmentação.

Em todos os textos de qualquer assunto?

Em todos os textos de qualquer assunto. Eventualmente eu agrego ponto-e-vírgula, quando você tem listas por exemplo, que o separador vai ser ponto-e-vírgula, mas em geral depois do ponto-e-vírgula vem outro parágrafo depois, então não precisa. Esse é meu procedimento básico. Aí a ferramenta vai me dando o primeiro trecho para traduzir, e ela deixa a linha do original e embaixo a linha da minha tradução, e eu vou traduzindo. Essa é uma primeira tradução mais rápida. Aí depois eu volto para o começo do texto, porque essa segunda vez já funciona como uma semi-revisão, eu já vi o texto até o fim, então eu tenho uma noção de contexto maior, eu não perco o original, porque o que acontecia com a forma como a gente fazia antes, em que a gente ia traduzindo e apagando, você depois tinha que abrir uma outra tela para comparar, e visualmente é muito complicado. Assim, segmentando, fica mais fácil, e dá pra aumentar bem a tela, eu aumento para 132, 140% de aumento, para ficar bem visível mesmo, e é necessário. Aí fica uma linha de uma cor, o original em uma cor, e a linha traduzida em outra cor. Parece um monte de bobagem, mas ajuda bastante na visualização, e ajuda bastante a ver erro pequeno, como acentuação, pontuação.

E aí você entrega para o cliente no formato que ele pediu?

Não, essa ainda é a primeira retradução. Depois eu faço a revisão e cotejo com o original. Aí depois eu limpo, e aí volta naquele formato original. Aí uma vez limpo, e eu não estou mais vendo o original, aí eu faço uma segunda revisão do texto na língua-alvo, para entregar para o cliente. É uma revisão mais de estilo, aí eu vou

alterar coisas para ficar mais fluido na língua em que vai ser lido, não parecer que é um texto traduzido.

Então é você que faz a própria revisão?

Eu sempre faço revisão, mas eu sempre mando ainda para uma outra pessoa revisar, porque eu ainda estou muito contaminada com o original. Aí a última revisão é passar um revisor ortográfico, ir revisando pontuação, e por último [risos], desabilitar o corretor ortográfico para revisar ortografia para ver se ele não colocou nenhuma palavra na ortografia antiga, porque ele continua... ele põe acento, aí eu tenho que tirar... acho que tem agora uma macro do Word para colocar, e eu estou para ver isso... nossa, é irritante, e passa coisa. Feito isso, aí vai para a revisão de um revisor, que não vai mais cotejar, como é no meu caso. Às vezes... isso quando eu faço trabalhos eu faço assim, aí eu mando para a revisão só para revisar para ver se não tem nada de errado. Isso se eu estiver traduzindo em uma área que eu domine plenamente. Se for alguma coisa que na hora de cotejar, eu tenha dúvidas, aí eu não vou passar para essa outra parte, de estilo, eu ainda nessa parte de cotejo eu vou mandar para alguém que vai revisar. Geralmente as minhas sócias revisam o meu trabalho e eu reviso o trabalho delas. Porque aí elas vão ver com o original aquela determinada palavra. Quando eu faço isso? Por exemplo, quando eu faço uma tradução jurídica, eu deixo o original e o traduzido embaixo, eu não limpo o texto, deixo pareado, para facilitar para quem for revisar, porque eu vou ter dúvida na terminologia, não é minha área, de jurídico, ou de engenharia, alguma coisa, eu mando para uma das duas.

Mas você traduz jurídico?

Traduzo, desde que alguém revise, alguém da área revise.

Que materiais você utiliza? Você utiliza algum material? Dicionários, glossários...

Utilizo dicionários, cada vez menos dicionário de papel, porque eles pesam e incomodam, porque eu fico pondo um monte de coisa na minha mesa... mas ainda utilizo. Dicionário, dicionário de papel, eu praticamente só utilizo os técnicos hoje em dia. Os dicionários bilíngues ou monolíngues normais, eu tenho no computador, então eu não preciso ficar consultando em papel. É muito mais fácil usar no computador. Aí eu utilizo Oxford, inglês-inglês, eu tenho o Michaelis, inglês-português, português-inglês, espanhol-português, eu uso bastante o *[não entendi na*

gravação], da Academia de Espanhol, porque é muito mais fácil, você coloca a palavra e dá a busca, e não precisa ficar virando páginas.

Mas mesmo no computador, o que você utiliza?

Então, esses dicionários, todos. Tem um *site*, o WordReference, e ele tem vários pares de idiomas. E Internet bastante. O Google para buscas. Aí normalmente eu não procuro a palavra para traduzir, eu sempre procuro dentro de um determinado contexto. Não sei se você já viu, eu uso o Linguee. Porque é um corpus. Eu prefiro corpus para traduzir. Se não é dicionário, eu prefiro corpus, porque a palavra está em um determinado contexto, porque uma palavra pode ter um monte de traduções, e eu preciso saber se está naquele contexto que eu estou procurando. E tem alguns glossários de papel que eu ainda uso... tem um que é o glossário técnico do *[não entendi na gravação]*, que é um técnico de engenharia, muito bom. Tem um de materiais de engenharia civil que eu também uso, de metalurgia – eu não lembro o nome do autor agora -, tem o glossário de termos de meio-ambiente da Cetesb, que eu uso – infelizmente não foi mais editado, mas muitas das coisas que estão lá não se desatualizam. E eu tenho um outro glossário – ai, eu não lembro o nome da Júlia -, mas é uma tradutora famosa na área de Odonto, que tem um glossário de termos odontológicos e termos médicos.

É Ana Júlia?

Ana Júlia. Mas eu não sei o sobrenome dela [risos]...

Eu sei, é Perroti?

Isso! Essa mesma. O glossário dela eu uso. Tem o glossário da Isa Mara Lando. Tem, mas eu uso pouco para dizer a verdade, mas é um bom glossário para não cair em armadilhas. É bom ler.

E tradutor automático?

Não. Olha, para não dizer que eu nunca usei, eu já usei de línguas que eu não... mas para mim, nunca para trabalho. Já usei o Google Translator de línguas assim... mas não para o português também.

Mas não para traduzir?

Não para trabalho! Para coisas que eu queria ver o que eram. Então por exemplo, do inglês para o espanhol, ou do alemão para o inglês. Do inglês para o espanhol só para confirmar opções. E do alemão para o inglês, porque eu não leio alemão, então para ter certeza do que estava lá. Porque é um problema... e eu olho de vez em

quando só para ver em que status está o Google Translator. É inexorável – isso vai acontecer!

Mas o que você acha dele?

Ele está melhorando cada vez mais. E tem inclusive as ferramentas de tradução, as atualizações dela, tanto do Wordfast quanto do Trados, elas têm agora uma macro que você habilita para sugestões do Google Translator, na hora que você está traduzindo. Então na hora que você tem um segmento, o Google pode te sugerir uma tradução. No português não serve para nada, porque só vem bobagem, não vem nada que você possa aproveitar, mas vai chegar lá.

Isso no Trados e no Wordfast?

No Trados eu não tenho certeza. No Wordfast eu tenho certeza, você pode abrir para o Google Translator, para ele te ajudar a traduzir. Você pode recusar, ignorar o que o Google está sugerindo e fazer a sua tradução, mas você sempre pode usar uma sugestão ali.

E já que você trabalha com o Wordfast, qual é a porcentagem de traduções que você faz com ele e sem ele?

Eu uso a ferramenta em 100% das minhas traduções. Eu não tenho memória para 100% disso, mas eu uso mesmo por causa do processo de segmentação. Eu me acostumei com o processo de segmentação, não consigo fazer tradução de outro jeito [risos]. Se é uma coisa que eu não tenho memória nenhuma, que não vai me ajudar, porque não tem repetição, mas eu uso porque na hora de revisar fica mais fácil o cotejo, e porque eu me adaptei ao processo mental de segmentar.

E a quanto tempo você segue esse método? Você tem uma ideia, mais ou menos?

Uns 5 anos, mais... uns 5 ou 6 anos.

E isso mudou a forma como você traduz?

É, porque eu ia traduzindo e apagando, em cima do original, ia apagando o original. Isso no Word.

É, eu nunca traduzi em papel. Para dizer que eu nunca traduzi em papel, eu cheguei a traduzir algumas coisas, pôr a folha de papel e traduzir do lado, mas nem isso a gente hoje faz. Se você tem uma folha de papel, a melhor coisa a fazer é escanear a folha, passar por um [*não entendi na gravação]*, que é um conversor de texto, que vai converter para Word, e trabalhar no Word.

Você está satisfeita com a profissão?

Sim.

Você só trabalha com tradução e interpretação atualmente?

Sim.

Você já trabalhou para editoras?

Fiz dois trabalhos.

E qual é a diferença entre o trabalho para editoras e para agências?

É que o escritório é o meu escritório [risos]. Mas trabalhar para editora ou para outras agências, por exemplo, tradução escrita, eu não trabalho mais para outras agências. Porque o que elas pagam é muito pouco. O que as editoras pagam é menos ainda. Então eu só vou fazer trabalho para uma editora quando o que me interessa é o livro, não o que paga.

Então vamos falar de valores, já que chegamos nesse ponto.

Pode usar o meu nome, eu não tenho nenhum problema em falar.

Melhor [risos]. Na sua agência, o valor que você cobra dos clientes, ou seja, o valor vai todo para você, você pode falar quanto é?

Posso. A gente, basicamente, usa a tabela do Sintra para interpretação. Tradução também, mas eu não sei se os valores estão iguais. A gente usa a da Jucesp, a Junta Comercial do Estado de São Paulo. Uma delas é juramentada, então tudo que é juramentado tem que ser o valor da Jucesp, não pode ser outro valor. E o que é técnico, não juramentado, a gente usa a tabela do Sintra.

Mas a tabela do Sintra, se eu não me engano, tem um valor para tradução literária. Eles não têm para tradução técnica.

Mas a gente não faz tradução literária...

Então vocês utilizam o valor...

É, mas é tradução...

Porque eu até enviei um e-mail para eles questionando sobre isso.

É que a nomenclatura é um pouco ruim, porque eu dividiria tradução em literária e não-literária. Tudo que não for ficção, que não for literário, é outra tradução, que a gente chama de técnica. Mas aí técnica as pessoas às vezes pensam, ‘ah, é tradução de engenharia’, não! Técnica é qualquer tradução que não for literária!

Então você cobra R$ 0,24 por palavra?

Não, é mais.

Porque na tabela do Sintra, até bem pouco tempo, acho que era esse o valor, R$ 0,24 por palavra.

Acho que é isso que a gente paga para o tradutor. Agora eu não vou saber... porque essas informações mais especificamente, de quanto a gente cobra e de quanto a gente paga, é o Jaime que pode te dizer. Mas o que a gente cobra é basicamente o valor que a gente passa ao tradutor, menos os impostos, que dão quase 20%, e menos 5%, para a empresa, para cobrir os custos da empresa.

E você falou que quando fazia um trabalho escrito para uma agência, eles pagam menos. Você lembra mais ou menos o valor que já foi pago?

Olha, o último valor que eu... novamente, tem agência e tem agência que é como a minha empresa, um escritório. O último valor que eu trabalhei com agência que é só agência, acho que era R$ 14 a lauda, mas faz tempo, eu não faço ideia de quanto esteja agora. A lauda de 180 palavras, que é a metade da lauda literária, de editora. A lauda [de editora] tem o dobro do tamanho, e pagam nem a metade [risos]. Na minha opinião, é a que deveria ser mais bem paga, porque é uma tradução... pode ser uma tradução bem mais difícil do que uma tradução técnica.

Por quê?

Por várias questões de semântica, de polissemia... vou dar um exemplo prático: quando um engenheiro estiver falando alguma coisa, o que ele está falando é o que ele quer falar, e ele vai estar falando em um registro sempre mais ou menos no mesmo nível. Quando você está traduzindo um livro, o que o livro está falando não é o que ele quer falar, tem várias camadas de revelações que vão acontecendo no processo, na evolução desse livro. Você vai ter um milhão de ambiguidades, que é o que dá, o que gera o 'gostoso' do livro. Você vai ter um monte de sensações que são extremamente culturais e locais. Ao contrário de uma coisa de engenharia, que vai ser global e a mesma língua falada, não o idioma, mas a mesma linguagem falada por um engenheiro em qualquer parte do mundo. Isso faz uma diferença total na linguagem literária e na linguagem técnica.

Você tem vontade de trabalhar com literatura, com tradução literária?

Não. Eu amo tradução literária e amo literatura, mas eu não tenho vontade de trabalhar com isso. E aqui [no Brasil], é muito difícil de trabalhar com isso. Se eu fosse fazer tradução literária, eu iria fazer por prazer, não como ganha-pão, porque não ganha pão, você ganha migalha, então eu não vou trabalhar! Se é para trabalhar, eu cobro pelo meu trabalho! Se é para não ganhar nada, eu prefiro fazer *pro bono*. Eu já fiz alguns poucos trabalhos literários porque eu quis, não pelo que estava ganhando.

Então você diria que a tradução técnica paga melhor que a literária?

Sim! Muito melhor. As editoras são muito mesquinhas na parte... bom, e as editoras estão passando por um momento muito grande, de um problema muito grande, e a última coisa que eles querem é se preocupar com o que pagam para a tradução. Eles estão tendo que passar para o mundo eletrônico, e isso é mais barato. Eles vão vender cada vez mais por um valor menor a obra, e não é pelo valor do papel, não é pelo valor da impressão, vai ser só o valor da obra, então vai ter muita mudança, eu não sei o que vai ser essa mudança exatamente, mas o mundo editorial está passando por uma mudança muito grande.

Você tem formação na área, acadêmica ou não, porque você já estudou muito. Tudo o que você aprendeu colaborou para o seu trabalho como tradutora?

A tradução eu aprendi muito fazendo. Na prática. E com a orientação dessas pessoas que eu te falei, que já eram tradutores e que davam cursos de tradução. Eu não posso julgar, não posso ver o curso de Tradução acadêmico porque eu não fiz ainda. Sei que existe curso de Tradução na PUC, não foi o que eu fiz, eu fiz Interpretação. Na Usp tem algumas matérias de tradução, mas eu não posso julgar a pertinência porque na verdade eu fiz só uma matéria, e era geral, não era prática e não era de nenhuma área.

E você conhece alguma coisa da Teoria da Tradução?

Bem pouco, bem pincelado, do que eu tive nesse curso, que era geral. Introdução aos Estudos Tradutológicos, era como chamava a matéria.

E alguma dessas teorias, algum estudo, mudou alguma coisa?

Não. Eu já tinha meu método muito bem estabelecido e continuo usando [risos]. Na verdade, a única coisa que foi só uma pincelada, que eu acho que é uma... mas que eu também já usava, é corpus, mas eu também já trabalhava assim, com tradução baseada em corpus. Foi o único assunto em que tocaram e que... não, na verdade não, na prática, no meu trabalho, não mudou nada.

E você acha que alguma teoria poderia ajudar em seu trabalho? Algum estudo poderia ser feito, alguma coisa nessa área?

No estágio em que eu estou não, mas eu poderia não ter quebrado tanto a cabeça [risos] no começo, né?

Em seu treinamento, digamos assim, em seu treinamento como tradutora?

É, no início. Olha, o que eu vejo como problema, como tradução, e aí é um problema na contratação de outras pessoas para traduzir, é que a formação de um tradutor é

uma coisa muito complexa. De um tradutor e de um intérprete também, é muito complexo, porque não dá para ter formação em tradução. Ou não basta ter formação em Letras. Porque na hora de traduzir, importa muito também o que você está traduzindo, então por exemplo, tem um outro trabalho de uma outra amiga que é agência também, mas agência de tradutores, que é a Vice-Versa, porque a Clarice está no mercado há mais tempo que eu, e a Clarice fez Tradução como Graduação na PUC. Então a bagagem teórica dela de outras coisas ela foi apanhando com o tempo. É o oposto da minha formação. A minha formação foi em técnica primeiro, e fui aprender a fazer tradução. Só que você precisa das duas coisas, porque não adianta você saber escrever, ter um conhecimento profundo da gramática, e da língua inglesa e da gramática, e da Língua Portuguesa, mas você não conhece nada de medicina e vai querer fazer um texto de medicina. Sai ruim.

Mas nesse exemplo, já que você falou...

E o outro lado também é verdadeiro! Eu lembro que quando eu estava na graduação, tinha uma apostila que a gente usou em Fisiologia Animal, que tinha sido traduzida por um professor de Fisiologia Animal. Horrível! Não dava para ler, porque as frases não juntavam, não faziam sentido. Ele não era tradutor. Todo mundo acabava pegando o original, e quem não sabia ler inglês “dançava”, porque não dava para ler! A leitura daquilo... não tinha fluência na leitura. Você tinha que ler 3 vezes a mesma frase para entender o que estava escrito. Por isso que é um problema e a formação é complexa. Se ele [o texto] tivesse sido traduzido por um tradutor, talvez o texto tivesse ficado bom, mas talvez, talvez, faltasse o conhecimento técnico. Você precisa das 2 coisas para ser um bom tradutor.

Mas e como se adquire esse conhecimento, além desse da língua? Você sabe bem o inglês, sabe bem o português, e aí, como eu posso traduzir um texto de medicina?

Então, por isso eu falei que a Clarice seria um ótimo contato [risos], porque foi o percurso dela. O meu percurso foi o oposto, eu fui aprender a traduzir, tendo bagagem técnica, mas pode fazer o percurso oposto, aprender o técnico tendo origem como tradutor. Eu não sei! Lendo, tendo contato... eu não sei, eu realmente não sei te dizer como fazer isso com um curso. Eu não sei. Eu sei como as pessoas chegaram aqui, ou vindo de um lado ou de outro. Ou tendo a formação técnica e aprendendo a traduzir, ou sabendo traduzir tendo formação teórica em tradução, e ganhando bagagem técnica ao longo do percurso, mas a Clarice mesmo disse que o

primeiro trabalho dela, ela tem vergonha de olhar, de tão ruim que estava, de tanta bobagem. E não tem muito como! É uma coisa muito prática, tanto a tradução quanto a interpretação. Precisa muita prática, e isso novamente, eu acho que falta nos cursos de Tradução de forma geral. É muita mão na massa, colocar a mão na massa, e ver traduções, comparar originais com traduções, de várias áreas, não dá para se ater à tradução literária, que é a ênfase normalmente nos cursos de tradução, e é a menor parcela da tradução no mercado de trabalho, e é a mais mal paga.

Engraçado que não é o que parece, para os alunos.

Para os alunos de tradução, justamente porque eles não têm uma orientação do que é o mercado de trabalho. Dos alunos de Letras, de forma geral. Eles não sabem o que é o mercado de trabalho. Eu vi bem isso durante o curso de Introdução aos Estudos Tradutológicos [risos]... ô nome grande!

O que você notou?

Eles não fazem ideia do que é o mercado de trabalho de tradução. Não fazem! Eles acham que o mercado de tradução é literário, e não é. A menor parte do mercado é literário. E eles acham várias coisas, de como seria a postura, o papel do tradutor no processo de tradução, que eles acham que no literário tem um poder de decisão maior do que tem na verdade, porque na técnica tem um poder de decisão maior. No máximo, é na juramentada, que seu nome vai lá embaixo, com seu carimbo, então é totalmente autoral, você tem total direito sobre o que está escrito em valor de lei, daquilo que está escrito. Valor de tabelião.

Isso é interessante... quando você entrega para o cliente, vai o seu nome na tradução ou vai Agência P?

Às vezes nenhum nem outro, porque dependendo do que é o trabalho, o cliente vai usar aquele... ele está comprando o meu trabalho, entreguei o trabalho para ele, é dele! Não é mais meu.

E isso não te traz preocupação?

Se não estiver meu nome embaixo? Não. Ele pode fazer o que ele quiser com aquele texto. É dele, ele comprou! Ele comprou um serviço, de escrever um texto, de reescrever um texto em uma outra língua.

Então você não se sente autora?

Não é tão autoral esse trabalho. Dependendo do trabalho, que vai o meu nome, aí a história muda, e aí eu até peço para ver depois o trabalho gráfico, e ver se não tem...

porque às vezes quando passa para pdf, ou sei lá que programas eles usam na parte gráfica, acontece muito erro ortográfico, de juntar duas palavras, ou comer letra, ou virar acento grave onde é agudo...

Mas o cliente aceita isso numa boa?

Quando eu ponho meu nome... os clientes que são para coisas gráficas, sim. Eles até agradecem o fato da gente estar revisando a publicação final, porque para eles também, uma palavra que está junta, também é o nome deles, não é só o meu [risos]. E o trabalho literário, você normalmente tem mais 2 seguidores depois, então não é só seu. Apesar de aparecer lá o nome – também não são todos, né? Hoje aparece o nome escrito, porque é lei sair o nome do tradutor. Mas aí é mais complicado você pedir para revisar depois de editorar e de formatar para a gráfica, mas eu não tenho muito... então, e às vezes, dependendo do trabalho, se ele é feito por muitas mãos, para uma publicação, vai Agência P. Mas muito do que a gente faz não vai o nome de nada, não vai nem ser publicado. É muito material para uso interno, materiais vários e que não vai o nome, por exemplo, de alguns clientes que a gente têm, da Embraer por exemplo, é de uso interno deles, não é nem para o *site* deles, é para a Intranet deles. Então não tem nem porque ter o nome de quem está traduzindo e da empresa que está traduzindo, que é a gente. E outras empresas também, a mesma coisa. Tem muito trabalho de empresas, que também é uma coisa que o pessoal dos cursos não têm ideia, não mencionaram e eu também não mencionei... todo curso eu acho que tem muito pouca troca, né? Não é só na Usp, em qualquer curso.

Você não falou que é dona de agência? Eles não ficaram curiosos?

Não, não tinha abertura para isso. As pessoas já ficam olhando quando você faz comentários e questiona o que está sendo ministrado. Não vou ficar me expondo. A outra coisa é que a academia vê com muito mal olhos o mundo do trabalho. Muito mal olhos. Eu sou duplamente odiada, né? [risos] Eu tenho uma empresa, e sou uma tradutora [risos]. Faço duas coisas que no mundo da Letras é... em Linguística a gente é um problema, né? Por que como explicar a tradução se não pode ter passagem de uma língua para outra? Isso é um tabu. Passar de um idioma para outro é um tabu para a Linguística. Teoricamente não tem, porque não tem equivalentes, então não pode ter tradução. Mas existe tradução. Aliás, existe tradução bem antes de existir Linguística. Bem antes da escrita, porque a interpretação já existia. As pessoas tinham contato, falavam línguas diferentes, tinha

alguém que passava de uma língua para outra. Assim como a prostituição, que também não é muito bem vista [risos]. As prostitutas já estavam lá na Antiguidade. Nós e as prostitutas. E cobrar pelo trabalho também na academia parece que... exigir um valor justo por seu trabalho é uma coisa...

Você já pensou em escrever sobre seu trabalho, sobre a sua experiência? Algum artigo, agora que você está na academia?

Não, nunca tinha pensado.

Porque você tem bastante coisa para falar.

Desde que eu entrei lá, eu ainda não achei como... eu gostaria muito de... eu entrei por causa do estudo acadêmico, não porque isso vá influenciar muito no meu trabalho no mundo vil, que gosta de dinheiro [risos], que gosta de ganhar dinheiro, de sobreviver, de pagar conta, essas coisas mundanas [risos]. Nesse mundo sacerdócio da academia [risos]. Mas até agora, eu fico olhando lá, não sei onde eu poderia me encaixar, em que linha de pesquisa, em que tipo de... eu gostaria que houvesse algo prático. Eu gostaria de pesquisar realmente na parte prática. A única pessoa, que na verdade... ele não é de lá, ele é temporário lá, que me deu um vislumbre de alguma coisa que pode ser feita na área de Interpretação mais especificamente, não sei se você conhece, é o professor.... Ele não é daqui do Brasil, mas ele é casado com uma professora brasileira da Linguística, eu não sei o nome... ele fica aqui 6 meses só por ano. E a pesquisa dele é com fonética experimental, com fonologia, e ele trabalha com macacos, então ele também deve ser ‘mal visto’; ah é, esqueci disso, além de tudo eu sou bióloga, mais um motivo para eu ser odiada!

É mesmo?

Ô, na Letras, na Linguística principalmente. Não sei por que. Ninguém nem sabe que eu sou bióloga, mas desde que estou lá eu ouço que os biólogos se acham os donos da verdade, e acham que só Biológicas e Exatas são ciências.

Ah sim, tem uma rixa! [risos].

Uma rixa unilateral, porque eu nunca achei isso quando eu estava do lado de lá. Não, inclusive a gente faz matéria na História.

Eu sei porque meu irmão fez Física e ele tem essa coisa de que as Ciências Humanas não sabe escrever artigo, não sabe escrever trabalho. Biológicas realmente eu não sei se existe essa rixa por parte de vocês, mas eu sei que as

Exatas e as Humanas têm mesmo. Mas é mais uma brincadeira, nunca senti que era uma coisa tão...

Acho que tem muito... eu não sei, acho que é totalmente da minha cabeça, mas é uma verdade. Não sei se é pelo fato de hoje em dia ter muito mais bolsas, muito mais auxílio e muito mais investimento nas áreas biológicas, e isso cria um ciúme generalizado nos outros institutos...

Eu vou desligar porque agora estamos falando de outras coisas.

[depois que ela checou com o sócio sobre o valor] **Então fala direitinho novamente o valor.**

Pago ao tradutor, de R$ 20 a R$ 30 por lauda, dependendo do par de idiomas, do tipo de texto.

Mas o mínimo é R$ 20?

O mínimo é R$ 20 quando é um texto inglês para o português, espanhol para o português, e que o trabalho vai ter revisão também depois. Porque daí você também tem que pagar o revisor. Então paga um pouco menos porque daí vai ter uns R$ 5 para a revisão.

E eu esqueci de perguntar isso antes – o volume de trabalho de vocês é grande? Diariamente vocês têm trabalho?

Sim. Janeiro, por exemplo, não. Janeiro é um mês que a gente tem vários dias para fazer outras coisas, inclusive reorganizar a empresa, ver o que precisa fazer e tal. Mas ao longo do ano, nos últimos anos, não posso reclamar. No final de 2008 e 2009... primeiro semestre de 2009 foi bem ruim, mas acho que foi para todo mundo, que foi pós-crise de 2008, principalmente na área de tradução, mas depois disso voltou ao normal, a gente tem um volume bom de trabalho, mesmo com interpretação a gente trabalha... quase todas as semanas do ano eu trabalho com interpretação. Pelo menos um dia da semana. Uma média de 2 dias por semana ao longo do ano. Tem bastante. Dois dias por semana significa que tem semana que eu trabalho três, tem semana que eu trabalho uma, e tem semana... em Janeiro não trabalhei nenhuma, em Fevereiro não trabalhei nenhuma. Dois meses que eu não tive interpretação. Esses últimos Janeiro e Fevereiro eu não tive mesmo, nenhum dia. Mentira, tive um dia [risos]. Mas minhas sócias tiveram alguns dias, e são os meses mais fracos do ano. O resto do ano a gente tem... toda semana tem trabalho.

Tradutor 4 – respostas por e-mail

Fale um pouco sobre sua experiência como tradutor(a). Como foi sua experiência com agências? Você trabalhou como tradutor(a) interno(a) ou free-lancer? Teve alguma outra função, além de tradutor(a)?

Eu sempre trabalhei como *free-lancer* e nunca tive nenhuma outra função, a não ser que revisão conte. Já fiz algumas revisões.

Em relação à(s) agência(s), você recebe um salário fixo ou por produção?

Sempre por produção.

Você faz pausas? Quantas e de quanto tempo?

Por conta própria estou fazendo minha primeira pausa, por tempo indeterminado, mas não pretendo passar de um mês.

A quem você recorre quando tem uma dúvida, ou durante algum problema na tradução? Quais são as suas ferramentas de trabalho?

Ao Kudoz do ProZ e ao grupo de tradutores do Yahoo. De vez em quando uso o Google Tradutor e o Babylon.

Quantas laudas em média você consegue traduzir por dia?

Uma média de 8 por dia, mas depende do texto.

Você utiliza alguma técnica, ou algum tipo de procedimento que aprendeu em curso, faculdade ou em outro lugar? Qual?

Não. Fiz curso de biologia, nunca fiz curso específico de tradução.

O que é necessário para ser um tradutor de agência?

Não sei responder, elas me encontraram não sei como, talvez por eu ter deixado curriculum em locais como ProZ.

Dentre todas as traduções que você faz diariamente, qual é a porcentagem de traduções que você faz com e sem memórias de tradução?

Não uso memórias de tradução, mas gostaria muito de aprender a usá-las.

Você está satisfeito(a) com sua profissão?

Sim, mas gostaria de ter mais trabalho, às vezes fico muito tempo sem trabalho.

Qual é a diferença entre o trabalho em uma agência e em uma editora?

Os trabalhos para editoras geralmente são grandes (livros) e para agências nem sempre. Trabalho para uma agência na Holanda; ela envia trabalhos curtos, mas a constância é maior.

Você lê teoria de tradução? Você acredita que alguma pesquisa poderia ser feita para contribuir com seu trabalho? Se sim, qual?

Nunca li nada sobre teoria. Não tenho ideia sobre o tipo de pesquisa que é feita, portanto não sei o que poderia ajudar.

(Caso tenha formação acadêmica em Letras ou Tradução) Você considera que foi devidamente preparado(a) na Graduação para o trabalho na agência? Por que (não)?

Não tenho formação em Letras ou Tradução.

Quanto você recebe por lauda traduzida (de agência e/ou editora)? E o que acha da remuneração?

Varia muito, geralmente acho que pagam bem. O último trabalho que fiz está pagando por página e gostei muito de fazer, um livro sobre vinho. E ainda estão pagando porque minha irmã está revisando o trabalho.

Tradutor 5 – respostas por e-mail

Fale um pouco sobre sua experiência como tradutor(a).

Minha primeira experiência profissional foi como auxiliar técnico em eletrônica. Trabalhava na eletrônica de um tio meu. Eu aprendi a fazer pequenos reparos em rádios e TVs. Depois disso fiz um curso prático de manutenção de rádio e TV e consegui um trabalho na Semp Toshiba (aos 15 anos de idade). Em 1990, aos 16, fui trabalhar como técnico, numa empresa de montagem e manutenção de microcomputadores. Nessa época, fiz vestibulinho e entrei na Escola Técnica Federal de São Paulo, no curso de eletrônica. Em 1992, fui trabalhar como técnico de informática numa empresa de traduções. Este foi meu primeiro contato com a área. Eu era responsável pela instalação e manutenção de computadores e programas, configuração, formatação e impressão de documentos (traduções). Nessa época, estavam começando a sair as primeiras traduções por computador e as primeiras com impressão a laser.

Como eu tinha muita facilidade com computadores, tinha um bom português e gostava muito de inglês, não demorou muito tempo e comecei a fazer pequenas transcrições e traduções “fáceis” (p.ex. certidões de nascimento, carteiras de habilitação, pequenas cartas). Com o passar do tempo, fui tendo maior confiança e fazendo traduções cada vez mais complexas. Comecei a estudar inglês por conta própria e cheguei a cursar um semestre na Cultura Inglesa.

A maior parte da minha experiência, entretanto, vinha da prática da transcrição e implementação de correções. (As correções de outros tradutores eram feitas em papel por um tradutor experiente e eu passava para o computador).

Trabalhei 4 anos nessa empresa e, já mais experiente, saí de lá para uma empresa maior. Em 1998, prestei o concurso para tradutor juramentado pela JUCESP e fui aprovado.

Continuei na empresa até 2000 e depois abri a Agência M, onde estou até hoje.

Em 2000, fiz Fuvest e ingressei na USP no curso de Letras Português-Inglês. Por problemas de saúde do meu filho recém-nascido, em 2003 tranquei matrícula. Ano passado, por ter vencido o prazo para retorno ao curso, tive de fazer novamente Fuvest para retomar o curso. Este ano faço aproveitamento de estudos para retomar o currículo a partir do 6º semestre. Pretendo fazer mestrado, como você, e talvez um doutorado, mas ainda não pensei direito em que área. Estou mais focado agora em concluir a graduação.

Na minha empresa, reviso pessoalmente todos os trabalhos de inglês, tiro dúvidas dos meus colaboradores, e sou o responsável, em última instância, pela qualidade de todos os trabalhos.

Como foi sua experiência com agências? Você trabalhou como tradutor(a) interno(a) ou free-lancer? Teve alguma outra função, além de tradutor(a)?

Trabalhei apenas como tradutor interno. Na agência em que eu trabalhava, havia “estágios” em que a pessoa apenas conferia (“revisava”) trabalhos dos outros.

Em relação à(s) agência(s), você recebe um salário fixo ou por produção?

Na época, era por produção. Agora como a empresa é minha, para os "tradutores juniores”, pago fixo + comissão. Para os "tradutores plenos”, apenas comissão.

Você faz pausas? Quantas e de quanto tempo?

Normalmente faço de alguns minutos a cada hora, mas não sou radical quanto a isso. Às vezes passo 2 horas sem levantar da cadeira... às vezes levanto 2 vezes em uma hora.

A quem você recorre quando tem uma dúvida, ou durante algum problema na tradução? Quais são as suas ferramentas de trabalho?

Em primeiro lugar faço pesquisa pela Internet (Google). Em casos extremos, consulto algum especialista conhecido, ou até o próprio cliente. Se ainda assim não esclareço a dúvida, consulto dois tradutores de minha confiança e depois disso decido seguindo o melhor do meu conhecimento.

Quantas laudas (de quantas palavras) em média você consegue traduzir por dia?

5000 palavras aproximadamente no caso de um texto que domine bem.

Você utiliza alguma técnica, ou algum tipo de procedimento que aprendeu em curso, faculdade ou em outro lugar? Qual?

Não. Na verdade, as minhas técnicas foram desenvolvidas com o passar dos anos no meu aprendizado pessoal mesmo. É um conjunto de pequenas soluções para problemas recorrentes nos documentos que traduzo e um apanhado daquilo que vou aprendendo durante o trabalho.

O que é necessário para ser um tradutor de agência?

Além do bom domínio de ambos os idiomas, habilidade na digitação, amplo conhecimento geral, e conhecimentos específicos da área, organização, disponibilidade para longas jornadas, inclusive em finais de semana e feriados.

Dentre todas as traduções que você faz diariamente, qual é a porcentagem de traduções que você faz com memórias de tradução?

80%

Você está satisfeito(a) com sua profissão?

Sim

Qual é a diferença entre o trabalho em uma agência e em uma editora?

Nunca trabalhei com editoras, mas acredito que seja basicamente o tipo de tradução. Para editoras, a tradução é um trabalho mais artístico. Para a agência, trata-se de um trabalho mais funcional.

Você lê teoria de tradução? Você acredita que alguma pesquisa acadêmica poderia ser feita para contribuir com seu trabalho? Se sim, sobre que foco?

Tenho lido recentemente. Acredito que alguma pesquisa na área de equivalências dos sistemas organizacionais dos diversos países. Seria uma espécie de análise comparativa de como cada país organiza a sua sociedade nos vários aspectos (política, educação, negócios, cidadania, documentação, hábitos e costumes, registro civil, organização social, organização do conhecimento, etc.)

(*Caso tenha formação acadêmica em Letras ou Tradução*) Você considera que foi devidamente preparado(a) na Graduação para o trabalho na agência? Por que (não)?

Ainda estou cursando a graduação. Não acredito que a maioria dos cursos universitários realmente prepare para o mercado de trabalho. Ele lhe dá apenas os

instrumentos básicos e indica o caminho a seguir. A prática só vem com o tempo e esforço.

(*Caso não tenha formação acadêmica em Letras ou Tradução*) Você acha que a formação acadêmica nessa área poderia ter feito alguma diferença em seu trabalho na agência hoje? Por quê (não)?

A formação acadêmica, no meu caso, faz mais diferença na hora de eu me candidatar a um projeto de grande porte. O público leigo (muitas vezes o próprio cliente) dá muito valor a um currículo com títulos acadêmicos vistosos. É complicado explicar a um cliente potencial que você vive de traduções em tempo integral há 18 anos, porém não tem formação superior. Hoje, o tradutor não formado (principalmente se for autônomo) fica restrito às agências.

Quanto você recebe por lauda traduzida (de agência e/ou editora)? E o que acha da remuneração?

Acho que aqui seria o caso de dizer quanto eu pago por lauda. Se o trabalho não necessitar de revisão, pago até R$ 15 por lauda, dependendo de vários fatores.

Não acho a remuneração ideal, mas está acima dos valores médios do mercado. Conheço pessoas que cobram esse valor do cliente direto, e pagam R$9 ao tradutor e – acredite – tem tradutor que faz. Claro que são traduções mal feitas, mas o cliente muitas vezes não tem condições de julgar, e só vai descobrir isso mais tarde.

Tradutor 6 – respostas por e-mail

Fale um pouco sobre sua experiência como tradutor(a).

Ao completarmos o primeiro grau, minha irmã e eu resolvemos fazer um segundo grau técnico e escolhemos, meio por acaso, o Curso de Secretariado da Escola de Comércio Álvares Penteado. Ao mesmo tempo, aprendia inglês no Yazigi. Ao terminar o curso técnico, já havia me decido a estudar Letras e prestei o vestibular da FUVEST. Precisava estudar à noite, pois a esta altura já trabalhava como secretária durante o dia, e, embora tenha passado no vestibular, fiquei com a segunda opção, na época, a Faculdade Padre Manoel da Nóbrega, que depois se juntou à Faculdade Anhembi-Morumbi.

Entrei para a Faculdade de Letras (Inglês/Português) aos 18 anos, em 1980. A faculdade oferecia, além da Licenciatura Plena, um Bacharelado em Tradução e Interpretação e resolvi fazer os dois cursos ao mesmo tempo. Formada, já tinha me apaixonado por Tradução, e fui cursar o único curso de Tradução que encontrei na

época, na Faculdade Ibero-Americanas. O curso, de um ano, foi maravilhoso e, ao apresentar o trabalho de conclusão, fui convidada pela Faculdade para dar aulas no curso de Tradutores e Intérpretes, o que fiz por quase quatro anos, sempre trabalhando durante o dia, como secretária. Na Ibero-Americana, lecionei Tradução Comentada, Teoria da Literatura, Literatura Brasileira, Língua Portuguesa, Redação e Sociolinguística. Lecionei também Tradução Comentada no curso de Secretariado Bilíngue da Faculdade Anhembi-Morumbi.

Logo depois de formada, conheci, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB), a correspondência do escritor brasileiro João Guimarães Rosa com seus tradutores para vários idiomas e trabalhei voluntariamente na organização do Acerto do escritor no IEB, tendo, por um ano, uma bolsa de Iniciação em Pesquisa da FAPESP. Candidatei-me na USP a uma vaga na pós-graduação na Faculdade de Letras, mas o processo de seleção era apenas uma entrevista com o Professor Orientador e, naquela ocasião, ele escolheu outro candidato. Uma ex-professora da graduação e colega no IEB foi lecionar na UNESP, em Araraquara, e me falou do curso de pós-graduação de lá. Prestei concurso e ingressei na pós da UNESP. Deixei de trabalhar como secretária e como professora durante a pós, recebendo bolsa de dedicação exclusiva do CAPES. Em 1994 recebi o título de Mestre em Teoria da Literatura, tendo feito o meu trabalho dissertativo sobre a correspondência entre Guimarães Rosa e sua tradutora para o inglês.

Terminada a pós-graduação, voltei a trabalhar como secretária e não voltei a lecionar. Como secretária, fiz carreira em multinacionais de grande porte (Seagram, Rayovac, Nestlé), até chegar onde me encontro há dez anos, como Assistente Executiva para o Presidente da importadora Aurora.

Faço traduções quase que diariamente na minha rotina de trabalho como secretária/assistente executiva, mas comecei a traduzir comercialmente em setembro de 2011, quando meu marido, que era tradutor e tinha a sua própria empresa (Agência T) faleceu. De lá para cá, trabalho ativamente com outros dois tradutores (um uruguaio e um argentino), à noite e nos finais de semana, mantendo, basicamente, a mesma carteira de clientes do meu marido (entre os clientes regulares, algumas agências de publicidade, uma editora, uma multinacional do ramo de papel e celulose, uma importadora de máquinas e equipamentos e a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República).

Como foi sua experiência com agências? Você trabalhou como tradutor(a) interno(a) ou free-lancer? Teve alguma outra função, além de tradutor(a)?

Nunca trabalhei como tradutor para agências de tradução, além da minha própria.

Em relação à(s) agência(s), você recebe um salário fixo ou por produção?

Recebo um pró-labore mensal para dirigir a Agência T e recebo todo o lucro da empresa.

Você faz pausas? Quantas e de quanto tempo?

Trabalho quase todas as noites e finais de semana. Interrompo o trabalho vários vezes (para comer, tomar banho, atender ao telefone, atender a um filho de 12 anos). Quando estou só e não sou interrompida, trabalho muitas horas sem pausa, parando apenas quando o pescoço começa a dar sinais de cansaço.

A quem você recorre quando tem uma dúvida, ou durante algum problema na tradução? Quais são as suas ferramentas de trabalho?

Recorro a dicionários on-line, e a pesquisas na internet, basicamente. Como nossos clientes são regulares, consulto muitas vezes os trabalhos realizados para estes clientes nos últimos cinco anos, para manutenção do mesmo vocabulário, jargão, etc.

Quantas laudas (de quantas palavras) em média você consegue traduzir por dia?

Isto varia imensamente. Trabalhei este sábado e domingo (com muitas interrupções no sábado e nenhuma no domingo) e traduzi pouco mais de 40 laudas (1.000 caracteres sem os espaços) para a Secretaria de Comunicação da Presidência da República. Mas há dias em que consigo traduzir apenas duas, três laudas, dependendo do nível de dificuldade (e principalmente de qualidade) do texto original. Traduções de manuais de operação de máquinas escritos na China (em “Chinenglish”), por exemplo, progridem muito lentamente.

Você utiliza alguma técnica, ou algum tipo de procedimento que aprendeu em curso, faculdade ou em outro lugar? Qual?

Traduzo sempre da mesma forma e, portanto, sigo uma técnica pessoal. Mas não acho que a aprendi nos cursos de tradução, pois naquela época não existia a internet, que é essencial na forma como traduzo hoje.

O que é necessário para ser um tradutor de agência?

Acho que para se fazer uma boa tradução, de qualquer espécie, é preciso domínio absoluto do idioma de chegada e domínio, no mínimo, muito bom do idioma de partida.

Dentre todas as traduções que você faz diariamente, qual é a porcentagem de traduções que você faz com memórias de tradução?

Tenho o WORDFAST instalado no nosso computador e um grande banco de dados de traduções já realizadas pela empresa, mas não o utilizo.

Você está satisfeito(a) com sua profissão?

Traduzir é tudo o que eu sempre quis fazer profissionalmente. Infelizmente, só consegui realizar este sonho por vias tortas: como secretária e como uma segunda atividade profissional. Continuo sonhando em me aposentar um dia, como secretária, e passar a me dedicar apenas à tradução.

Qual é a diferença entre o trabalho em uma agência e em uma editora?

Nunca trabalhei em uma editora. Mas realizo trabalhos frequentes para uma editora e a considero um dos meus melhores clientes por causa de diversidade dos assuntos e do nível do material a ser traduzido.

Você lê teoria de tradução? Você acredita que alguma pesquisa acadêmica poderia ser feita para contribuir com seu trabalho? Se sim, sobre que foco?

Desde o Mestrado deixei de ler sobre teoria da tradução. Quanto à pesquisa acadêmica, como estou completamente afastada do que se tem feito nos últimos anos em relação à tradução, não tenho uma opinião formada. Mas imagino que sim, que a pesquisa acadêmica possa contribuir para o trabalho do tradutor, na medida em que se aliar aos avanços tecnológicos, com o intuito de melhorarem a qualidade da tradução assistida eletronicamente.

(*Caso tenha formação acadêmica em Letras ou Tradução*) Você considera que foi devidamente preparado(a) na Graduação para o trabalho na agência? Por que (não)?

Não, o que aprendi na escola não foi suficiente, embora toda a minha vida acadêmica tenha sido voltada para o estudo da tradução. Nem mesmo toda a minha experiência de 30 anos como tradutora me preparou devidamente para o trabalho que faço agora na Agência T. Quando termino um trabalho e ele me satisfaz completamente, sinto que não poderia tê-lo realizado sem o conhecimento dos dois idiomas que acumulei durante toda a minha vida e sem as experiências anteriores de tradução que vivi. E, quando faço a revisão das traduções realizadas pelos outros

dois tradutores da Agência T, sinto mais intensamente ainda esta sensação de que a experiência deles é o principal ingrediente do alto nível que as traduções deles atingem. Somos tradutores com mais de cinquenta anos, a maior parte deles dedicada ao estudo, à prática, ao convívio com os idiomas com que trabalhamos. Cada um, em sua área, acumulou experiência como executivo e como estudante/professor. Acho que o que estou tentando dizer é que (modéstia à parte) o que mais contribui para a qualidade do nosso trabalho como tradutores é a nossa cultura geral e a nossa experiência. Isto não é ensinado na escola. Isto se aprende na escola da vida...

Quanto você recebe por lauda traduzida (de agência e/ou editora)? E o que acha da remuneração?

A Arte Comercial recebe R$ 25,00 por lauda de tradução. Por lauda entendemos 1.000 caracteres de texto original, sem contar os espaços. Acho a remuneração bastante satisfatória e, para os clientes regulares, concedemos desconto (em função da quantidade, regularidade, condições de pagamento), chegando, em alguns casos a cobrar apenas R$ 20,00 por lauda.

Tradutor 7 - Entrevista

Qual é a diferença entre Agência e Cooperativa?

Uma cooperativa é uma associação de tradutores onde todos os tradutores são donos da empresa. Então não existe hierarquia. Então todos têm os mesmos direitos, os mesmos deveres. Todos são responsáveis pelo resultado da empresa, entende? Essa é que é a maior diferença. Então na cooperativa... no nosso caso, por exemplo, a gente procura captar serviço para nossos cooperados. A gente não tá repassando para pessoas de fora. E também a gente não cobra nada em cima do trabalho dos outros, então, por exemplo, o que o tradutor... o que a gente... do que a gente cobra do cliente, a gente retira uma taxa apenas que é para as despesas operacionais da empresa, né? Então, pagar aluguel, pagar secretária, telefone. E o restante é dividido entre os... tudo para os cooperados. Na proporção do trabalho de cada um, quer dizer, quem trabalha mais vai ganhar mais, quem trabalha menos vai ganhar menos. E as decisões são tomadas em assembleia. Decisões importantes são tomadas sempre pela maioria. Todo mundo tem direito a um voto. Então não existe uma hierarquia lá dentro. Ninguém manda em ninguém. São todos

profissionais autônomos, independentes, podem trabalhar para quem quiser, mas essa empresa é deles. Todos são donos. Então essa é a maior diferença.

E vocês são quantos, ao todo?

Hoje a gente está por volta de 40 cooperados. Quarenta tradutores. A maioria de inglês, né? Tem uma turminha de espanhol, temos de alemão, temos de italiano, temos até de russo e hebraico.

E todos trabalhando internamente?

Todos trabalham para a Cooperativa A, mas cada um em sua casa. A gente tem esse escritório aqui, onde fica a secretária para atender os clientes, para cuidar de pagamento e tal, mas os tradutores trabalham em casa. Mas a gente está... todos ligados em rede, pela Internet e tal, a gente tem muita troca de informações e colaboração também, tem trabalhos que nós fazemos em grupo. Cada um em sua casa, mas tem um coordenador e as pessoas ficam em contato umas com as outras durante todo o trabalho.

Então aqui mesmo, neste prédio, os tradutores não ficam?

Nós temos uma salinha pequena, né? Mais ou menos o tamanho desta aqui. Fica só a nossa secretária e uma estagiária. E os diretores vêm de vez em quando, né? Cada vez tem um diretor ou outro. O conselho fiscal também de vez em quando se reúne, mas é uma vez por mês. O conselho fiscal é o que fiscaliza tudo. Todas os atos da cooperativa. Todos os pagamentos, fiscaliza tudo. E tem uma diretoria composta pelo presidente, tem o diretor de produção que sou eu, agora, tem o diretor comercial e um administrativo financeiro. E nós temos um mandato de 3 anos. A cada 3 anos tem que mudar a diretoria. Então os diretores são eleitos em assembleia.

Então quem vota são os próprios...

Os próprios associados que votam, que participam da diretoria e dos conselhos.

Então é uma empresa registrada, bem organizada.

Registrada, tudo certinho. É a primeira cooperativa de tradutores do Brasil. A gente fundou em 98. Nós já temos 14 anos no mercado.

E você sabe se agora já tem muitas outras?

Não, eu não sei. Outro dia eu ouvi... não sei onde eu ouvi... na Internet, alguma coisa, sobre uma outra cooperativa de tradutores, mas eu não conheço.

E vocês... não sei se você sabe disso, mas, vocês utilizam algum sistema em comum para tradução, ou cada um utiliza o que for mais conveniente?

Não. A gente utiliza uma ferramenta de tradução, né? Chamada Wordfast. Você deve conhecer. Todos os tradutores têm que ter esse programa.

Tá. Então vocês devem ter registro para empresa.

Isso. A gente tem a memória de todos os trabalhos.

Então todos trabalham com o Wordfast. Trados, não.

Não. A gente escolheu o Wordfast porque é mais em conta, né? O Trados é muito caro! Então para quem está começando, fica muito pesado. E acostumamos com ele, e estamos com ele até hoje.

Todos utilizam o Wordfast?

Todos utilizam o Wordfast. De vez em quando a gente dá cursos, treinamentos para o pessoal, principalmente para aqueles que vão entrando. Às vezes também a gente dá uns cursinhos de reciclagem para os outros.

Então o treinamento é para o pessoal interno?

Interno!

Vocês não dão treinamento para alunos ou futuros tradutores?

É... a gente chegou a dar um vez... a gente abriu o cursinho de... mas foi uma vez só. Já faz bastante tempo isso... na época, até a gente usava... foi bem no comecinho da cooperativa, a gente usava até outro programa que chamava LDLX. É a mesma coisa que o Trados, que o Wordfast. Mas depois quando foi entrando mais gente, mais gente, mais gente, o programa era um pouco mais em conta, então nós mudamos para o Wordfast. Mas eu cheguei a dar treinamento de LDLX para pessoas de fora também.

Os tradutores daqui têm formação em Tradução?

Alguns têm. Tem uma turminha formada em Letras. Tem alguns formados em Tradução mesmo. Mas tem muitos que não são formados em Tradução, mas muitos que fizeram pós-graduação me Tradução, que é meu caso, por exemplo. Eu sou da área Médica. Não sou médica, fui paramédica, mas eu acabei fazendo um curso na Usp de pós em Tradução. E tem muitos colegas na mesma situação que eu. Tem uns engenheiros. Tem um pessoal da área jurídica. Então nosso trabalho, quando a gente recebe um trabalho de um cliente... eu tento distribuir de acordo com o perfil, né? Do trabalho e do tradutor. Se é um trabalho na área de engenharia, preferencialmente vai para os engenheiros. Se é um trabalho de medicina, vai para aquela turminha de medicina; se é texto jornalístico, vai para o pessoal de Letras. Então é assim que a gente faz.

É você que faz essa distribuição?

É... sou eu, mas assim, nós temos um regimento interno. Nós temos as nossas regras escritas, então nós temos que seguir aquelas regras. Lógico, o regimento interno foi eleito por nós mesmos, mas são as nossas regras e a gente tem que seguir, então, eu distribuo, mas de acordo com esses critérios nossos, que são vários, não é só esse. Tem, por exemplo, um dos critérios é quem trouxe o cliente. Se um cooperado traz o cliente dele para a Cooperativa, ele sempre vai ter preferência em atender aquele cliente, né? Porque o cliente era, entre aspas, "dele". Aí ele pode formar um grupo, ele pode ajudar a escolher o pessoal para trabalhar com ele. E é assim que a gente faz... então tem esse critérios de quem trouxe o cliente, tem o critério da área mesmo, do assunto, e tem vários critérios, por exemplo, de quem tá mais com serviço, a gente procura fazer um rodízio também, né? E também tem o critério da qualidade, que é... já é uma coisa natural mesmo. As pessoas que fazem um trabalho melhor acabam sendo mais procuradas, né? É natural, né?

Então vocês têm um Controle de Qualidade também?

Ah temos, nossa! Porque o que a gente preza pela qualidade é impressionante, nós temos um sistema de trabalho que acaba sendo muito trabalhoso, mas justamente para garantir a qualidade. Então quando a gente pega um trabalho grande, e esse trabalho é distribuído para o grupo, dependendo do tipo de trabalho, do prazo que o cliente precisa, a gente divide, forma um grupo, e esse grupo tem que ter um coordenador. Então o coordenador é que analisa o serviço, faz essa distribuição, de acordo com a disponibilidade de cada um, né? Do grupo. E aí eles começam a traduzir, e aí eles montam um glossário, enquanto eles estão traduzindo, eles vão mandando... cada tradutor está mandando os termos para o coordenador, os termos técnicos, né? Que são importantes e tem que padronizar. E aí o coordenador vai vendo como está o glossário, e vai "batendo o martelo" sobre as definições de traduções, tal, e as pessoas têm que usar tudo na mesma tradução. Quer dizer, enquanto o trabalho está sendo feito, eles vão discutindo e vão adequando. Quem dá a palavra final é o coordenador. Depois o coordenador junta... ah, e as pessoas vão fazendo revisão cruzada. Um colega revisa o do outro. Depois, no final, o coordenador pega, junta tudo, todas as partes, e lê tudo, de "cabo a rabo". Quer dizer, ainda pode pegar alguma coisa... na verdade são feitas 2 revisões, e fora toda

a discussão durante o processo, então é tudo feito para garantir a qualidade. A gente faz questão, a gente preza muito pela qualidade.

Então os tradutores também são revisores. Não tem só revisores?

Não, nós não temos só revisores. Porque quando a gente divide um trabalho, eu acho interessante fazer a revisão cruzada, porque nós estamos traduzindo sobre o mesmo assunto, né? Porque ele traduz uma parte e eu outra, mas o assunto é o mesmo, os termos são os mesmos, então a gente acaba discutindo, quer dizer, eu acho que é uma coisa que pode enriquecer mais, né? Mas... a gente adota esse critério e não chegamos... já pensamos até em ter uma pessoa só para revisar... mas aí parece que não tem tanta interação assim. E no final, o coordenador vai ler tudo mesmo, né?

E quando é um trabalho para uma pessoa?

Então, quando é um trabalho para um pessoa, um trabalho pequeno, a gente passa para essa pessoa e escolhe um revisor para ela. Não sai nada sem revisão. Nada!

E aí esse revisor seria o responsável pelo Controle de Qualidade?

É... é... normalmente é o revisor... ele coordena e revisa ao mesmo tempo, que é mais prático, né? Você faz, eu reviso. Já que eu revisei... depois que eu revisei, eu te devolvo o trabalho, para você ver o que eu alterei. A gente faz com marca de revisão, tal. Aí o próprio tradutor vai analisar o que o colega corrigiu ou sugeriu, tá? Porque a gente corrige o que a gente acha que está errado, mas às vezes a gente vê que o termo não está muito adequado, mas não está errado, a gente coloca uma sugestão ao lado para o tradutor decidir. E o tradutor, na hora que pega o trabalho revisado, vai analisar as alterações que o revisor fez e vai aceitar ou não.

Então esse trabalho volta para o tradutor.

Volta para o tradutor.

Então são várias etapas...

Ele aceita ou não. Ele limpa o trabalho. Depois que estiver tudo pronto, limpinho, aí é que vai para o coordenador.

Então o coordenador é o final de tudo...

É o final.

E isso não influencia na questão do prazo? Porque os prazos geralmente são ínfimos.

Isso não influencia tanto na questão do prazo, mas mais na questão da produtividade, porque acaba sendo um trabalho caro para quem vai... são várias

etapas, né? Mas para ter qualidade, tem que ter... não dá para ser uma coisa muito rápida. No prazo não influencia tanto, porque a gente divide o trabalho, conforme o prazo. Então, se o prazo é muito curto, às vezes a gente tem que dividir para mais pessoas. Se o prazo é mais folgado, dá pra pôr menos gente no grupo.

E quem determina o prazo então é o cliente?

É, é o cliente, geralmente é o cliente. E os prazos são sempre curtos, né? [risos]

Então o cliente fala, "ah, preciso para amanhã", e vocês se viram para conseguir?

É. É isso.

E no caso das especialidades... e quando acontece de ter um trabalho de uma área que vocês não tenham tradutores especializados para essa área. Como vocês determinam quem vai fazer o trabalho?

Então, aí a gente procura por afinidade, quem está mais ou menos próximo, porque não tem realmente alguém que entenda de todos os assuntos, né? Agora os nossos trabalhos envolvem muita pesquisa. Muita. Então a gente consulta direto a Internet, também temos critérios para consultar *sites* confiáveis, porque na Internet você encontra de tudo. E às vezes a gente precisa consultar uma pessoa de fora, né? Mas na Internet agora a gente encontra quase tudo, né? E, normalmente, quando a gente tem essa opção, a gente faz uma parceria com o cliente, que é muito bom; quer dizer, a gente monta o nosso glossário, e mostra para o cliente, para o cliente aprovar ou não. Quando a gente tem tempo, para projetos grandes, né? Então isso é super legal também, porque aí também eles já corrigem o que tiver para corrigir, e a gente acaba usando o jargão do próprio cliente. Tem cliente que dá essa abertura para a gente, né? Principalmente quando é projeto grande, que leva meses, assim. Agora tem outros que não. Que não sabem, que não entendem do assunto, e... ou só querem receber a coisa pronta e não querem problema nenhum. Tem de tudo.

E todos os trabalhos são feitos com Wordfast?

Sim.

100%?

Sim.

Mesmo quando não é necessário o uso de alguma memória pré-existente...

São.

Por quê?

Porque a gente guarda na... a gente guarda todo... a gente deixa de backup, para um futuro, para uma necessidade, para ter o nosso banco mesmo de dados.

E você falou que fez Especialização em Tradução. Você teve treinamento, algum tipo de curso, alguma coisa sobre o uso de ferramenta?

Não.

E como você aprendeu?

Na época, não. Como eu aprendi? Eu tive que aprender na marra [risos]. Mas é só assim que a gente aprende.

E os outros tradutores que fizeram Letras, que não fizeram Tradução...

Também. Todos aprenderam aqui. Na prática mesmo, né? Já dentro da Cooperativa. Na verdade, deixa eu ver... antes, antes de ter a cooperativa, eu cheguei a trabalhar para agência de tradução. É. E eu comecei em uma agência que tinha um outro programa. Foi lá que eu comecei a aprender. Mas era diferente do Wordfast. Era bem antigo [risos]. Foi lá que eu comecei a aprender, mas era diferente do Wordfast. E lá, tive que fazer um cursinho de Trados. Depois eu sai de lá, nós compramos o LDLX, aí tive que comprar o manual e começar a mexer.

Então os tradutores que fizeram a Graduação em Tradução vieram conhecer o Wordfast aqui?

Sim. Todo mundo na Cooperativa A veio conhecer o Wordfast aqui. Que eu saiba...

E o que você aprendeu na Especialização que te ajudou no seu trabalho? Você já era tradutora?

É, sim, eu já era tradutora. Eu comecei a traduzir em 92. Ah, ajudou muito, ajudou muito, ali você tem outra visão da tradução... achei que foi super importante esse curso que eu fiz. Muito importante.

Mas em quê? O que mudou a sua visão?

De tudo, da profissão como um todo, sabe? Da importância de ter um contexto, por exemplo, na tradução... é... a importância de ter uma coerência no trabalho, de ter coesão... é... fora que a gente praticou bastante, né? Durante o curso. Porque a professora dava textos, a gente tentava, e depois a gente discutia nas aulas, então também deu uma prática para gente.

Mas textos de que áreas? Várias áreas?

É. A gente fazia de várias áreas. Textos técnicos, textos literários, textos científicos... a gente tinha durante o curso,

Então você acha que ajudou no seu trabalho?

Ajudou no trabalho. Ajudou sim. Mas eu já sabia... já fazia tradução. E também pra gente pesquisar melhor, isso eu também acho que ajudou bastante nesse sentido.

No curso você aprendeu como pesquisar?

A discutir, né? Com o colega. Então acho que isso enriqueceu bastante.

Eu vou continuar com o meu roteiro, acabei saindo um pouco por conta da sua função, que vai além de ser tradutora. Você pode me falar um pouquinho da sua experiência como tradutora. Você falou que começou em 92.

É. Bom... como você sabe eu sou da área... sou paramédica. Então eu trabalhei na minha profissão por 12 anos. Até o dia que eu desisti... por vários motivos, né? A profissão não era regulamentada, a gente ganhava mal... E aí eu comecei a fazer curso de inglês, fiz um curso intensivo no Cellep, e aí eu percebi que eu gostava de tradução, achei que seria uma boa começar a trabalhar com tradução. Só que eu não tinha experiência nenhuma, nunca tinha trabalhado com tradução, nunca tinha tido contato com tradutores. Então eu pensei, “como eu faço para entrar nesse mercado?”. Aí o que eu fiz? Eu peguei a lista telefônica, e procurei agências de tradução. E liguei para uma, e falei para a dona... eu queria alguma orientação, porque eu estava terminando o curso de inglês no Cellep, que eu queria começar a trabalhar com tradução, o que ela me indicava, algum curso que eu poderia fazer, alguma coisa... ela falou para mim, “olha, acho que curso não. Acho que você precisa praticar, praticar e praticar. Se você quiser vir aqui fazer um teste...” [risos]. E eu fui! [risos]. Cheguei lá, fiz o teste lá, ao lado dela ali. Na época era máquina de escrever [risos]. Nem computador tinha... E aí eu fui aprovada. Ela começou a me dar um trabalhinho ou outro, de vez em quando, né? Bem esporadicamente. E enquanto isso eu procurei no jornal, procurava anúncio no jornal e tal, e mandei meu currículo para uma agência e eles me chamaram. Mais ou menos simultaneamente. E aí eu comecei a trabalhar para essa outra agência, mas de vez em quando, ainda prestava serviço para aquela primeira. E um dia, ela chegou para mim e falou assim, “olha, aquele trabalho que você fez, nossa, o cliente elogiou!”. É, ela ficou toda feliz e falou “vou te passar mais serviço daqui pra frente”, e foi assim que eu comecei. Aí eu trabalhava pra ela, trabalhava para a outra agência, que tinha muito trabalho nesse esquema, nesse ritmo maluco aí. Tinha que fazer pelo menos 20 laudas por dia. Até que um dia a gente achou... estava meio que se sentindo explorado, né? Porque a gente não tinha sábado, domingo, era direto. Aí chega uma hora que você cansa. Aí eu e alguns colegas resolvemos tentar montar algum negócio, fazer uma

coisa diferente, para não ficar dependendo das agências, e aí foi que a gente começou a ir atrás, ver que tipo de associação a gente poderia fazer. Aí... foi até um advogado da empresa do meu marido que sugeriu da gente montar uma cooperativa. E nós fomos atrás. Um grupinho, né? De colegas. Fomos atrás e tal. Fomos indo, fomos indo, criamos a cooperativa, e estamos aqui, até hoje.

Então você trabalhou para duas agências, é isso?

Três na verdade.

Você lembra dos nomes?

Sim. Eu trabalhei para [*nomes omitidos por questão de confidencialidade*].

Então você sempre foi *free-lancer*?

Sim.

Você trabalhava fora das agências?

Sempre fui *free*.

E você recebia salário fixo ou...

Não. Sempre por produção.

E agora, você trabalha fixo, você assinalou aqui [*no questionário que ela preencheu*] mais de 8 horas por dia.

É, mais de 8 horas por dia com tradução.

E dividindo assim, mais ou menos, porque você faz traduções, mas você também tem essa outra função. E você dividiria mais ou menos quanto tempo para tradução e quanto tempo para as outras funções?

Ai, eu tento fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Porque eu fico em casa traduzindo, mas eu tenho que dar assessoria aqui, para o pessoal, né? Então a gente fica o dia todo em contato pelo Skype, ou pelo telefone, ou dependendo, tenho que vir aqui, como hoje, por exemplo. Mas eu tenho que fazer mais ou menos as duas coisas juntas. Não dá pra separar, sabe, por hora, porque durante o horário do expediente eu tenho que estar dando suporte aqui. Eu tenho que ficar na frente do computador, tenho que estar em contato, tenho que revolver problemas, fazer orçamento para clientes, distribuindo trabalhos, enfim... mas eu fico lá em casa, e enquanto isso vou traduzindo.

E você faz, quando você está em casa, você cumpre uma jornada de mais de 8 horas.

É.

Diariamente?

Sim.

E você faz pausas?

Faço pausa para almoçar [risos]. Pra beber água, pra ir ao banheiro.

Mas você tem alguma... algum... por exemplo, “de uma em uma hora, faço uma pausa”?

Não.

Algum método nesse sentido?

Não. Às vezes eu tenho que sair, por algum motivo, tal. E às vezes tenho que ir ao médico, por exemplo. Procuro marcar meus compromissos mais ou menos no horário de almoço, um horário... não gosto de interromper o que estou fazendo.

Entendi. Então quando você começa, você vai direto.

É, eu prefiro, eu tento ir direto, até um certo horário aí. Ou eu faço... por exemplo, quando eu faço aula de pilates, eu faço no fim do período, então já terminei de trabalhar. Então é mais ou menos assim, meu esquema, né?

E a quem você recorre no caso de uma dúvida?

Às colegas mesmo.

Da cooperativa?

Da cooperativa.

As suas ferramentas de tradução, além do Wordfast. Quando você senta para traduzir, o que que você...

Eu uso meus dicionários. E o Google direto, na Internet, direto.

Dicionários livros ou online?

Agora só online, né? Quer dizer, dicionário de português eu uso online, da UOL, o Houaiss e o Aurélio. E dicionários assim, específicos, técnicos, aí eu tenho em livros. Mas mesmo assim eu consulto a Internet. Eu tenho dicionário de medicina, de mecânica, tenho vários dicionários em casa em livros, impressos. Mas, agora na Internet você acha de tudo, né? Então eu vou primeiro no Google, se eu não acho, aí eu vou para os meus dicionários.

E o Google Translator?

Não, não conheço. Quer dizer, ‘não conheço’, já ouvi falar, mas nunca usei [risos].

Nunca nenhum software de tradução automática?

Não. De jeito nenhum.

Por quê?

[risos] Porque é terrível!

E quantas laudas você costuma traduzir por dia?

Antes eu traduzia mais, quando eu trabalhava para as agências. Mas com a experiência, a gente ganha prática, mas por outro lado, a gente fica mais cuidadosa, e a gente acaba pesquisando cada vez mais, então isso acaba tomando mais tempo. Então, antes eu chegava a fazer 20 laudas por dia, até mais. Hoje em dia eu faço 10.

Mas considerando a lauda com quantas palavras?

Umas 180 palavras, mais ou menos. Porque a nossa lauda aqui é de 1000 caracteres. Sem espaço, então corresponde mais ou menos a 180 palavras. É que depende também do assunto, né? Se é um assunto que eu domino, vou mais rápido, faço... se é um cliente que eu já atendo há muito tempo, já conheço toda a terminologia, já tenho coisas na memória também, aí eu faço bem mais rápido. Mas se é um assunto novo, aí é no máximo 10 laudas por dia.

E você utiliza alguma técnica específica para tradução que você tenha aprendido, seja no curso ou com a prática?

Alguma técnica? Eu acho que não. Eu faço minha tradução, depois no final eu dou uma lida, né? Eu costumo fazer isso. Aliás, quando eu reviso um texto eu também faço isso. Eu deixo só o texto traduzido e leio assim seguido, para ver se está coerente, sabe? Se está legal o texto... então eu faço a minha revisão, antes de mandar para o revisor. Passo o corretor ortográfico, tudo, né? Antes de mandar para o revisor. Mas assim, não tem nada de especial...

E isso no Wordfast?

É.

Você está satisfeita com a profissão?

Eu gosto muito. Gosto muito. Estou satisfeita sim. Embora às vezes, meio cansada, mas eu me realizei mais nessa profissão do que na anterior.

Então nessa você pretende ficar?

Pretendo.

Você já trabalhou para editora?

Trabalhei um pouquinho.

Então qual é a diferença entre o trabalho para editora e o trabalho para agência, já que você tem a experiência com as duas?

É, na editora eu também fazia tradução de livros na área de medicina, né? Ah, eles pagavam bem pouquinho, e o dono da editora, depois, ele ia, aí mudava um monte

de coisas... e o prazo era mais tranquilo, né? O prazo era mais tranquilo, não tinha tanto aquela cobrança como tinha nas agências. Era igual.

Você não tem a formação acadêmica em tradução, mas você acha que se tivesse, teria alguma... faria diferença no trabalho?

Diferença? Acho que não. Acho também que a tradução é como se fosse um dom, né? Tem pessoas que têm jeito para isso, e tem outras que não. Tem pessoas que conhecem muito bem o idioma, falam muito bem, se expressam até em várias línguas, mas não sabem escrever. E, então eu acho que não precisa necessariamente ser formado em Letras ou em Tradução. Eu conheço muitos tradutores muito bons que não eram formados em Tradução. Então eu acho que existe um pouco disso, sabe? Da pessoa ter vocação.

Sobre valores, se você quiser falar... quanto você recebe por lauda traduzida?

Então, quanto eu recebo limpo, limpo, limpo? Porque a gente cobra do cliente... depende, se é tradução ou versão, né? Depende do tipo de trabalho. Mas vamos supor: uma tradução simples, do inglês para o português, a gente cobra R$ 0,22 por palavra do cliente, ou R$ 38 a lauda. Tá? A gente tira 35% que é a taxa de administração, que fica para a Cooperativa. O resto é para o tradutor, revisor e coordenador. Eu acho que chega a uns R$ 18. Tirando a parte do revisor, tirando a parte do coordenador, o tradutor chega a ganhar uns R$ 18 por lauda. Por aí. A gente ganha pelo menos o dobro do que ganharíamos em uma agência.

É isso que eu ia perguntar.

Quase o dobro.

Tem uma base do mercado?

Tem. Tem base no mercado. A gente fez uma pesquisa grande... colegas minhas que trabalham com agência ganham R$ 9 a lauda, R$ 10 a lauda. Já vi R$ 8. E a gente ganha no mínimo... eu acho que se considerar impostos, tudo junto, acho que dá no mínimo uns R$ 15. A gente ganha mais. Por isso que a gente resolveu fazer a cooperativa, criar a cooperativa, né? Mas, também, tem a contrapartida, que você tem que assumir a empresa e tem que administrar a empresa, né? Você tem que ir atrás de clientes, você tem que... tudo por sua conta, da Cooperativa, então... tem esse lado também, e os nossos impostos são muito altos, né?

Então a última pergunta, eu já vou deixar você ir fazer suas coisas. O que é necessário para ser um tradutor ou de agência, ou da cooperativa, por exemplo? Quais são as características?

Bom, tem que ter um ótimo conhecimento dos idiomas que a pessoa vai traduzir. Tem que ter uma ótima redação. Tem que ser uma pessoa que gosta de fazer pesquisa. Tem que ser uma pessoa minuciosa, atenciosa. E... eu acho que é isso. E tem que ter aquele dom, aquela vocação. Tem que gostar de trabalhar sozinho, porque algumas pessoas não... apesar que a gente tem contato uns com os outros, mas cada um na sua casa, né? Uma coisa meio que isolada. É... isso. Acho que é isso.

Tradutor 8 – respostas por e-mail (perguntas diferentes)

O que é necessário para abrir uma agência de tradução?

No meu caso, a tradução veio como acréscimo. Eu havia tido uma associação de professores (na verdade, de professoras) e depois fomos obrigadas a transformá-la em empresa. Nós trabalhávamos apenas com aulas. Quando fechamos a empresa, eu decidi abrir outra e acrescentar traduções, pois às vezes apareciam alguns pedidos.

Você trabalha com o Trados ou alguma outra memória de tradução?

Nós chegamos a comprar, mas depois desistimos de usá-los, pois os clientes que tínhamos mudavam muito o tipo de assunto e não valia a pena usá-lo.

Por que a decisão de abrir uma agência?

Na verdade, as coisas aconteceram por acaso. Eu trabalhava em uma escola que dava aulas para estrangeiros. Eu trabalhava principalmente com português. Houve um momento em que a escola começou a abusar do nosso trabalho. Não tínhamos nenhum benefício, etc., etc. Decidimos sair da escola e abrir uma associação. A ideia da associação é muito interessante, mas quando começa a haver lucro, não é mais possível mantê-la. Por esse motivo abrimos uma empresa para dar aulas. A experiência de trabalhar em escola não havia sido boa para nós. E depois, acho que a resposta está na primeira pergunta, ou seja, abri uma empresa e acrescentei traduções porque havia pedidos. (Digo 'nós' porque éramos 5 professoras e depois 'eu', porque acabei abrindo uma empresa praticamente sozinha)

Quais são as etapas pelas quais passa um texto a ser traduzido, desde o primeiro contato do cliente até a entrega do trabalho final? (revisão, controle de qualidade etc)

A maioria dos nossos clientes já nos conhecia. Alguns também foram indicados. Raríssimos os que vieram por anúncio. Então, eles enviam um texto ou CDC, dependendo do tamanho do trabalho a ser feito, e a Telma faz o orçamento. Depois da aprovação, o trabalho começa a ser feito. A Telma passa para algum tradutor ou faz a tradução. Quando eu tinha mais tempo, as traduções eram divididas entre nós duas e, às vezes, com um ou dois tradutores. Normalmente, eu traduzo o texto e o envio para revisão. Na volta da revisão, ainda faço a leitura final. Quando a Telma ou outro tradutor traduz, eu faço a revisão.

Como é estabelecido o prazo? Quem determina isso, você ou o cliente?

Normalmente o cliente, mas nós tentamos negociar prazos. Embora, o prazo quase nunca seja negociável, mas, às vezes, quando conseguimos negociá-los fazemos um abatimento no valor.

Existe um feedback dos clientes? Como funciona? (existe algum relatório que eles respondem, ou algum sistema de avaliação do trabalho proposto por você?)

A Telma fazia uma avaliação para as aulas, pois os alunos gostam desse tipo de fechamento do curso. Quanto aos clientes de tradução, isso não funciona. Eles estão mais preocupados com valores e prazos. Embora, muitas vezes, os clientes falem que a tradução tenha ficado ótima, quando eles decidem enviar para outra agência, eles dizem que enviaram para outro por causa de preço.

BIBLIOGRAFIA

ABNT – CB 25 – Comitê Brasileiro de Qualidade. *O que significa a ABNT NBR ISO 9001 para quem compra?*. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/qualidade/pdf/CB25docorient.pdf>. Acesso em 20 mar. 2012.

AFONSO, Victor. Os caminhos da tradução literária. Disponível em: <http://ohomemquesabiademasiado.blogspot.com/2008/04/os-caminhos-da-traduo-literria.html>. Acesso em: 18 set. 2009.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriano. *Traduzir com Autonomia*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 159 p.

ANDREW CHESTERMAN homepage. Selected Publications. Disponível em <www.helsinki.fi/~chesterm/Selpubs.html>. Acesso em: 21 jul. 2009

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EMPRESAS DE TRADUÇÃO. Disponível em: <http://www.apet.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=12>. Acesso em 14 jan. 2012.

BAKER, Mona (org.). Routledge encyclopedia of translation studies. London and New York: Routledge, 1998. pp. 144.

BECH, Svend; MARTÍNEZ, Jesús M.; WAGNER, Emma. *Translating for the European Union Institutions*. Manchester: St. Jerome, 2001.

BENEDETTI, Ivone Castilho; SOBRAL, Adail Ubirajara. *Conversas com Tradutores*. São Paulo: Parábola, 2003. 216 p.

BERNARDINI, Silvia. 2002. Educating Translators for the challenges of the new millennium: The potential of parallel bi-directional corpora. *Training the language services provider for the new millennium*. Belinda Maia, Johann Haller and Marguerita Ulrych (eds.). Porto: Universidade do Porto. 173-186.

CHESTERMAN, Andrew; WAGNER, Emma. *Can Theory Help Translators? A dialogue between the ivory tower and the wordface*. Manchester: St. Jerome, 2002.

CHESTERMAN, Andrew. Proposal for a Hieronymic Oath. *The Translator* 7:2, p. 139-154, 2001.

DOLLERUP, Cay. *Perspectives: Studies in Translatology*. Clevedon, England: Multilingual Matters Ltd., vol. 10, 2003.

GREFENSTETTE, Gregory. 2002. The WWW as a Resource for Lexicography. In Correard, Marie-Hélène (ed.). *Lexicography and Natural Language Processing – a Festschrift in Honour of B.T.S. Atkins.* Euralex 2002, 199-215.

KOSKINEN, Kaisa. Institutional Illusions. *The translator*, 6 (1), p. 49-65, 2000.

MILTON, John. *Para Ser Tradutor ou Para Melhorar a Língua? Por que Estudantes Brasileiros Escolhem Cursos de Tradução?.* In: TradTerm Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, vol. 6, 2000, pp. 83-105.

O RETRATO da tradução no mundo. Revista Língua Portuguesa. São Paulo, n.48, p. 09, Out. de 2009.

PYM, Anthony. *Exploring Translation Theories*. Taylor and Francis, 2009. 264 p.

PYM, Anthony. *On Empiricism and Philosophy in Translation Studies*. Disponível em: <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/research_methods/2009_penang.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2009.

PYM, Anthony. On Translator Ethics: Principles for Mediation Between Cultures. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2012.

PYM, Anthony. Translator training. Disponível em: <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/training/2009_translator_training.pdf>. Acesso em 06 maio. 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor, 1991.

SINDICATO NACIONAL DOS TRADUTORES. Valores Praticados. Disponível em: <http://www.sintra.org.br/site/index.php?p=c&pag=precos>. Acesso em 17 fev. 2012.

TRADUTOR 24 HORAS. Disponível em: <http://tradutor24horas.sites.uol.com.br>. Acesso em 25 mar. 2012.

TRANSLATION JOURNAL. Translator Profiles. Disponível em < http://accurapid.com/Journal/38prof.htm>. Acesso em: 21 jul. 2009.

UK Translations Companies. UK Translations agencies. Disponível em: <http://www.uktranslationcompanies.co.uk>. Acesso em 22 mar. 2012.

YUNKER, John. *The Savvy Client's Guide to Translation Agencies*. Byte Level Books, 2010. 213 p.

ZANETTIN, Federico. 2003. DIY Corpora: The WWW and the Translator. In Maia. Belinda. Johann Haller & Margherita Ulrych (eds.). *Training the Language Services Provider for the New Millenium – Proceedings of the III Encontros de Tradução de Astra-FLUP*. Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto. 239-248.

ZELLER, Beatriz. On Translation and Autorship. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/2000/v45/n1/004640ar.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2012.